esad
arte+
design

Porto sem Ponto

Modos de explorar a cidade orientados em confronto com a cidade publicitada.

Inês Bastos da Silva Fernandes

Projeto de Mestrado em Design de Comunicação, apresentado à ESAD, e realizado sob a orientação do **Prof. Doutor Daniel Brandão** e co-orientação do **Prof. Doutor Anselmo Canha** e **Prof. Doutor João Tiago Santos**.

Porto, 2018



_ s e m p o n t o

agradecimentos:

Ao Pedro pelo incansável e constante apoio, motivação, ajuda e carinho. Ao orientador e co-orientador, Daniel Brandão e Anselmo Canha respetivamente, pela paciência, disponibilidade, cuidado e acompanhamento. Aos amigos pelo genuíno interesse e dedicação. À mãe e ao pai por tudo. E aos participantes desconhecidos pela simpatia e *feedback*, motivação essencial ao longo de todo o processo.

key words:

Identity;
Urbanism;
Place;
Drift;
Psychogeography.

abstract:

Based on the Theory Drift — from the Situationist International Movement — this project aims to explore the type of relation the subjects establish with the environment, in order to promote freer and more personal ways of exploring the city.

We have proposed actions motivating the abandonment of capitalist barriers embodied in maps, and instigators of subjective explorations of the complex space that is the city.

We inquired how unplanned and emotionally guided visits allowed a better understanding of their real life, surpassing the city that is sold.

We provided the participants with the discovery of a new psychogeographic dynamic of the city, that is, of its capacity to influence feelings, interpretations and behaviors.

palavras chave:

Identidade;
Urbanismo;
Lugar;
Deriva;
Psicogeografia.

resumo:

Tendo por base a Teoria da Deriva — do Movimento Internacional Situacionista — este projeto visa explorar o tipo de relações que os indivíduos estabelecem com o ambiente, no sentido de promover formas mais livres e pessoais de explorar a cidade.

Propusemos ações de motivação ao abandono das barreiras capitalistas encarnadas nos mapas, e suscitadoras de explorações subjetivas do espaço complexo que é a cidade.

Indagámos como é que visitas não planeadas e guiadas emocionalmente permitiam uma melhor compreensão da sua vida real, ultrapassando a cidade vendida.

Proporcionámos, aos participantes, a descoberta de uma nova dinâmica psicogeográfica da cidade, ou seja, da sua capacidade para influenciar sentimentos, interpretações e comportamentos.

índice:

introdução ..... ***19* - 21****
proposta de projeto;
pertinência;
público-alvo;
objetivos gerais;
metodologias;
enquadramento no ciclo de estudos;
estrutura do documento.

capítulo 1 ..... ***22* - 43****
enquadramento teórico
1.1 identidade, tradição e memória *25**
identidade cultural e visual;
identidade individual: Pedro Brandão, A Identidade dos lugares e sua representação coletiva;
tradição;
cristalização da memória: Andreas Huyssen, Seduzidos pela memória;
lugares de memória: Pierre Nora, Les Lieux de Mémóire;
1.2 urbanismo *26**
a relevância dos espaços esquecidos: Marc Augé, Sobremodernidade e Não-lugares;
visão crítica sobre a influência dos mapas no contacto com a cidade: Brian Harley, Cartografia crítica;
cidade como conjunto de referências pessoais: Kevin Lynch, Imagem da Cidade;
interação com o espaço: Movimento Internacional Situacionista, Psicogeografia.
1.3 contexto do Porto *34**
panorama histórico;
património cultural & best destination;
turistificação;
crise de habitação;
conflito da identidade urbana;
barreiras físicas e não-físicas;
Porto-postal-plástico.
1.4 síntese conclusiva *42**

capítulo 2 ..... ***44* - 53****
estado de arte
2.1 Outros Portos / Mau Guia *47**
2.2 The Worst City Tours *47**
2.3 Trip *48**
2.4 Museum of Ransom *49**
2.5 Bonfim. Ilhas do Tesouro *50**
2.6 Bye Bye Barcelona *52**
2.7 Terramotourism *53**

capítulo 3 ..... ***54* - 111****
projeto
3.1 introdução *57**
objetivos e enquadramento
3.2 desenvolvimento *57**
metodologia & trabalho de campo:
registos visuais;
entrevistas.
produção & pós-produção:
experiências iniciais.
ações:
mapa de guerrilha *72**
detalhes e opções técnicas;
obstáculos que obrigaram a alterações;
divulgação no espaço público.
cartazes de propaganda *80**
detalhes e opções técnicas;
obstáculos que obrigaram a alterações;
divulgação no espaço público.
mapa *interativo* *84**
detalhes e opções técnicas;
obstáculos que obrigaram a alterações;
divulgação no espaço público.
exposição *92**
detalhes e opções técnicas;
obstáculos que obrigaram a alterações;
divulgação no espaço público.
diy *96**
detalhes e opções técnicas;
obstáculos que obrigaram a alterações;
divulgação no espaço público.
jornal de sala *104**
detalhes e opções técnicas;
obstáculos que obrigaram a alterações.
3.3 validação *108**
reações por parte do público.
3.4 interpretação *110**

capítulo 4 ..... ***112* - 117****
conclusões
síntese conclusiva;
limitações do projeto;
perspetivas de trabalho futuro.

capítulo 5 ..... ***118* - 121****
bibliografia

+ anexos - extras visuais

introdução:

Devido a uma série de nomeações e outros fatores que aumentaram a visibilidade da cidade e que serão abordados mais à frente (pág.34), o Porto viu-se em inúmeras listas, de vários autores, de cidades recomendadas a visitar e virou rapidamente uma tendência. Moda que se foi acentuando e que proporcionou um súbito crescimento turístico em relação aos anos anteriores.

Graças a este *boom* de popularidade surgiu a necessidade de adaptação da infraestrutura da cidade e do próprio comércio local e tradicional, com maior ênfase no centro histórico, para melhor servir e facilitar a experiência de quem visita. Mas, esta crescente sobre-exploração da cidade e exaltação eufórica das suas tradições resultou numa descaraterização de si mesma, e é aqui que nasce a motivação para este projeto.

O Porto sem Ponto, nome dado ao projeto, expressa-se na comunicação e intervenção no espaço urbano com os principais objetivos de estudar as relações entre os indivíduos, principalmente visitantes, e a cidade "parcial, fragmentária, impregnada de memórias e significações" (Lynch, 1960, pg.11, tradução livre) e perceber como é que é gerida a vivência do lugar por parte da maioria, analisando até que ponto é que os serviços de consumo turístico interferem ou manipulam nessa relação. Os nossos intuitos são: promover a quebra das barreiras e limites estipulados por esse tipo de serviços, dedicados ao turista, que tendem a inibir a dispersão e real experiência do espaço; e fomentar a descoberta da parte negligenciada da malha urbana.

O projeto traduz-se, então, na promoção da criação de um percurso aleatório, pessoal e único para cada indivíduo participante, através de um desenho ou rabisco do próprio, baseado nas suas emoções e vontades do momento.

Estas ideias apoiam-se no conceito de Psicogeografia — análise do efeito do ambiente geográfico nas emoções e comportamentos dos indivíduos — e na Teoria de Deriva — uma espécie de passeio experimental no qual o indivíduo abandona todas as suas referências e deixa-se envolver pelo espaço, ambiente e situações que encontra — ambas do Movimento Internacional Situacionista.

O projeto foi difundido e exposto no espaço público para possibilitar o contacto e diálogo direto com o maior número de pessoas possível e, para que quando numa fase mais avançada, a apresentação e explicação das nossas motivações fosse mais natural.

Sendo esta uma proposta de caráter social e consequentemente variável o método de trabalho foi o de investigação-ação, que, numa primeira parte de rua, se manifestou através da observação e análise de comportamentos, solidificada por conversas ou entrevistas com os indivíduos de estudo, e depois, na fase de produção através da seleção de dados e estratégias mais indicadas a usar.

A deriva, técnica inerente ao projeto, foi também usada como método, tanto na fase inicial de recolha, para melhor entender os tipos de relação ou interação com o espaço envolvente, como também na fase de produção, aqui mais técnica, reforçando a liberdade de alteração ou melhoria de uma qualquer decisão que se revele pouco produtiva quando testada pelo método de investigação-ação.

O projeto enquadra-se no ciclo de estudos pela pertinência e atualidade do tema tratado, pela metodologia adoptada para veicular e enquadrar a mensagem desenvolvida no momento atual e pelos produtos gráficos escolhidos para a divulgar, os quais permitem avaliar comportamentos e ponderar formas de produzir efeitos em públicos alvo específicos, nomeadamente alterando opiniões e formas de viver o espaço.

A estrutura do documento segue uma linha de pensamento bastante orgânica sendo que a primeira parte se refere ao enquadramento teórico, no qual se dá o esclarecimento de alguns conceitos e ideias diretamente relacionadas com o tema. Imediatamente depois, no estado da arte, expomos a análise de uma série de projetos de alguma forma semelhantes ao nosso, quer pelo conceito quer pela execução. De seguida, e já em sede do nosso projeto, expomos e explicámos todas as nossas ideias, decisões, experiências e etapas e depois, apresentámos as conclusões juntamente com uma análise de resultados. Por fim, uma lista de livros e artigos consultados tanto na fase de idealização como de execução desta proposta.

1.



1. Porto - Melhor Destino Europeu 2014 (MDE 2014)
Still-frame do vídeo oficial do Porto - MDE 2014 produzido por Atmos Aerial Filming.

1 enquadramento teórico

Este capítulo dedica-se à introdução de alguns dos conceitos mais imediatos associados às nossas ideias base para a proposta.

Em primeiro lugar, abordámos os temas identidade, tradição e memória que consolidaram e moldaram as nossas convições e ajudaram na criação de padrões de pensamento e lógica no processo de idealização.

Foram também recolhidas informações em torno de conceitos de urbanismo considerados relevantes, por se tratar de um projeto relacionado diretamente com uma cidade.

Estes quatro temas montam um cenário simultaneamente teórico e prático a ser aplicado a um espaço específico, a cidade do Porto e foi, por isso, realizada também uma pesquisa abrangente em relação à evolução desta cidade, com ênfase em alguns dos fenómenos mais impactantes na sua transformação.

.1 identidade, tradição e memória:

Identidade: Conjunto de caraterísticas particulares que identificam e distinguem pessoas, animais, plantas e objetos inanimados. Dentro da identidade há duas vertentes que interessam explorar no contexto deste projeto: a cultural — conjunto das caraterísticas que representam os hábitos de uma nação, as suas tradições, cultura, religião, música, culinária, modo de falar, entre outros — e a visual — representação gráfica que caracteriza uma empresa ou um produto, geralmente traduzida num símbolo gráfico para divulgação de uma marca em contexto de mercado com o objetivo de reconhecimento imediato.

"O conceito de identidade comporta sempre uma referência de interatividade, em que as relações com o que é exterior, são constitutivas da identidade […] Individualmente, a identidade é percebida pelo sentimento de pertença, através de uma coerência entre narrativas e experiência pessoal (individual ou social) do lugar."
(Brandão, P., 2008, pg.14)

O quadro geral e mais imediato de uma cidade corresponde à sua identidade, que se assume como o resultado do vínculo entre os indivíduos e o seu ambiente, e se manifesta numa série de padrões comportamentais e tradições que caraterizam e diferenciam um povo.

Ou seja, a identidade da urbe, refletida nas suas tradições e costumes, resulta de um prolongamento da identidade dos seus habitantes, adaptando-se e transformando-se consoante as suas necessidades, vontades e intenções.

Uma tradição — palavra que vem do latim e que significa literalmente entregar ou passar algo — corresponde à continuidade, permanência e adaptação de uma ou várias ideias, visões, costumes, comportamentos e valores. Isto é, corresponde a uma série de símbolos que são transmitidos de geração em geração, geralmente não escritos nem oficializados mas passados de boca em boca, dentro de um grupo social ou comunidade acabando por integrar a sua própria cultura.

Por se tratar de "algo variável que deve ser defendido, onde a mistificação deve ser construída e reconstruída ao longo do tempo." (Goodson, 1994, p.118) surge a necessidade de questionar a aparente vontade de cristalizar a memória dessas tradições e costumes — muito comum para servir quem visita e procura o "tradicional" — em contrapartida com a lógica natural de que o presente influencia e altera o passado e que o trabalho de adaptação à mudança fica à responsabilidade da comunidade.

Uma das manifestações mais evidentes das vontades de manter uma qualquer tradição é o aparecimento de Lugares de Memória, um conceito criado por Pierre Nora que corresponde ao fenómeno resultante da emergência da memória relacionada com o espaço físico, e se traduz na criação de um inventário de lugares que sai do registo físico e tangível e entra no mundo do simbólico e emblemático, onde se congela a memória de uma gente e onde grupos se identificam, reconhecem e pertencem.

Esta necessidade, de armazenar e constantemente recuperar sensações já experienciadas, está muitas vezes associada a uma fuga da realidade e a um medo de esquecer, ou até a um recorrer à zona de conforto do conhecido e controlável. Andreas Huyssen explica como a partir de 1980, a memória se tornou a preocupação chave da cultura ocidental e como houve uma massificação de museus, reabilitações e investimentos em tradições e património cultural.

E é este o panorama que aparentemente se vive no centro histórico da cidade do Porto e na maioria das restantes cidades/ focos turísticos. Mas aqui, estas alterações urbanísticas e sociais não se dão pela vontade ou receios da própria comunidade, mas com o objetivo de atender às necessidades económicas e vender uma ideia do local e dos seus costumes ao visitante. Sendo esta a tendência que pretendemos analisar.

Pierre Nora: Historiador francês, conhecido pelo seu trabalho acerca da identidade e memória francesas;

Andreas Huyssen: Professor e escritor alemão, aqui mencionado pelos seus estudos relacionados com a memória cultural, trauma histórico, cultura urbana e globalização.

.2 urbanismo:

A cidade, enquanto espaço de percepção não "integra, mas sim bastante parcial, fragmentária e envolvida noutras referências" (Lynch, 2003, p. 12) e que desafia os limites do físico e do psicológico, do público e do privado, corresponde à extensão e ao resultado do seu entendimento por parte dos seus ocupantes.

Kevin Lynch conclui no seu livro "The Image of the City" — produto de cinco anos de observação e estudo — que geralmente as pessoas entendem a cidade de forma bastante consistente e previsível e que tendem a formar mapas mentais que se resumem a cinco elementos principais: as vias ou caminhos, os limites, os bairros, os pontos nodais e os marcos.

Mas com o avanço do tempo e da experiência, surgem cada vez mais referências que moldam o indivíduo. Uma abundância intrinsecamente relacionada com a produção de espaços ou zonas de transição que não cumprem as caraterísticas de lugar antropológico por não possuírem significado suficiente para serem consideradas, e que, consequentemente, facilitam a esquizofrenia da vivência do espaço e impossibilitam a emergência do singular. De seu nome os Não-Lugares, um conceito criado por Marc Augé que diz respeito ao produto resultante da sobremodernidade global aplicada ao urbanismo.

Geralmente os Não-Lugares estão associados a espaços como aeroportos ou estações de serviço, mas queremos aqui aplicar este conceito de não lugar aos pontos turísticos ou mais emblemáticos de uma cidade, pois, tal como os anteriores, estes últimos tendem a tornar-se espaços de passagem/circulação, não reais nem vividos. Uma sobremodernidade agora resultante das fantasias que são criadas e alimentadas, com o objetivo de manter um qualquer simbolismo intacto, mas que consequentemente transformam o espaço num já não espaço.

Estes fenómenos, tanto o de esquematização e sintetização mental da cidade como o da existência de lugares que não se classificam como lugares, são induzidos pelas técnicas de comunicação que valorizam os marcos mais passíveis de cumprir as estratégias comerciais do território e que, muitas vezes, se ancoram no seu consumo massificado (muita gente a consumir o mesmo e o mais fácil desse território).

Os mapas — objetos não neutros nem livres de valor mas que refletem e perpetuam relações de poder — correspondem a uma dessas técnicas criadas com o objetivo de limitar a nossa experiência e relações com o mundo, atacando diretamente a imaginação individual e todas as suas possibilidades, através da criação e distribuição de imagens otimizadas que acabam por se tornar a realidade da própria cidade.

Seguindo esta linha de pensamento chegámos ao conceito de Cartografia Crítica, defendido por Brian Harley e que, tal como o próprio nome indica, consiste numa nova prática de mapeamento com base na teoria crítica, na qual o fator chave não será o mapa como produto final mas sim o seu processo de criação, que usufrui de uma aprendizagem com múltiplas perspetivas e que resulta da conjugação de diferentes mapas, pessoais ou coletivos, através da discussão e do consenso. Ou seja, trata-se de um exercício de mapeamento que valoriza a experiência e as relações pessoais dos indivíduos com o ambiente no seu processo de criação.

Disciplina e técnica relacionada com o estudo, regulação, controle e planeamento da cidade em resposta ao crescimento demográfico e aos problemas e solicitações da população. Uma cidade é uma povoação que corresponde a uma categoria administrativa, geralmente caraterizada por uma elevada densidade populacional e determinadas infra-estruturas — Urbe.
Atualmente, há uma tendência de metamorfose das cidades em busca de uma vantagem competitiva no "espírito do lugar", de forma a oferecerem aos seus visitantes o melhor do seu património histórico.
A atribuição do estatuto de "património mundial" pela UNESCO, tornou-se assim uma distinção simbólica importante no jogo global, dada a sua considerável influência na promoção das próprias cidades.

"A sobremodernidade aparece quando a história se torna atualidade, o espaço imagem e o indivíduo olhar. Por oposição à pós-modernidade, concebida como adição arbitrária de traços aleatórios, a sobremodernidade dependeria de três figuras de excesso — tempo, espaço e individualismo."
(Augé, 1994, pg.163, tradução livre)

(SI) Membros do Movimento Internacional Situacionista. Um movimento de intensa postura crítica, política e artística influenciado pelo dadaísmo e pelo surrealismo que surgiu da fusão de várias tendências artísticas de vanguarda, em 1957. O termo situacionista surgiu da ideia de criação de situações, sendo que cada um deveria criar as suas próprias através da relação com os espaços físicos.
Os membros deste movimento tinham como principal objetivo abolir a noção de arte como atividade especializada e remota e transformá-la num elemento construtivo da vida quotidiana, rejeitando o funcionalismo racional e a cultura de consumo.
Para caraterizar a alienação social e afastamento gradual da vida real para a representação da sociedade moderna e industrializada, criaram o conceito Sociedade de Espetáculo, desdobrado na obra homónima de Guy Debord, principal membro do movimento. O espetáculo, correspondendo à principal produção da atualidade ganha realidade própria apesar de abstrato — cultura da imagem — ou seja o fictício torna-se palpável, a ilusão materializa-se, a imagem e a acumulação de capital limitam a interação social e legitimam o ser, há uma unificação da vida humana com uma vida de aparências, o mundo perde a sua essência.

Como complemento à Cartografia Crítica de Brian Harley, resposta aos impasses referidos anteriormente e ainda aproximando-nos de uma exploração mais natural e orgânica da cidade, chegámos ao trabalho do Movimento Internacional Situacionista.

Igualmente recusando o objeto e a imagem final e valorizando o processo de criação e espontaneidade, os Situacionistas Internacionais (SI) apoiaram-se na busca pelo desconhecido e pela surpresa no espaço físico — processo dificultado pela disposição impessoal da arquitetura moderna e industrial e pelas técnicas de mapeamento tradicional — e propuseram um novo tipo de urbanismo, vivo, atual, desprovido de normas e combinado com a arte. Que se traduz num labirinto caraterizado pela desorientação e mapeado através dos desejos e exigências pessoais de cada um, no qual o indivíduo teria o papel principal, isto é, um novo tipo de urbanismo aliado à análise psicogeográfica.

A Psicogeografia, termo definido em 1955 por Guy Debord, significa literalmente a psique da geografia, ou seja, a capacidade por parte de um ambiente, neste caso de uma cidade, de manipular as emoções e comportamentos de um indivíduo.

Os SI criaram ainda o conceito de Teoria da Deriva, que se desdobra numa espécie de passeio orgânico, orientado apenas através da auto-análise dos efeitos psicogeográficos de estímulos exteriores. Muito recorrentemente, a deriva resulta num desvio aos considerados caminhos "pré-estipulados" e, consequentemente, à descoberta dos lugares.

Lugares, em oposição aos Não-Lugares mencionados na página anterior, são os espaços geográficos ocupáveis e propícios à formação de relações e atribuição de significado por parte do indivíduo. Como complemento ao nosso raciocínio anterior, confrontando os pontos turísticos como não lugares, queremos referir-nos a lugares como os outros espaços e caminhos, de transição entre esses pontos.

Tratando-se de um movimento composto por maioritariamente artistas visuais, foram elaboradas múltiplas experiências visuais em torno do tema cartografia, nas quais, em vez de rejeitarem os mapas já existentes, os artistas frequentemente usufruíam do seu potencial como base de exploração e dispersão para questionar a sua própria realidade. É através dessa desconstrução de mapas tradicionais, que aqueles acabavam por criar e revelar as suas próprias cidades, nascendo assim os mapas psicogeográficos — uma utopia anónima com várias perspetivas do mesmo espaço e tempo — que fornecem informações do passado e indicações para um futuro urbanismo.

É neste Movimento e neste "modo experimental de comportamento conetado às condições da sociedade urbana" ou "técnica de passagem transitória por variados ambientes" (Situationist International, 1981, pg.45) que se apoiará o nosso projeto.

Kevin Lynch: Urbanista e escritor americano, conhecido pelo seu trabalho sobre as formas de percepção dos ambientes urbanos e um dos pioneiros a propôr o mapeamento mental;

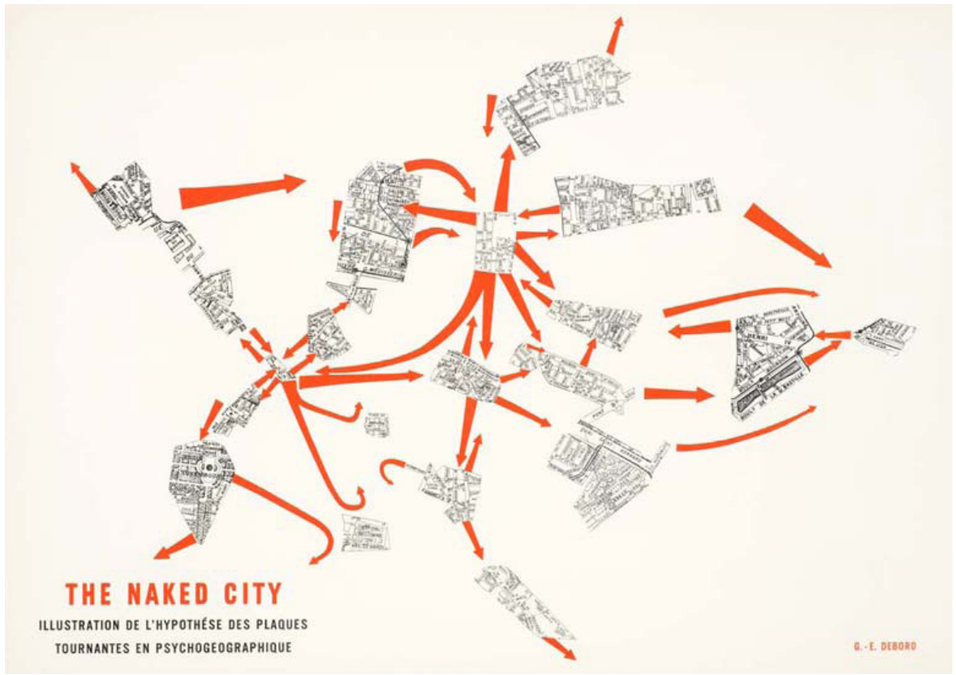
Marc Augé: Antropólogo francês, cujos estudos foram aplicados em inúmeras investigações relacionadas com o modernismo global;

Brian Harley: Geógrafo, cartógrafo e historiador inglês, cujo trabalho influenciou vários geógrafos e teóricos sociais;

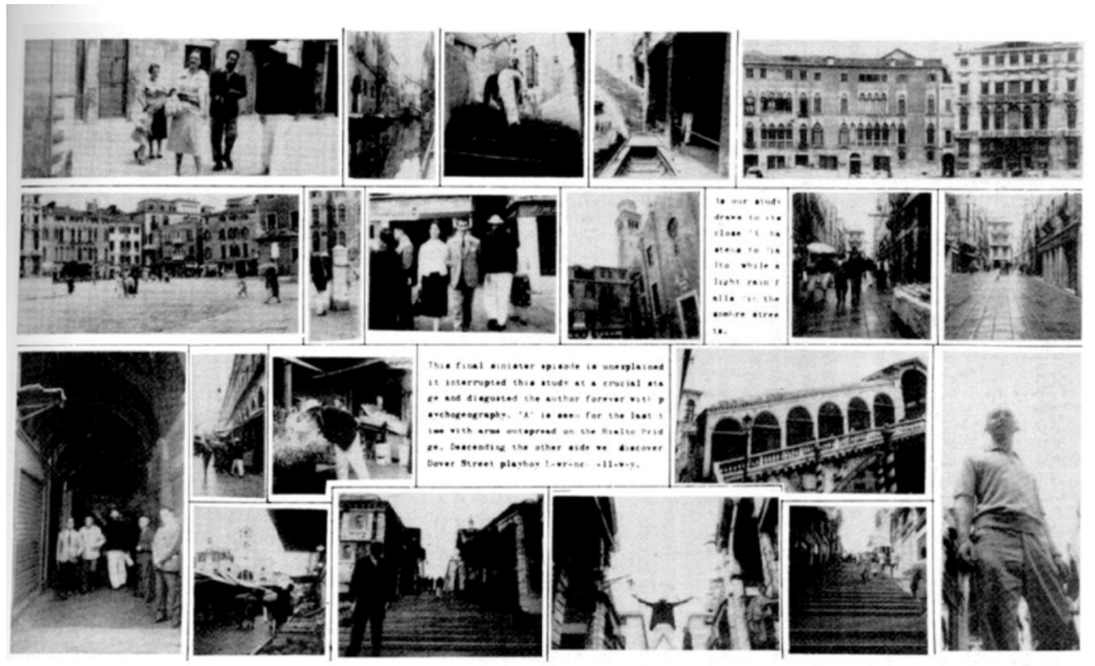
1.



2.



3.



1. The map of tendre (1653-54), François Chauveau
Um mapa de uma terra imaginária, concebida como jogo social entre 1653-54 e abordada na obra Clélie de Madeleine de Scudéry, que representa o caminho para o amor de acordo com as précieuses. O preciosismo foi um estilo popular entre as damas espirituosas, insuflado de elegância e amores platónicos.

2. The naked city (1957), Guy Debord
Mapa de Paris fragmentado, disposto através de recortes de um mapa já existente e complementado com setas vermelhas direccionais. Esta desconstrução e reconstrução situacionalista da cidade possibilita uma compreensão das relações do espaço com as emoções dos habitantes.

3. Psychogeographic map of Venice (1957), Ralph Rumney
Uma espécie de mapa comportamental construído através da colagem de fotografias sequenciais de vistas de ruas.
A abrir com uma panorâmica e acompanhado de legendas, é uma tentativa de renderizar a deriva urbana na escrita cinematográfica e funciona como uma sequência, frame a frame, do filme que seria a viagem pela cidade.

4.



5.





4. New Babylon Paris (1963), Constant Nieuwenhuys
Mapa com um conjunto e sucessão de estruturas transformáveis com o objetivo de criar experiências de uma vida alternativa na qual os grilhões burgueses, a vida familiar e as responsabilidades cívicas seriam descartadas. A obra baseou-se na ideia de que a própria arquitetura pode permitir e instigar a uma transformação do quotidiano.

5. Fin de Copenhague (1957) & Mémoires (1959), colaboração entre Alger Jorn e Guy Debord
Livros de artista provocadores e revolucionários. De narrativa severa e direta, os autores questionam a sociedade de consumo e ridicularizam-na com o auxílio de ilustrações de produtos, objetos ou ideais modernos e recortes de jornais ou revistas. As páginas são sempre cobertas com uma segunda camada de tinta enfatizando a direção de leitura.

François Chauveau: Pintor francês, um dos mais importantes da época, notável pela sua cultura e imaginação.

Guy Debord: Escritor e pensador francês conhecido como o pai do Movimento Internacional Situacionista.

Ralph Rumney: Artista inglês, um dos membros fundadores da Associação de Psicogeografia de Londres.

Constant Nieuwenhuys: Pintor, escultor, artista gráfico e músico holandês, que trabalhou, desde os anos 50, numa série de pinturas, esboços, textos e modelos arquitetónicos que descreviam uma sociedade pós-revolucionária.

Alger Jorn: Pintor, escultor, artista cerâmico e autor dinamarquês, Um dos membros fundadores do movimento avant-garde COBRA e, mais tarde, dos Situacionistas.

“A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário à espera de ser analisado. Nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio ambiente, à cadeia precedente de acontecimentos, à recordação de experiências passadas. […] Todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da cidade e a cidade está impregnada de memórias e significações.” (Lynch, 1960, p. 1, tradução livre)

.3 contexto do Porto:

Com 41,42 km² de área, 237 591 habitantes e uma densidade populacional de cerca de 5 736,1 hab/km² (censos 2011) o Porto é o principal município da metrópole do Grande Porto, a cidade mais importante da região Norte e a quarta com mais população do país, sendo que a capital ocupa o primeiro lugar na lista, seguida de Sintra e Vila Nova de Gaia. Em relação à União Europeia integra a décima terceira posição.

Uma cidade que deu nome a um país pois em 200 a.C, antes de Portugal e ainda antes de Condado Portucalense, a designação que existia para este local seria de Portus Cale.

Durante quase 600 anos a cidade foi limitada pelas Muralhas Fernandinas, terminadas em 1376 para acomodar a expansão e desenvolvimento urbanos para além da antiga Cerca Alto-Medieval, evitar conflitos, visto que a cidade do Porto foi palco de várias disputas de poder, e ainda para proteger as casas e negócios da burguesia.

Como consequência disso, a comunidade portuense desenvolveu-se virada para dentro e independente, direta e honesta por se encontrar constantemente "em família", e tornou-se de certa forma, mais tradicional e trabalhadora. É nessas pessoas, que com ela cresceram e/ou que através das suas relações a constroem e partilham, que se reflete a identidade da cidade.

Desde Dezembro de 1996, com a nomeação do Centro Histórico do Porto — labiríntico de arquitetura contemporânea e antiga com ruas estreitas e tortuosas — como Património Mundial pela UNESCO, a cidade começou a receber mais atenção do estrangeiro.

Em 2001 a cidade foi eleita Capital Europeia da Cultura, pela União Europeia e teve a oportunidade de mostrar ao resto da Europa a sua vida e desenvolvimento cultural. Associada a esta iniciativa estiveram várias remodelações e construções no espaço público, sendo a Casa da Música e os primeiros testes oficiais do Metro do Porto os produtos mais representativos deste último.

Em 2005 a Ryanair, companhia aérea Irlandesa de baixo custo, inaugura o seu primeiro serviço para o Porto, e em Julho de 2009 estabelece na cidade a sua trigésima terceira base, com dezasseis destinos e quatro novas rotas, fator que aumentou a visibilidade da cidade e evidentemente facilitou a sua visita.

Quinze anos depois da elevação a Património Mundial, e dez da eleição para Capital da Cultura, foi lançado um novo Portal de Turismo online, o "Oportonity to discover". Uma plataforma para turistas considerada, já na altura da sua implantação, como "um instrumento verdadeiramente decisivo no desenvolvimento da competitividade do Porto" (Visão, 30/08/2012), convidativa e intuitiva "[...] com o objetivo de tornar a informação turística sobre a cidade mais apelativa e próxima das pessoas [...]" (Vereador do Turismo, Inovação e Lazer para a Visão, 30/08/2012) permite uma maior clareza de toda a sua gama de ofertas e serviços.

Seguindo a linha cronológica de fatores e eventos decisivos para o "abrir de portas" da cidade, em 2012 estreou-se no Parque da Cidade do Porto o conhecido festival PrimaveraSound, que teve início em Barcelona no ano de 2001.

A partir de 2014, com a nomeação de *Best European Destination*, a procura pela cidade do Porto enquanto destino turístico intensificou-se visivelmente. Um concurso online levado a cabo pela organização de viagens *Best European Destinations*, com o intuito de promover a cultura e o turismo na Europa, sendo que a agência trata de pré-seleccionar algumas cidades europeias, que mais tarde, são votadas e seleccionadas no seu website pelas pessoas.

Com o título veio uma nova imagem gráfica da autoria do White Studio, estúdio de design local. A proposta ganhou alguns dos mais importantes prémios mundiais de design e branding — ED Awards, D&AD Awards e Graphis — o que eleva o Porto à condição de *case study* mundial e aparentemente tornou a cidade ainda mais moderna e apetecível à visita.

Distinta pela segurança, gastronomia, hospitalidade e preços baixos, a cidade recebeu o mérito, de *Best European Destination*, uma vez mais em 2017 e esta excitação traduziu-se nos 10 milhões de passageiros que entraram no Aeroporto de Sá Carneiro neste último ano — valor superior à média europeia e mundial — e no acréscimo de 20 destinos Ryanair a partir do Porto.

Este crescente interesse, com mais incidência no centro histórico, provocou um *boom* no mercado imobiliário residencial que "cresceu 61% no Porto, em relação ao mesmo período do ano passado." (Observador, 26/7/2017) e que teve como principal consequência o afastamento dos habitantes locais para as periferias. Ora, sendo estes os principais responsáveis pela alma e identidade da cidade, há uma aparente sensação local de se estar a caminhar em direção a uma instabilidade identitária e a uma inevitável descaraterização.

"É algo muito específico do excesso de turismo. Uma consequência negativa do sucesso. Passa-se em Amesterdão, Barcelona, Berlim, Londres, Roma. Cidades bonitas ficam mais em risco de deixarem de ser locais atrativos para os residentes locais, que podem já não querer viver lá ou já não conseguirem pagar. Definitivamente, isso não é algo que quer que aconteça" (April Rinne, consultora do Airbnb, em entrevista para a Exame, 18/09/2018)

A cidade, em constante reconstrução e renovação urbana para servir quem visita por um curto período de tempo e alheando-se da habitação de longa duração, transforma-se lentamente e aparentemente na "cidade do T0 para Airbnb". Tendo atualmente o sistema Airbnb uma força crescente no mercado quando comparado com a dos hotéis, graças aos preços mais baixos e à maior variedade de opções disponíveis, transformou-se na aposta do momento. Efetivamente, podemos observar este fenómeno através das demolições ou reconstruções e construções de raiz de prédios inteiros, módulo estúdio ou T1, para conseguir acomodar mais pessoas ao mesmo tempo.

Vemos uma reforma massiva da estrutura dos quarteirões, não a pensar na reabilitação e nas necessidades da população local, mas a pensar no agora e na afluência turística do momento, que se tratando de uma tendência não garante continuidade.

A "antiga, mui nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto" agora em constante transformação e remodelação (concentradas no centro histórico) para servir a ideia de si própria e vender uma imagem de tradição enquanto batalha para tentar servir as supostas necessidades do outro.

"O turismo não é uma ameaça. A interpretação da vontade dos turistas é que é uma ameaça. [...] O que faz o investidor, como ele age sobre o território, isso, sim, preocupa-me." (Marta Nestor em entrevista para o P3, 20/03/2017)

"Lá na leal Cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal […]"
(Luís Vaz de Camões, Lusíadas,
Canto VI, Estância 52)

"Mais de 10 mil bilhetes já foram vendidos, ainda com bandas por anunciar […]" e "60% dos bilhetes foram vendidos a estrangeiros"
(P3, 18/04/2012)

1. Imagem gráfica da cidade
Proposta seleccionada em concurso e implementada em Setembro de 2014.

1.

Porto.

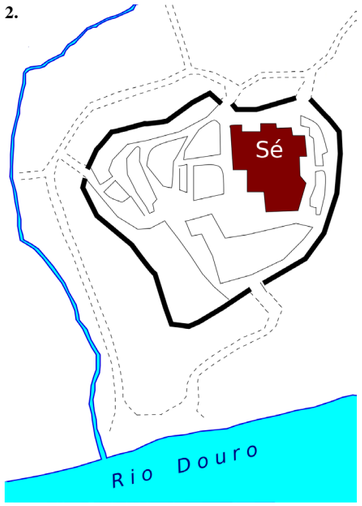
"É essencial que não deixemos a identidade coletiva que nos define a flutuar ou seremos consumidos pelo vazio que nos assola o peito (…) todos os dias é arrancado mais um pedaço do seu coração com cada bairro que é escorraçado para que se construam hotéis"
(Jornal Universitário do Porto, 30/12/2017)

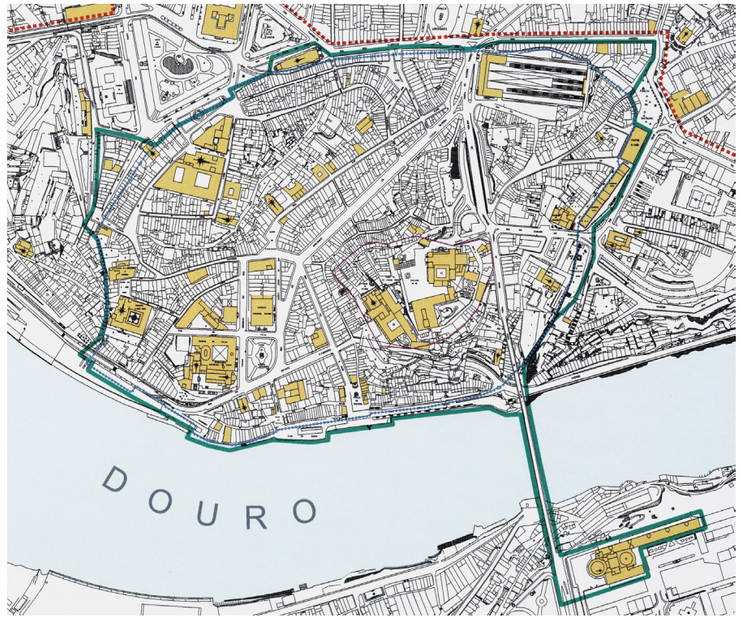
"Até Julho, foi no Porto que o número de casas para alojamento local mais cresceu (147%). Desde o início do ano tinham sido registados 1623 novos alojamentos locais, colocando o Porto como o terceiro concelho do país com mais imóveis registados no Registo Nacional de Alojamento Local: eram 3928."
(Público, 25/11/2017)

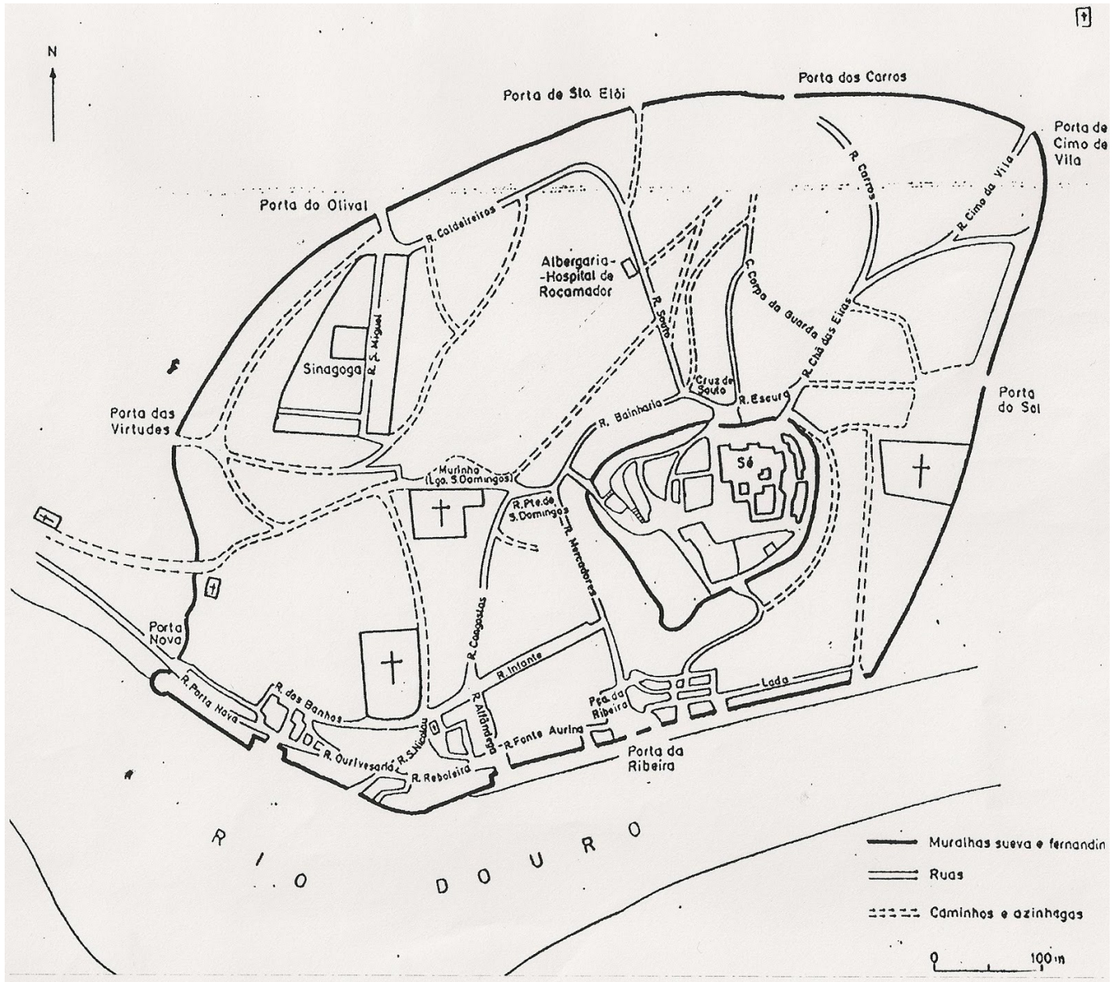
"A cidade do Porto vai em breve ultrapassar a centena de unidades hoteleiras. Nos próximos dois anos deverão ser inaugurados, pelo menos, mais dez hotéis na 'Invicta', que se juntam aos atuais 88 registados pelo Registo Nacional de Turismo."
(Revista de Imprensa JE, 28/11/2017)

"Há um limite para tudo. Uma coisa é uma pessoa partilhar a casa onde vive ou a casa de férias. É bom e deve lutar por isso. Mas se alguém tornar isso num negócio, está a retirar uma habitação do mercado local. Deve ser considerado um negócio e regulado como tal. É mais um hotel do que uma partilha de casa";
"Na maioria das cidades, o Airbnb está a crescer, mas os hotéis estão a aumentar ao mesmo tempo. Há simplesmente mais pessoas a quererem viajar para o Porto. É um problema sistémico.";
(April Rinne, consultora do Airbnb, em entrevista para a Exame, 18/09/2018)

2.





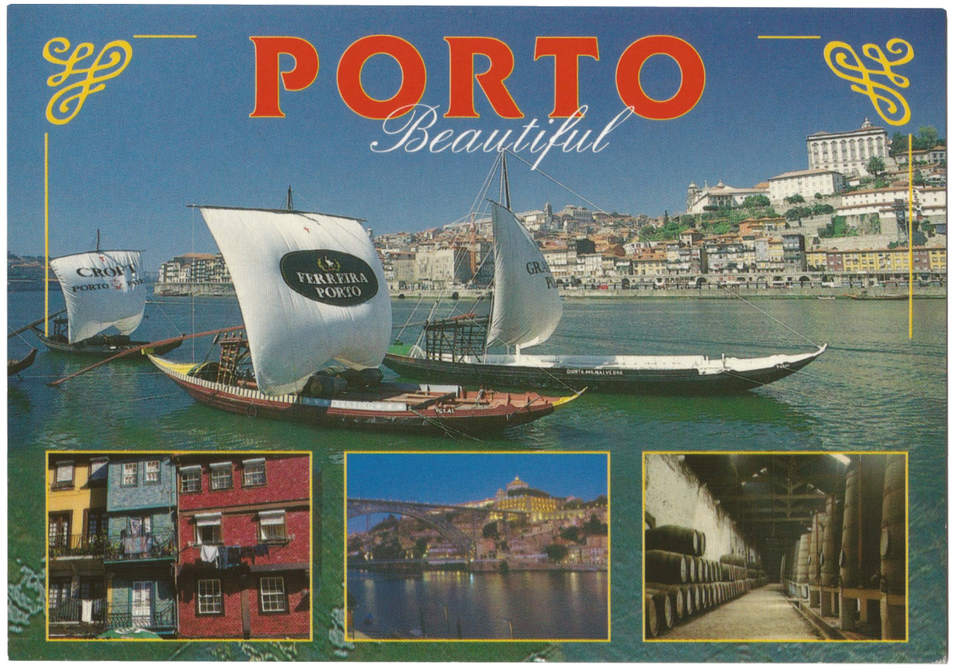




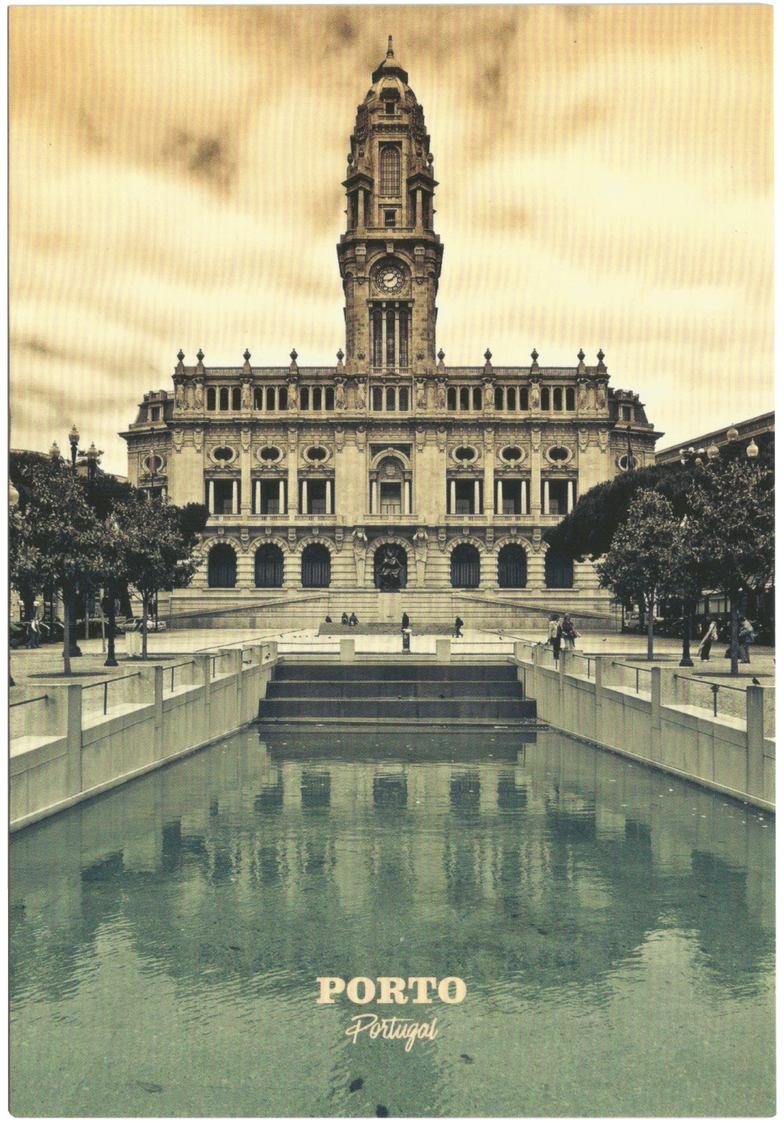
2. Barreiras físicas e não-físicas

Na página da esquerda temos algumas representações, encontradas na internet, de como seriam as velhas barreiras físicas da cidade do Porto, tanto separadas como juntas no mesmo mapa para melhor percepção.
A Antiga Cerca Velha Alto-medieval e a Muralha Fernandina, respetivamente, com o traçado das respetivas portas, ruas e caminhos.
Na página da direita as rotas dos novos autocarros turísticos, o primeiro da YellowBus e o segundo dos autocarros Porto Hop On Hop Off.
Ao longo do nosso processo recorremos várias vezes à comparação entre estes tipos de barreiras que delimitam a cidade, antigamente físicas e para proteção dos seus habitantes mas agora fictícias, delimitadas pelo transporte turístico que facilita a experiência da cidade.

Paragem 1 – S. Francisco | **Paragem 2**– Ribeira de Gaia | **Paragem 3** – Cruzeiros no Douro | **Paragem 4** – Alfândega | **Paragem 5** – Cordoaria | **Paragem 6** – Sé do Porto | **Paragem 7** – Batalha | **Paragem 8** – Av. dos Aliados | **Paragem 9** – Carmo | **Paragem 10** – Palácio de Cristal | **Paragem 11** – Casa da Música | **Paragem 12** – Avenida da Boavista | **Paragem 13** – Fundação de Serralves | **Paragem 14** – Castelo do Queijo | **Paragem 15** – Passeio Alegre | **Paragem 16** – Lordelo do Ouro | **Paragem 17** – Helitours | **Paragem 18** – Edifício Transparente | **Paragem 19** – Anémona (1) | **Paragem 20** – Marisqueiras | **Paragem 21** – Lota | **Paragem 22** – Porto de Leixões | **Paragem 23** – Porto de Matosinhos | **Paragem 24** – Anémona (2)



3.



3. Porto-postal
Alguns postais adquiridos em lojas turísticas no centro histórico. Alguns exemplos de plastificação da paisagem e tradição portuense.
+ p. 3-11 dos anexos

“Porto is one of Europe's oldest tourist destinations. Its wealth of monumental and artistic heritage, Port Wine, open-air leisure spaces and cultural life are just some of the reasons to visit this city.
At any time of the day, 365 days of the year, Porto has a special charm for anyone visiting the city for the first time, as it does for those coming back for a second visit, to discover a city that is simultaneously modern and authentic. In 1996, the historical centre of Porto was classified by UNESCO as a World Heritage Site.
The city unfolds along the river bank and the sea shore, to reveal charming vistas, inviting esplanades and all the pleasures of the outdoors, framed by its green spaces.
Setting out to discover Porto means bumping into surprise after surprise. Whilst maintaining its welcoming and conservative nature, the city is, at the same time, contemporary and creative. This can be seen in its streets, its architectures and its monuments, its museums, its leisure spaces, its esplanades and its shopping areas which run from the traditional to the modern and exclusive.
Events enliven the annual cultural and sporting calendars, culminating in ‘São João’, the city’s very own Feast.
At night, Porto turns into a new and different city, with entertainment and leisure opportunities that cater to all tastes and excitement that bubbles up to fill the streets with energy and cheerfulness. There’s a wide offer of lodging ranges from well-known hotel chains, charming guesthouses, welcoming hostels and comfortable apartments.
As the main gateway to the North of Portugal and three other World Heritage Sites, Guimarães, Foz Côa and the Douro Valley, a whole world of experiences awaits the visitor. Each day can be quite unlike the day before – one day you might be in a World Heritage city centre, the next at the seaside or on a wine tasting trip up the Douro valley, or hiking through the National Park or exploring an important religious site, such as Fátima or Santiago de Compostela.”
(web europeanbestdestinations, tourism in porto, retirado em Set’18)

4.



4. Porto-património
Sinalética de património mundial presente na zona centro da cidade.

.4 síntese conclusiva:

Ao longo deste capítulo explorámos ideias e conceitos que nos permitiram questionar de forma mais assertiva a evolução mecânica e pouco pessoal da cidade do Porto, nomeadamente a sua aproximação a uma ideia de cidade-empresa e a importância que a nova identidade corporativa teve nessa estratégia política. No nosso projeto posicionamo-nos sem o ponto, de forma a desconstruir criticamente esta dinâmica.

Esta exploração tornou ainda mais prementes duas necessidades intuidas inicialmente:

1. Detetar e analisar a existência de uma aparente fachada de Não-Lugar que se está a instalar nas tradições, costumes e espaços físicos da cidade, em prol do interesse económico, e lentamente transformando o Porto na cidade dos não lugares;

2. Consolidar a vontade de apresentar novas formas de viver o espaço, regidas pela circulação através dos lugares, ou espaços vividos, reais e propícios à criação de relações.

2 estado da arte

Neste capítulo faremos a análise de um conjunto de projetos e iniciativas que considerámos mais importantes ou mais influentes para o nosso trabalho.

Os projetos e iniciativas foram seleccionados por terem sido desenvolvidos diretamente numa ou acerca de uma cidade, sendo que quase na maioria deles, 5 em 7, essa cidade é o Porto, por trabalharem em torno de conceitos como a memória e a sua preservação refletida em tradições, e por abordarem questões urbanísticas, desde a cidade como lugar não genérico à intenção de contrariar o fenómeno de alteração da dinâmica local e social por via da gentrificação ou simplesmente pela presença do turismo em massa.



1.



.1 Outros Portos / Mau Guia:

Porto, 2012
Uma das iniciativas postas em prática no decorrer do Manobras no Porto.

"Fizemos um questionário a vários residentes e/ou visitantes da cidade, perguntando-lhes: 1. Qual é a essência do Porto e onde pode ela ser encontrada? 2. Qual o odor, o som, o paladar, o tato, a visão que estão associados aos diferentes lugares da cidade? 3. Quais os fantasmas do Porto? 4. Se o Porto estivesse à beira de desaparecer qual seria o objeto simbólico que escolherias para guardar numa cápsula do tempo?"

"Outros Portos é um documento poético que sonha alterar a representação da cidade do Porto."

Este guia de autoria coletiva, em formato livro, procura incentivar a uma *tour* alternativa pela cidade, libertando-se da tradicional e exclusiva função informativa e prática associada a este tipo de documentos. Uma publicação criada através da análise e exploração de sentidos e opiniões e que vive do passa a palavra, incentivando o leitor a tornar-se ativo e a passá-lo ao próximo depois de o utilizar.

O Manobras no Porto e especialmente este documento revelaram-se importantes: por abordarem e incentivarem as pessoas a novas formas de explorar um lugar, normalmente mais pessoais, emotivas e consequentemente ambíguas e naturais; por se apoiarem no contacto e na experimentação social e se alimentarem das relações do cidadão com o espaço físico e ainda com os seus pares; e pelo facto de o seu lugar de ação ser a mesma cidade da nossa proposta.

.2 The Worst City Tours:

Porto, 2012
Iniciativa criada por três arquitetos e associada ao *Kiosk!*.

Um projeto, auto-intitulado como a pior *tour* pela cidade (WCT), em formato de passeio alternativo por comparação com as *tours* turísticas habituais.

O WCT tem como principal objetivo a fuga dos marcos urbanos e das áreas assinaladas e destacadas nos mapas turísticos que são distribuídos por praticamente toda a cidade, e concentrar-se na visita e introdução de outras zonas desconsideradas, ou seja, que aparentemente ninguém para além dos locais (ou nem isso) conhece ou não tem interesse em conhecer. Inevitavelmente acabam por se afastar dos não-lugares que são os lugares turísticos cada vez mais indiferenciados e aproximam-se dos lugares, ou seja, dos sítios que ainda preservam traços de identidade própria, mesmo que decadentes ou em ruína.

A ideia de fugir ao "coração" da cidade e da visita clichê e pré-fabricada foi exatamente a chave para o nosso projeto. Apesar de em formatos diferentes, e de, no caso do WCT o conceito, muito mais virado para o caráter político e social, ter sido levado ao exagero como forma de afirmação e validação, ambos os projetos têm a intenção de exploração de novas possibilidades e formas de experimentação do espaço.

Manobras no Porto: Programa de ação e construção coletiva que teve como objetivo desafiar os cidadãos e os agentes culturais à exploração e inovação do Centro Histórico da cidade, através de uma série de eventos informais neste espaço. Com especial atividade em Setembro de 2011 e 2012.

WCT: Visitas guiadas com o propósito de "discutir propriedade, gentrificação, emigração, trabalho, centro, periferia, quarteirões, história e política". Ao longo da excursão são mencionadas curiosidades, problemas e tendências urbanísticas associadas a períodos ou acontecimentos históricos específicos, comparando-os com a atualidade num intento de criar discussão, descodificar ou alertar para os padrões sociais e políticos pelos quais se gere, organiza e remodela uma cidade.

1. Outros Portos / Mau Guia
Exemplos do tipo de imagens utilizadas nas separações de capítulo, ou tema, do livro – comparações fotográficas abstratas, absurdas, irónicas e por vezes até poéticas.

2. Kiosk!
Espaço, em frente ao jardim de São Lázaro, que funciona como ponto de informação informal e lugar para colar cartazes. Tal como acontece com as tours, tem orgulho de se intitular como o pior quiosque da cidade.

2.



.3 Trip:

Roteiro para um Porto não tão conhecido.
Guia fotográfico que explora "uma narrativa revivalista dos locais significativos presentes no quotidiano, na realidade e nas vivências de uma cidade" distanciando-se do centro e concentrando-se nos percursos não apresentados ou sugeridos nos habituais guias.

Projeto importante de incluir nesta seleção pois baseou-se também na Teoria da Deriva de Guy Debord e, consequentemente, no trabalho do Movimento Internacional Situacionista, sendo que vai de encontro à nossa pesquisa e informações selecionadas em relação à memória — o desejo de lembrar associado a um medo de esquecer por Andreas Huyssen — no momento em que há a vontade de fazer um levantamento exaustivo e minucioso de tudo o que o Porto tem para oferecer para além dos focos turísticos.

Assumindo o papel de guia fora do comum — sendo que os habituais levam-nos sempre aos mesmos espaços e não oferecem informação da variada oferta para além destes — este projeto tem como objetivo revitalizar algumas zonas, espaços e caminhos para que não desapareçam de vez da memória, destacando-os pelo seu caráter mais familiar, íntimo, genuíno e tradicional em vez de pela sua monumentalidade e história.

Maria João Fernandes
Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Design da Imagem na Faculdade de Belas Artes da Universidade do **Porto, 2009**
Orientador: Prof. Dr. Heitor Alvelos

"A Rua de Santa Catarina, a Sé Catedral, a Casa da Música, a Avenida dos Aliados, a Ponte Luís I, a Torre dos Clérigos, entre outros, não são os únicos monumentos que identificam a cidade do Porto, sendo muito mais do que isso, as pessoas, o quotidiano, os modos de vida, a tradição, que permitem dar a conhecer o que realmente o Porto é."

3.





3. Trip:
Fotografias utilizadas para ilustrar estabelecimentos ou formas de viver as tradições da cidade menos conhecidas, mais do povo local.

.4 Museum of Ransom:

Daniel da Cruz Brandão
Tese de Doutoramento em Media Digitais, apresentada à Faculdade de Engenharia da Universidade do **Porto, 2014**
Orientador: Prof. Dr. Heitor Alvelos
Co-orientadora: Dra. Patrícia Romeiro

"[…] um lugar seria produto de uma sedimentação de vivências das quais a comunidade teria a memória, não podendo existir um (o lugar), sem o outro (a memória)" (Brandão, P., 2008, pg.14)

"Resgatar testemunhos de histórias antigas, pessoas que sejam importantes na tua vida, momentos caseiros e familiares, acontecimentos na rua. Tudo o que vai para além das pedras e muros do Centro Histórico. Os jogos de cartas e dominó nos jardins, as boladas dos miúdos nas praças, as conversas à janela, os mergulhos no rio, as discussões dos adultos sobre política ou as vontades de mudar o mundo."

O museu do resgate é um lugar virtual destinado à coleção de vídeos, com o intuito de preservar algumas das tradições da cidade e de valorizar o que existe para além da aparência de património cultural.

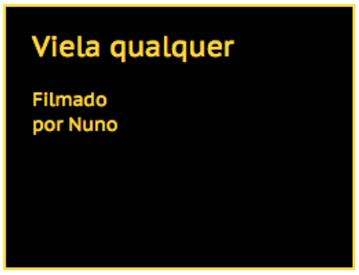
Mais uma vez aplicado à cidade do Porto, este espaço virtual conta com a vontade de edificar uma memória coletiva para resgatar costumes, ou seja, manifesta-se e baseia-se na interação social, tal como defendia Maurice Halbachs, e tem como finalidade promover exatamente a ideia de arquivo aberto e o envolvimento sócio-cultural no processo de relembrar.

Projeto que, utilizando um meio de registo visual (vídeo) e não tendo regras ou critérios para que estes sejam carregados na web, torna mais facilmente inteligível as liberdades pessoais sobre a cidade e a variedade de interpretações da mesma.

O facto da participação ser possível de forma muito imediata e fácil de compreender, permite ao cidadão um sentimento de contributo e inclusão, fatores que foram também importantes no nosso projeto. E visto que o nosso objetivo foi igualmente o de criar uma narrativa alternativa à imposta pelos serviços governados pelo poder económico e o foco, tanto na verdadeira experimentação do espaço como no indivíduo, achámos importante analisar este projeto que procura a essência da cidade através do registo aleatório e segundo as vontades dos seus habitantes.

4.





4. Museum of Ransom
Still-frames de um das centenas de vídeos já disponíveis no menu "estes já cá cantam" do site, *www.museudoresgate.pt*

Maurice Halbachs: Sociólogo francês que afirma que recordar é um fenómeno resultante da interação social e que depende do reforço da memória de outros elementos do mesmo grupo ou comunidade, isto é, está associada à memória individual mas com limites mais largos.

.5 Bonfim. Ilhas do Tesouro:

Os Left Hand Rotation (LHR) visitaram a cidade do Porto com um dos seus principais projetos — Gentrificación no es un nombre de señora — em Abril de 2017, a convite para promover as jornadas Viver no Bonfim.

O Bonfim é uma zona da cidade associada à residência industrial e às ilhas, estruturada na segunda metade do séc. IXX com base no fenómeno de sobre-população. Atualmente é uma área com metade dos habitantes e deteriorada visto que cerca de 20% dos seus edifícios estão em mau estado.

Em 2015 surgiu a Área de Reabilitação Urbana do Bonfim, com o propósito de a transformar numa zona de lazer, turismo e cultura. As ilhas passaram de problema social e lugar esquecido a uma oportunidade de negócio valorizado pela sua história, identidade e até mesmo pelo sentimento de comunidade ali enraizado. Resumidamente, as ilhas transformaram-se no tesouro da cidade.

Para abordar e publicitar a problemática, os LHR decidiram, com a ajuda dos atuais habitantes da zona, criar uma narrativa com base na crítica e na ironia. Depois de alguma discussão e argumentação em conjunto, a intervenção resultou numa série de ilustrações de símbolos alusivos ao tema ilha e tesouro, associando-os a elementos referentes ao conflito habitacional e aos seus responsáveis propriamente ditos.

Mais tarde, foi concebida uma metodologia de mapeamento na qual foram usadas essas ilustrações, expostas em cartazes de incentivo à discussão e espalhados pela zona adjacente a cada respetiva ilha.

Interessou-nos analisar este projeto pois, para além de ser uma prova gritante da seleção de necessidades e interesses no processo de mutação urbana que correspondem à motivação para a nossa proposta, também resultou num tipo de intervenção de rua, afirmação e protesto subentendido, que se assemelha aos nossos objetivos.

Tecnicamente é um exemplo importante a analisar para uma melhor noção das precauções futuras, escolhas de materiais e outros fatores como o meio e espaço a ser aplicado.

Left Hand Rotation: Gentrificación no es un nombre de señora. **Porto, 2017**

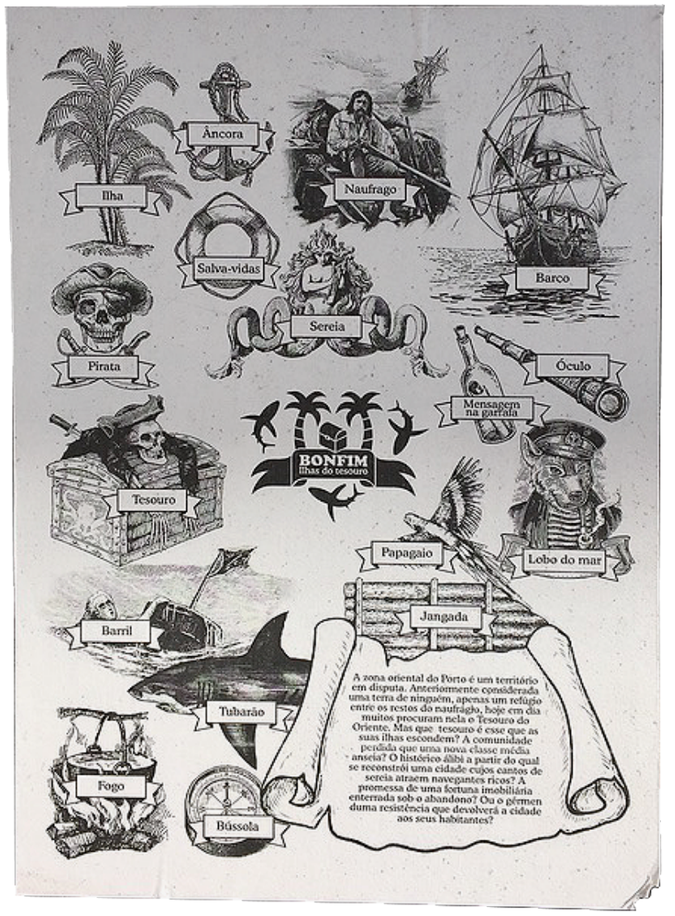
"A zona oriental do Porto é um território em disputa. Antes considerada terra de ninguém, apenas um refúgio entre os restos de um naufrágio, hoje muitos vêem nela o Tesouro do Oriente. Mas qual será esse tesouro que as suas ilhas escondem? A comunidade perdida que uma nova classe média anseia? O álibi histórico sobre o qual se pretende reconstruir a cidade e cujos cantos da sereia atraem ricos e mercadores? A promessa de uma fortuna imobiliária soterrada no abandono? Ou a promessa de uma resistência que devolverá a cidade aos seus habitantes?"

Left Hand Rotation: Coletivo artístico de Espanha que trabalha principalmente em intervenção, registo, apropriação e manipulação de vídeo.

Gentrificación no es un nombre de señora: Iniciado em 2010 e já com participações em onze cidades diferentes, este projeto-workshop de abordagem social, urbana, antropológica e económica, surgiu como resposta à análise do papel da cultura nos processos de enobrecimento e valorização imobiliária de uma zona urbana, de gentrificação.

Viver no Bonfim: Workshop pelo direito à cidade que propõe uma forma participada de pensar a cidade onde queremos viver.

5.





5. Bonfim, Ilhas do Tesouro
Exemplos de algumas das intervenções, em formato poster, colocadas nas ruas adjacentes às ilhas.

.6 Bye Bye Barcelona:

Eduardo Chibás Fernández
Documentário. **Barcelona, 2014**

Documentário sobre a difícil relação entre a cidade e o turismo, os seus habitantes e os turistas, aplicada à cidade de Barcelona, mas cada vez mais uma realidade generalizada e que definitivamente se começa a verificar na nossa cidade.

Este filme trata de expor, através de dados estatísticos e relatos de alguns residentes, os graves efeitos que o turismo tem na cidade, contrariando a repetida ideia de que com ele saímos todos a ganhar.

Barcelona é a quarta cidade mais visitada da Europa, depois de grandes capitais como Londres, Paris e Roma, e o seu porto o que recebe mais cruzeiros da Europa e do Mediterrâneo.

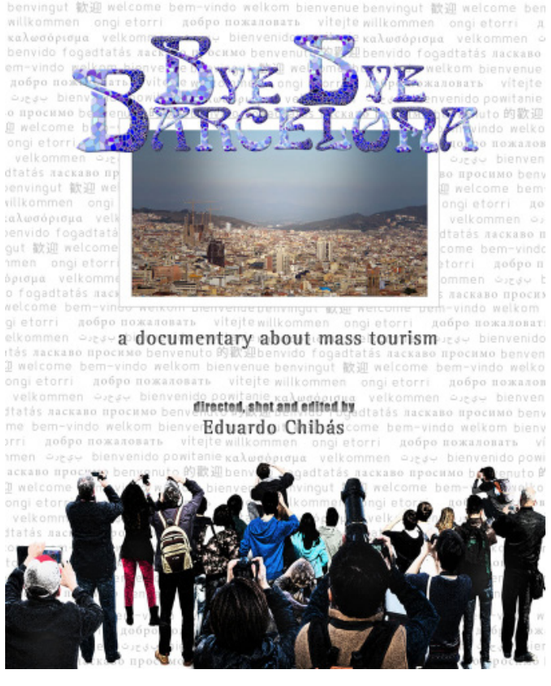
Em menos de uma década a quantidade de turistas triplicou e a economia apontou a direção em relação a este serviço, explorando com sucesso uma herança construída pelas gerações anteriores. Assim e segundo os seus habitantes, perderam-se espaços emblemáticos da cidade como as Ramblas, a Sagrada Família e o Park Güell a favor deste turismo massivo e desenfreado que cada vez desgasta e ocupa mais a cidade.

"This is not a city to live in. It's a theme park where there's no local life left. It's all decoration."

A visualização deste documentário tornou-se pertinente pelas semelhanças entre cidades, ambas segundas cidades nos países respetivos, fazendo-nos pensar que, mal estas cidades se tornaram apetecíveis à visita e isso se tornou notório para as associações económicas com mais poder, rapidamente se operou uma transformação, pelas mãos dessas mesmas "associações", no sentido de agradar e aliciar o visitante.

Documento que serve como um abrir de olhos e incentiva a uma procura de novos modos de explorar esta forma de economia, talvez direcionando os meios e forças numa outra direção ou público-alvo.

6.



.7 Terramotourism:

Left Hand Rotation
Documentário. **Lisboa, 2016**

Lisboa, "uma cidade embrulhada para presente oferecido aos turistas".
(p3 Público, 12/12/2016)

Outro projeto dos LHR, com o mesmo tipo de abordagem, motivações e objetivos mas desta vez em formato de documentário.

Os ativistas espanhóis analisaram a cidade ao longo de 4 anos e, apercebendo-se da transformação que esta tem vindo a sofrer, alertaram para a urgência na mudança de estratégia em relação ao turismo usando as "ruínas" da atualidade e comparando-as com as do terramoto de 1755.

A partir da análise do projeto "Ai Moraria", iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, colocam na mesa a ideia do turismo ser a solução para todos os problemas e questionam-na, assim como questionaram a reconstrução da cidade e todas as mudanças nos paradigmas sociais, culturais e de política de urbanismo associados a esta ideia.

Este projeto serve, tal como o documentário anterior, como um abrir-olhos às possíveis consequências para uma cidade e os seus habitantes, se não houver uma regulação da política e das iniciativas em prol das atividades turísticas e também, como rapidamente um espaço pode ser absorvido e convertido em algo descartável.

7.



6. Bye Bye Barcelona:
Capa do documentário.
Uma composição crítica e direta que recorre à fotografia, à ironia e ao cliché.

7. Terramotourismo:
Frames do documentário: Um dos grandes navios de cruzeiro turístico que entra diariamente pela cidade.

3 projeto

Este terceiro capítulo aborda todas as decisões, escolhas, processos, dificuldades, resultados e avaliação, em relação a todas as ações postas em prática do projeto.

1.









1. Quiosques
Alguns dos vários pontos de informação turística na zona dos Aliados.
Antigos quiosques de venda de jornais e similares, contam com um certo encanto tradicional em relação aos espaços modernos dedicados ao mesmo efeito.

.1 introdução:

"[…] The economic organization of visits to different places is already in itself the guarantee of their equivalence. The same modernization that removed time from the voyage also removed from it the reality of space."
(DEBORD, Guy, 1977 translation, pg 168)

"[…] Shields' (2003, 9) argument: "Bodies are 'spaced': the performative carriage of the body, the gestures, actions, and rhythms of everyday routines deemed socially appropriate to a particular site, are etched onto place and into the somatic memory of individual inhabitants." As such, maps are intertextually performed, constitutive of multiple performances of identities and spaces."
(CASINO, Vincent & Hanna, Stephen, 2006, pg.49)

Este é um projeto que nasceu de uma necessidade de questionamento e de uma vontade de protesto em relação às transformações urbanas causadas pela gentrificação: cidade densa, sobre-explorada e, consequentemente, com uma aparente crise de identidade. Porém, partindo de uma visão crítica sobre o tema, gradualmente o projeto foi assumindo contornos de cariz comunicativo e participativo, focando-se num objeto de estudo como parte de um todo, tendo em conta a elevada quantidade de informação disponível sobre o tema em geral.

O foco foi então apontado à relação que o indivíduo estabelece com o espaço envolvente, ou com a cidade, sendo esta desconhecida ou não, e como esta relação se altera ou até evolui quando eliminados os limites figurativos estipulados nos mapas turísticos oferecidos por todo o centro histórico ou, no caso dos locais, quando se afastam das atividades mecanizadas de rotina.

Em suma, este projeto vive da promoção da real experiência do espaço, sem restrições ou sugestões alheias, o que se traduz numa visita o mais pessoal e intuitiva possível, não delimitada pelas barreiras simbólicas e emotivas que se erguerem durante o processo de limpeza e organização para servir a turistificação.

.2 desenvolvimento:

Tratando-se de um projeto que sofreu diversas iterações em função da volatilidade do objeto de estudo e das descobertas desvendadas em cada etapa do trabalho empírico, percebemos que a metodologia mais adequada para a recolha de informação seria a da investigação-ação. Este método defende que hajam alterações ou mudanças no projeto e sua abordagem, num processo iterativo cíclico, à medida que se vão detetando e compreendendo surpresas, dificuldades, obstáculos e oportunidades nas acções implementadas. Isto é, de uma ideia resulta uma ação, que depois de experimentada é analisada e refletida criticamente com o objetivo de aperfeiçoar a próxima, e assim sucessivamente até chegar a um ponto de satisfação. Metodologia potencializada pelas suas semelhanças com a abordagem da deriva, conceito em que se inspirou este projecto.

Numa primeira fase, de contextualização, foram realizadas visitas à cidade procurando encarnar os diferentes papéis dos potenciais agentes intervenientes no projeto: locais, turistas, visitantes e viajantes. Visitas que cedo foram evoluindo para o contacto direto com os futuros objetos de estudo, através de curtas conversas exploratórias semi-estruturadas sem intenção de recolha de dados representativos, mas com o objetivo de identificar indicadores para a compreensão do contexto a trabalhar.

Os indivíduos foram abordados acerca das suas tendências quando visitam um local novo, como por exemplo se fazem uma pré-pesquisa de informação e se sim, como e onde a fazem, se planeiam os dias ou se simplesmente os improvisam. Resumidamente, foram questionados acerca da forma como se movem quando chegam a um destino. Para rematar, foi-lhes pedido que assinalassem num

mapa, nosso, todos os locais que já tinham visitado e os que tencionavam ainda visitar, as ruas que se lembravam de ter usado e por onde planeiavam seguir caminho.

Este primeiro contacto estendeu-se a trabalhadores no setor turístico com o objetivo de obter informações mais abrangentes. Houve ainda a oportunidade de conversar e discutir ideias com Pedro Figueiredo, um dos responsáveis pelo Kiosk do Piorio e um dos fundadores da Worst City Tours. Este contacto foi especialmente importante visto que ambos os projetos tencionam cultivar a exploração de espaços esquecidos, menos turísticos e mais reais da cidade.

Desta fase concluímos que:

1. Que prevalece a ideia da existência de sítios que se tem que visitar ou não se pode afirmar que se conhece a cidade;
2. Que a maioria das pessoas não fica por mais de 3/4 dias e simplesmente visitam os locais recomendados;
3. Que, graças à falta de tempo ou á oferta de serviços para visitas rápidas, como os autocarros turísticos ou os novos tuk tuk — que reforçam o que se "deve" ver, decidem o que não interessa e apresentam a cidade em poucas horas —, não se dão à exploração por conta própria mas tendem a seguir o estabelecido e movimentar-se de sítio em sítio, ou “ponto de interesse” em “ponto de interesse”, pelos mesmos caminhos;
4. Que os mapas físicos, apesar do que seria de prever, ainda são bastante utilizados.

“[…] tourism comes down fundamentally to the freedom to go and see what has become banal.”
(Tom McDonough, 2010, pg. 214)



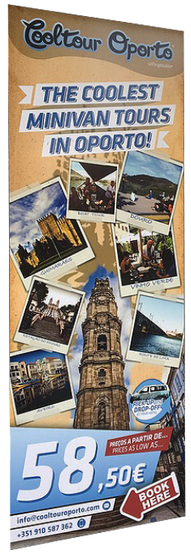
2.



2. Serviços de transporte turístico
O tipo de serviços mencionados que oferecem pacotes de tempo com diferentes orçamentos. E que, consoante a escolha do cliente, apresentam uma cidade mais ou menos *completa*. Estes elementos ou sinalética especificamente foram registados no centro turístico, os Aliados.













3.



4.





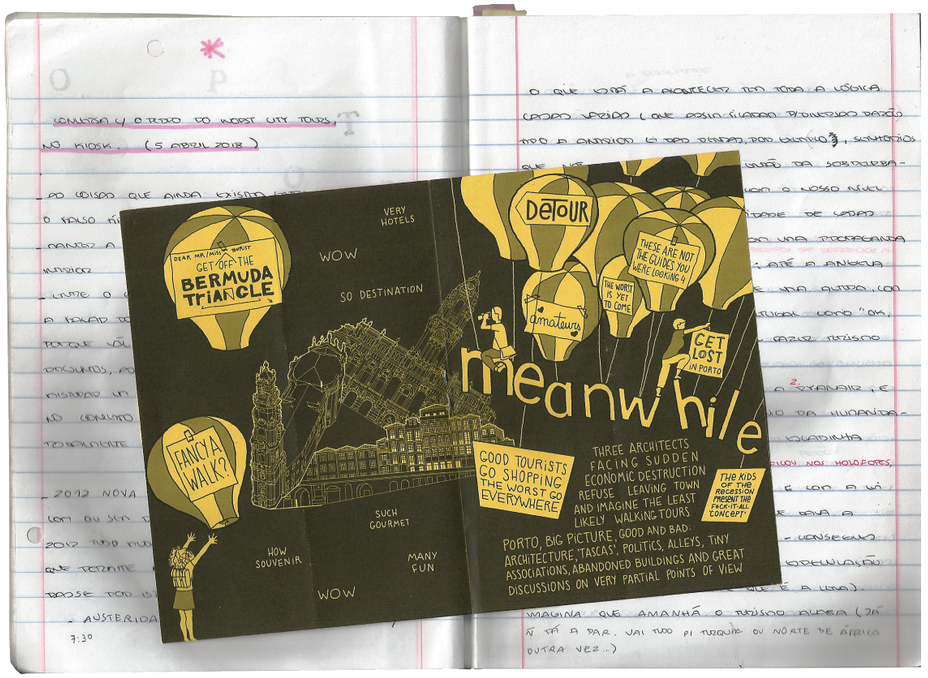




3. Mapas físicos
Utilizadores dos mapas oficiais da cidade, comprovando a sua popularidade. Estes registos foram realizados essencialmente com o telemóvel e em várias visitas ao centro histórico/turístico.
+ p. 13-15 dos anexos

4. Contacto inicial
Registo fotográfico de uma pequena amostra dos contactos estabelecidos.





5.



5. Mapa de tendências
Mapa com apontamentos realizados pelos indivíduos abordados quando questionados sobres os locais visitados e a visitar e os caminhos percorridos e a percorrer.

6.





6. Contacto WCT
O contacto com Pedro Figueiredo do Worst City Tours estendeu-se para além da conversa descontraída em tom de entrevista, para duas tours pela cidade, digitalização de um caderno com alguns apontamentos da conversa e registo fotográfico do dossier que o acompanha em todas as tours como documento de apoio.

“The city, the contemporary metropolis, is for many the chosen metaphor for the experience of the modern world. In its everyday details, its mixed histories, languages and cultures, its elaborate evidence of global tendencies and local distinctions, the figure of the city, as both a real and an imaginary place, apparently provides a ready map for reading, interpretation and comprehension. Yet the very idea of a map, with its implicit dependence upon the survey of a stable terrain, fixed referents and measurement, seems to contradict the palpable flux and fluidity of metropolitan life and cosmopolitan movement. Maps are full of references and indications, but they are not peopled. You often need a map to get around a city, its subway system, its streets. But that preliminary orientation hardly exhausts the reality in which you find yourself. The city plan is both a rationalization of space and of time; its streets, buildings, bridges and roads are also temporal indices. It permits us to grasp an outline, a shape, some sort of location, but not the contexts, cultures, histories, languages, experiences, desires and hopes that course through the urban body. The latter pierce the logic of topography and spill over the edges of the map.
Beyond those edges, and abstract, one-dimensional indications, we encounter the space of the vibrant, everyday world and its challenge of complexity. Here we find ourselves in the gendered city, the city of ethnicities, the territories of different social groups, shifting centres and peripheries; the city that is both a fixed object of design (architecture, commerce, urban planning, state administration) and simultaneously plastic and historical: the site of transitory events, movements, memories. This is also a significant space for analysis, critical thought and comprehension.”
(CHAMBERS, Ian, 1993, pg.188)

A investigação de rua e a recolha de objetos promocionais do território (abordados anteriormente, na pág.58), juntamente com o contacto com os indivíduos aguçaram a nossa posição negativa em relação aos mapas turísticos — "maps are never value-free images" (HARLEY, John B., 1988, pg.176) — e, por isso, decidimos que o projeto teria que estar, de alguma forma, relacionado com esta representação bidimensional do território que intermedia a cultura e a experiência do lugar.

Nas primeiras visitas, de investigação e observação, especificamos também o interior dos limites do centro histórico, ou centro turístico, como o espaço urbano mais significativo onde intervir, com ênfase nas zonas dos Aliados e dos Clérigos por serem zonas de paragem que possibilitam e/ou facilitam a comunicação. Na zona delimitada incidimos o foco nos caminhos por oposição ao foco nos destinos (marcos, pontos, referências), perpetuado pelos serviços turisticos referidos anteriormente (p. 58).

Sendo irrealista e pouco produtivo afastar as pessoas dos pontos turísticos, focámo-nos nas inúmeras aventuras possíveis e algo esquecidas entre os pontos, valorizando a vontade pessoal dos visitantes e inevitavelmente afastando-os das *ready made visits*.

O nome do projeto, inicialmente de crítica e influenciado pela imagem gráfica da cidade (associada pelos locais ao início da massificação turística e da alteração da identidade da cidade, pela altura em que surgiu), acaba por completar aqui o seu sentido: (o) Porto sem (os) ponto(s) ou a cidade para além dos pontos turísticos.

A fase inicial de brainstorming do projeto passou pela exploração e manipulação de matérias-primas como mapas, postais e cartazes por nós recolhidos na cidade. Uma experimentação, a nosso ver, indispensável devido a: 1. forte influência do trabalho do Movimento Internacional Situacionista neste projeto, cujas obras de índole crítica se compõem, muitas das vezes, por montagens manuais com os próprios objetos-alvo da crítica; 2. imprevisibilidade da informação, opiniões e comportamentos aleatórios e anónimos, que estava a ser recolhida.

Realizámos, então, várias experiências, na sua maioria performativas, e utilizámos materiais e técnicas expressivas, como recortes e colagens. Dentro dos materiais utilizados, o que mais nos agradou foi a tinta spray, pois, para além da sua versatilidade, este é um material que remete à arte urbana ou de rua — manifestações artísticas desenvolvidas no espaço público —, uma vertente que tínhamos já intenções de explorar.

Com esta tinta explorámos e criámos vários tipos de "percursos-linha", desde uns mais dinâmicos, com toda a amplitude do braço, a outros cada vez mais retidos e curtos, sendo o ponto o culminar desta experimentação: Depositámos um excesso de material num ponto e manipulámos o suporte. As linhas aleatórias formadas pelas gotas radiantes do ponto surgiram, a nosso ver, como uma boa representação da infinidade de possibilidades de trajetos com origem no ponto, sendo este um dos principais objetivos deste projeto.

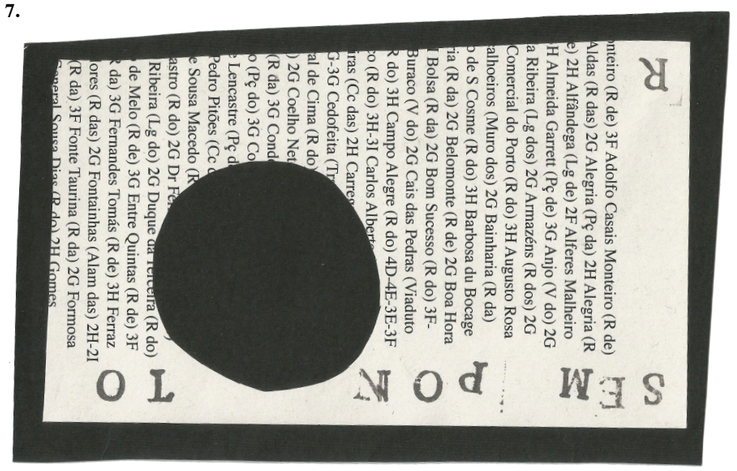
Estas experiências, apesar de não serem suficientes para funcionarem sozinhas e transmitir as nossas convicções, foram manipuladas e utilizadas como complemento decorativo em alguns dos suportes de abertura ao projeto.

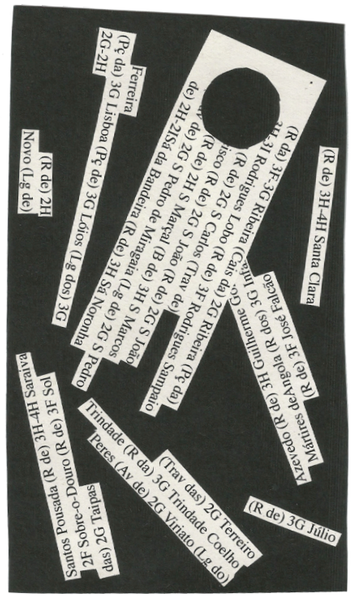
"Urbanism is capitalism's seizure of the natural and human environment; developing logically into absolute domination, capitalism can and must now remake the totality of space into its own setting."
(DEBORD, Guy, 1977 translation, pg.169)

Nesta fase inicial foram também testadas tipografias, a pensar na grande densidade textual envolvida, quer nos documentos explicativos e descritivos como este, quer nos restantes suportes gráficos de diálogo com as pessoas. Fizemos uma seleção de várias tipografias com as seguintes caraterísticas: leitura fácil e rápida, acessíveis, gratuitas e com uma quantidade generosa de pesos disponíveis, para facilitar a separação e compreensão de conteúdos. Selecionámos duas, uma serifada e outra não serifada, a Times New Roman e a Poppins respetivamente, para possibilitar um bom contraste quando necessário.

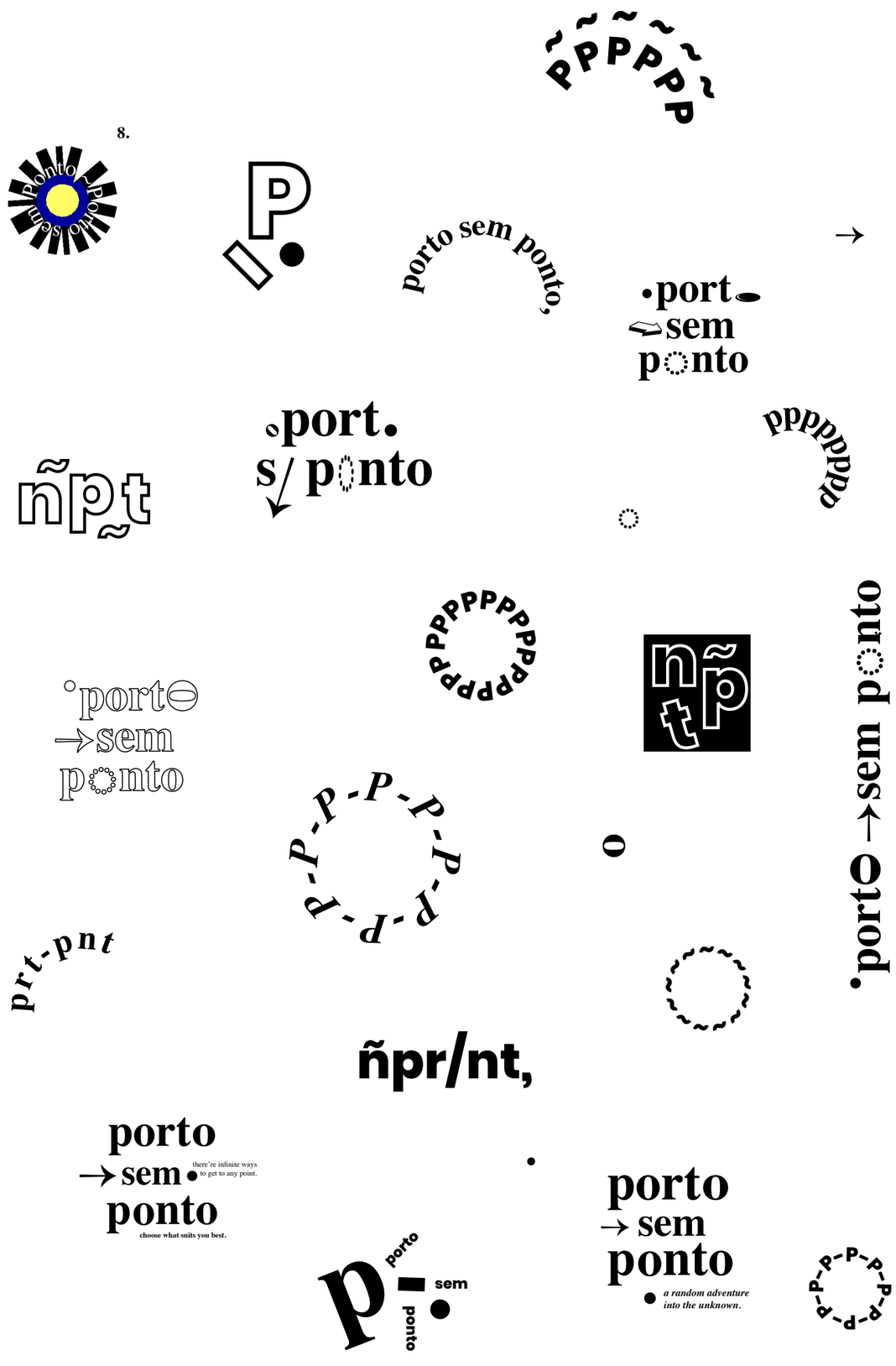
Apesar de não essencial, optámos por trabalhar e desenhar uma logomarca para funcionar como elemento conector em todos os futuros suportes, pois havia já, nesta fase, uma noção da variedade de objetivos e inevitavelmente de categorias onde se inseririam os produtos. Fiel à metodologia, foram feitas várias experiências na tentativa de melhorar a imagem, mas, neste caso, sem um resultado cem por cento satisfatório devido à falta de tempo para alguns pormenores. Este elemento, apesar de teoricamente corresponder à cara do projeto, nem sempre é usado como tal, ainda que esteja presente em todos os suportes como pretendido. A logomarca final conta com o nome do projeto e com um par de elementos gráficos alusivos ao mesmo: 1. uma seta que sugere uma direção a seguir; 2. um ponto em alusão à atual identidade visual do Município da cidade do Porto. Junto a este último mantivemos a hipótese de anexar um slogan ou uma frase alusiva ao projeto. Por se tratar de um projeto que depende quase totalmente do contacto com o próximo, para além de apoiar metade das suas forças na comunicação não-pessoal (internet), recorremos muitas das vezes ao email ou ao *handle* de instagram como imagem identitária.

7.




(R de) 3H-4H Santa Clara
(R dos) 3G Ferreira Borges
(R de) 2H Novo (Lg de)
(Pç da) 3G Lisboa (Pç de) 3G Loios (Lg dos) 3G
2G-2H
Santos Poussada (R de) 3F-4H-5H Saraiva
2F Sobre-o-Douro (R de) 3F Sol
(Esc) 2G Trabalhadores
Peres (Av de) 2G Viriato (Lg do)
Trindade (R da) 3G Trindade Coelho
(Trav das) 2G Terreiro
(R de) 3G Júlio
Nazaré (R de) 3H Guilhomil
Matinense de Cambóia (R dos) 3G
(R de) 3F José Falcão
(Pç da) 2G Ribeira
(R de) 2G S Roupinhos Sampaio
(R de) 2G S Matos
(R de) 2G S Paulo
(R de) 3H S Martinho
(R de) 2G S Joaquim
(R de) 2G S Pedro de Miragaia
(R de) 3H S Nicolau
(R de) 2G S Pedro de Matosinhos
(R de) 2F-3F Rodrigues Sampaio
(R da) 3F-3G Rodrigues Lobo
(R de) 2H-2I Santa Catarina
(R de) 2G S Paulo
(R de) 3H S Bento
(R de) 2G S Caetano
(R de) 2H-2I S Francisco
(R de) 2G S Francisco
(R de) 2H S Pedro de Miragaia
(R de) 2G S Pedro de Matosinhos
(R de) 2G S Nicolau
(R de) 3H S Martinho
(R de) 2G S Joaquim
(R de) 2G S Paulo

8.



- *a random adventure into the unknown.*
- *you're the reference. follow your instinct.*
- *un.maping*
- *un-map your visit. follow your instict.*
- **get lost between the *pontos*.**
- *there are many ways to get there.* ***choose the one that suits you best.***
- **find yourself, geting lost.**

8. Logo
Seleção dos inúmeros testes para logomarca e possível slogan para o projeto.

mapa de *guerrilha*:

Coloca-se imediatamente um problema: como motivar alguém que acaba de chegar à cidade pela primeira vez e fica por poucos dias, para realmente a explorar sem referências? Este objetivo pareceu-nos praticamente impossível, tendo em conta a quantidade de quiosques turísticos em todos os acessos ao coração do centro histórico que oferecem informação de forma massiva, compactada num desdobrável e com o aparente intuito de "solucionar" o esquema labiríntico da malha urbana.

A ideia mais direta que nos surgiu foi a de manipular esses mapas oficias, retirando ou alterando as suas informações, publicidades ou sugestões, monumentos e pontos de maior interesse. Desta forma, o mapa contaria apenas com os nomes das ruas, ou seja cumpriria a sua real função.

Mais tarde decidimos levar esta ideia mais longe e confundir, antes de induzir pelas nossas convições, quem visita, reorganizando de forma aleatória os nomes de todas as ruas. Criámos portanto um novo mapa para uma cidade que não existe.

Idealmente o indivíduo iria recebê-lo e tratá-lo como o mapa que aparentemente é, consultando-o para se orientar. Quando se apercebesse que este não fazia qualquer sentido, tentaria perceber do que se trata e aí verificava o verso, correspondente à sustentação teórica e de instigação à real procura do seu *pedacinho de cidade pessoal*.

Apesar de ser importante manter uma identidade gráfica ao longo do projeto, percebemos que, em relação a este suporte específico, seria melhor manter um estilo visual genérico e o mais semelhante ao do mapa oficial, pois se fosse algo demasiado diferente e oferecido nas ruas sem qualquer explicação o mais provável seria a imediata rejeição.

Tendo em conta que o original é um formato A2, frente e verso, impossível de imprimir numa gráfica corrente e em poucas quantidades, o mapa teve que ser reduzido a um formato A3, mas com as dobras repensadas para que, quando fechado, tivesse exatamente o mesmo tamanho que o original.

Quando se inicia a sua abertura lemos imediatamente"Feeling Lost? This might help" acompanhadas de um seta que direciona o nosso olhar para um mapa aparentemente correto mas sem monumentos ou referências. Quando aberto na sua totalidade notámos um "(or not)" na face *útil* diretamente oposta da anterior, a um tamanho mais reduzido, que corresponderá à prova final da sua não veracidade. Estas são frases de caráter irónico e fácil compreensão para melhor se relacionarem com o indivíduo, desinibindo-o e facilitando a sua aceitação ao desafio da próxima face.

Para a textura de fundo desta primeira face foi selecionada uma das experiências iniciais em spray, sendo aqui manipulada para azul, cor representativa da cidade e da sua nova imagem gráfica, mas com um tom de azul diferente, para sugerir mais uma vez a sua não oficialidade. O logo, centrado e encostado à base inferior, foi aberto a branco sobre o fundo para que não tivesse demasiada força.

Ainda em relação a esta face, na extremidade esquerda temos a capa e contra-capa, exatamente iguais ao original.

Por se tratar de um admitir de diferença, o verso é mais livre e com uma linguagem não oficial, desligada do original. Conta com uma composição visivelmente inspirada na obra "The Naked City" de Guy Debord (ver obra na p. 28), na qual os fragmentos correspondem a recortes digitais do mapa turístico antes da sua *limpeza* (manipulação digital para retirar todos os elementos extra às ruas), alterados para preto e branco e acrescentado o efeito de color halftone para que não tivessem demasiada identidade. Por se tratarem de partes do mapa original, contam ainda com elementos de adorno tais como a medalha de Património Mundial, mantida por se tratar da distinção que começou a empurrar as portas fictícias da cidade para o mundo, em 1996.

No original de Debord estes estão conectados por grossas setas, mas aqui como o objetivo seria o de apresentar algumas ideias sobre o aproveitamento do espaço que é a cidade, tirámos partido da oportunidade para os conectar com um excerto de texto que resume bastante bem a deriva, também de Debord e retirado do "Les Lèvres Nues 9", de 1956. (1)

Por se assemelhar a um mapa, a composição foi encerrada num retângulo preenchido com a mesma cor e textura que o fundo da face anterior. Uma decisão tomada para reforçar, da forma mais natural que nos foi possível, o fator unidade dentro do mesmo suporte, algo importante apesar das duas faces terem aparentemente regras e objetivos bastante diferentes.

Ao lado direito, contámos com dois parágrafos de diálogo direto com o indivíduo, sendo o primeiro mais teórico e elucidativo, e o segundo, de desafio e provocação para que este siga o seu próprio instinto sem referências e crie uma verdadeira conexão com a cidade. (2) A baixo, decidimos colocar também um parágrafo com contactos, para o caso de haver dúvidas ou questões relacionadas com o projeto.

Apesar de corresponder à primeira ideia esta foi a última ação a ir para as ruas, pois decidimos começar pelas que nos dessem resultados mais diretos e imediatos. Quando finalmente chegou a sua vez, começámos por tentar colocar alguns mapas nos quiosques turísticos.

O plano seria: esperar que alguém o recolhesse; filmar a reação inicial com o mapa; seguir a pessoa ou grupo; analisar as decisões e ações, na tentativa de perceber se lhe(s) despoletava algum interesse ou curiosidade e até, se tinha algum efeito na forma como se relacionava(m) com a cidade.

Esta acção teve pouca sorte, pois fomos rapidamente detetados e proibidos pelos próprios funcionários dos quiosques, tendo conseguido apenas deixar meia dúzia de mapas entre dois dos quiosques nos Aliados.

Em seguida e com a ajuda de um amigo voluntário no projecto, houve uma fase de entrega direta a pessoas claramente de visita, sem qualquer explicação para além de "free map?". A partir daí, foi seguido o mesmo plano até à exaustão.

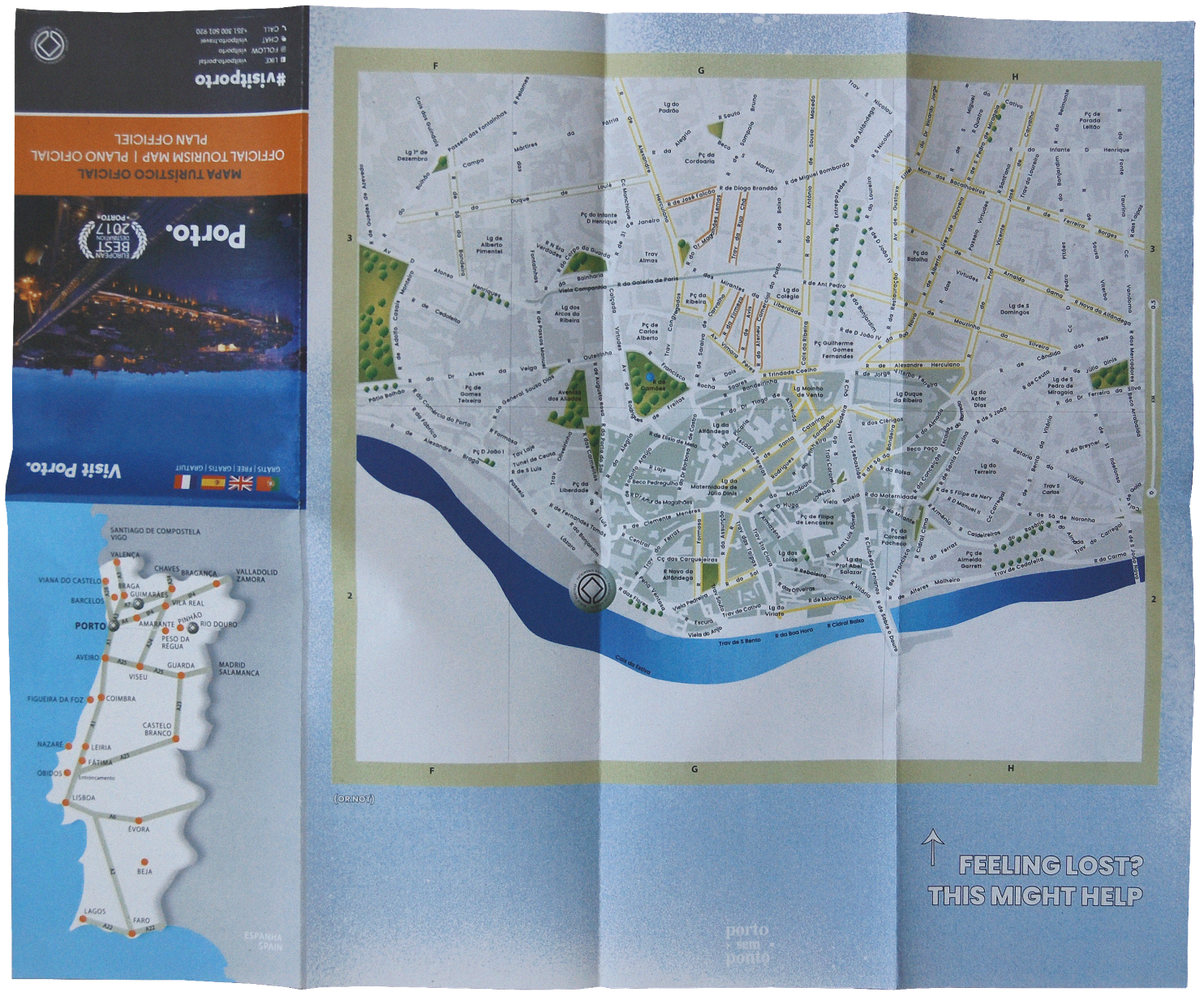
(1) "In a dérive one or more persons during a certain period drop their relations, their work and leisure activities, and all their other usual motives for movement and action, and let themselves be drawn by the attractions of the terrain and the encounters they find there. Chance is a less important factor in this activity than one might think: from a dérive point of view cities have psychogeographical contours, with constant currents, fixed points and vortexes that strongly discourage entry into or exit from certain zones."

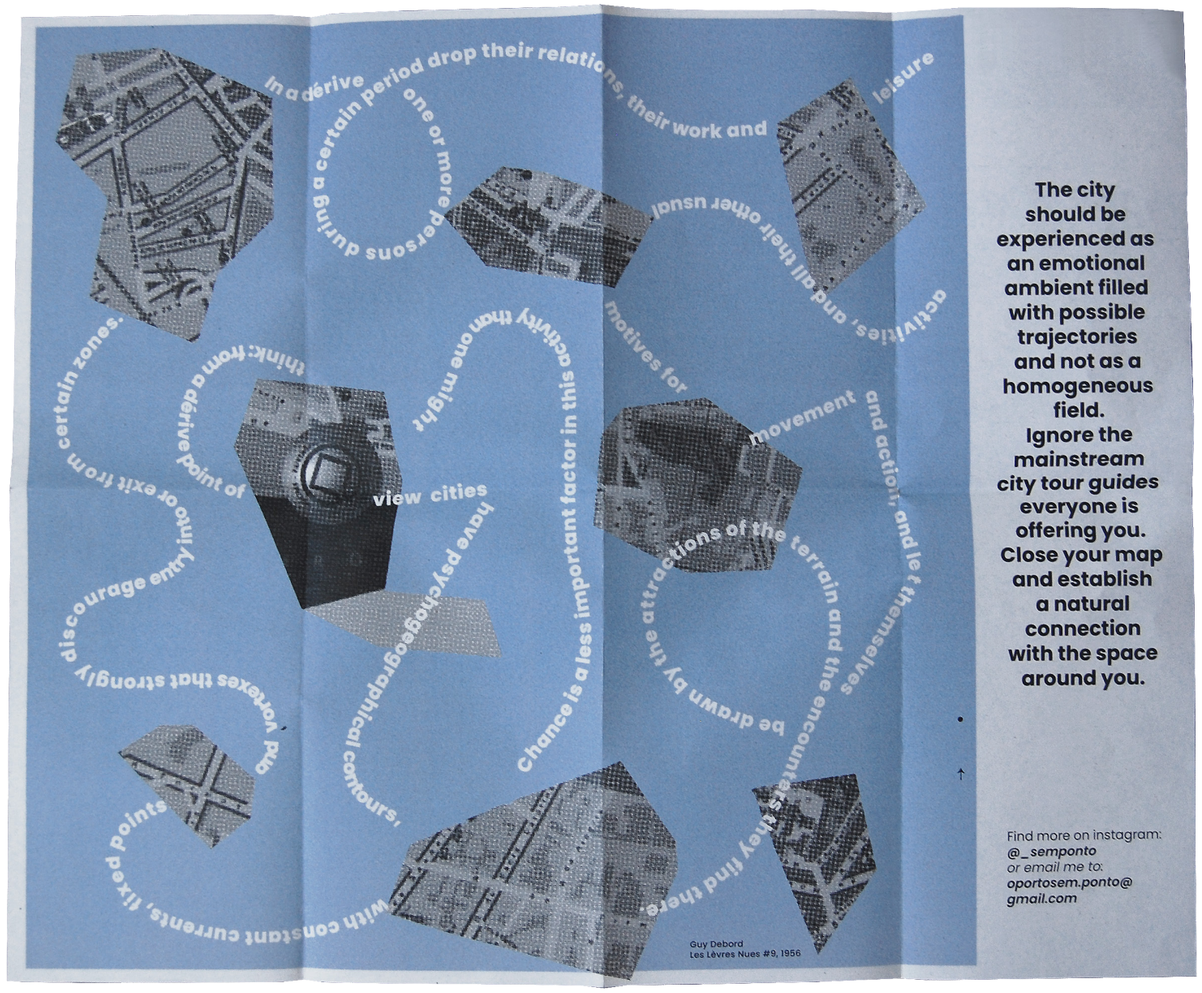
(2) "The city should be experienced as an emotional ambient filled with possible trajectories and not as a homogeneous field. Ignore the mainstream city tour guides everyone is offering you. Close this map and establish a natural connection with the space around you."

"[…] When they leave the Visitors Center, map in hand, they are free to explore the map space as they desire. To some, this means boarding the tourist trolley and experiencing the sites on the map, and many others, while gazing out the window and listening to the driver's narration. Others may choose to walk the route – a physical act which undoubtedly changes their experience. Still others may limit themselves to sites, homes, and monuments […]" (CASINO, Vincent & Hanna, Stephen, 2006, pg.49)

9.







9. Mapa
Fotografias da capa do desdobrável e do aspeto das suas faces quando aberto.
(ver exemplar do original em anexo)

10.























10. Resultado
Still-frames de alguns dos vídeos da primeira perseguição depois da entrega do mapa.

cartazes de propaganda:

Simultaneamente à preparação da primeira ação a ir para as ruas, foram pensados e criados cartazes de propaganda, que surgiram como resposta à necessidade de apresentar o projeto mas também com o objectivo de aguçar o interesse público, de forma a que o projecto começasse já a fazer parte do seu imaginário visual.

Não havendo aqui a necessidade de conquistar pelo familiar, este suporte é de linguagem mais livre e consequentemente exclusiva e, tratando-se do primeiro elemento gráfico criado para colocar nas paredes da cidade, houve a necessidade de pensar o fator unidade para possibilitar o reconhecimento dos suportes gráficos que lhe iriam seguir.

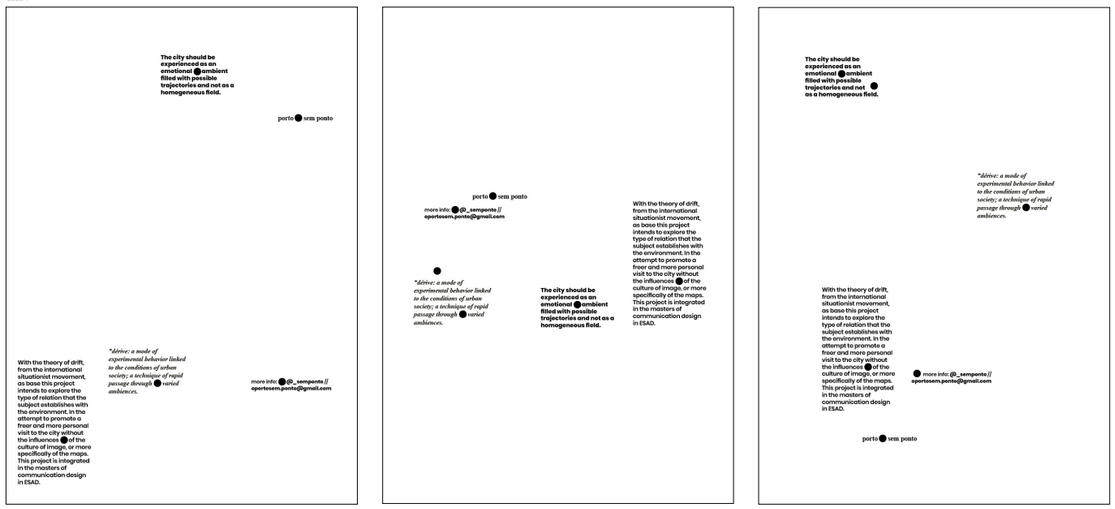
Estes cartazes foram, então, concebidos com a mesma base a ser apresentada aos participantes dos mapas *interativos* (a primeira ação referida anteriormente e que será explicada na pág.84), e de todos os futuros cartazes deste projecto (cartazes de apresentação dos resultados: pág.94 e cartazes *diy*: pág.98). Uma folha branca com vários pontos pretos, de quatro disposições diferentes, que decidimos associar a massas de texto, na sua maioria teóricas e um pouco densas, já que se tratava de um cartaz explicativo e introdutório à tese. (3)

Na tentativa de os dinamizar e incentivar à expressão direta nas paredes (ação *diy*) foram realizados rabiscos/linha entre os pontos, através da técnica de spray, evidenciando também a relação com o projeto por remeterem às experiências iniciais a spray, presentes em todos os suportes já referidos nesta dissertação.

Inicialmente, a intervenção com o spray sobre os cartazes era realizada previamente à colagem nas paredes da cidade. Posteriormente, este processo evoluiu para uma montagem mais orgânica na qual os cartazes, acabados de imprimir, eram colados nas paredes, em várias composições diferentes, para só depois se proceder à intervenção com o spray. Intervenção esta, cada vez menos controlada e mais expressiva, cada vez mais associada à Teoria da Deriva.

(3) "porto sem ponto"
"With the theory of drift, from the international situationist movement, as base this project intends to explore the type of relation that the subject establishes with the environment. In the attempt to promote a freer and more personal visit to the city without the influences of the culture of image, or more specifically of the maps. This project is integrated in the masters of communication design in ESAD."
"The city should be experienced as an emotional ambient filled with possible trajectories and not as a homogeneous field."
"*dérive: a mode of experimental behavior linked to the conditions of urban society; a technique of rapid passage through varied ambiences."
"more info: @_semponto // oportosem.ponto@gmail.com"

11.



12.



11. Poster digital
Aspeto digital, print-screen, de três dos quatro posters que foram impressos para divulgar o projeto.

12. Processo 1
Registo do processo de rabiscar livremente os cartazes com *caminhos* de spray. Aqui numa fase inicial, quando estes eram realizados pré ato de colar.

13.



14.



13. Processo 2
Still-frame de um registo em formato vídeo, correspondente à fase seguinte da ação: colar os cartazes pelas paredes da cidade.

14. Resultado
O aspeto do mesmo cartaz depois de colado, aqui já de dia.
+ p. 33-43 dos anexos

mapa *interativo*:

A partir dos mapas da Teoria da Deriva e do objetivo de personalizar a relação Homem-Espaço, pareceu-nos quase inevitável que a promoção do trajeto pessoal e único fosse feita através de um *faça você mesmo* o seu próprio percurso.

Nasceu assim a ação do mapa *interativo*, na qual os indivíduos foram abordados, de forma aleatória e pessoal, para solicitar a participação num projeto sem qualquer explicação extra. Quando aceite, foi apresentada uma folha branca com pontos, uma por participante, e dada a indicação para que nela criassem um desenho ou rabisco livre e imediato, explorando o espaço que é a folha e usando os pontos como referência ou não.

Sem revelar a finalidade da experiência, a ideia era que cada participante respondesse de forma espontânea e o menos controlada possível. Quando concluído, foi-lhe revelado que por trás dessa folha branca com pontos existia um bocadinho de cidade a ser explorado e que, graças a uma folha de papel químico, passou também a existir um novo trajeto possível para o fazer. A espontaneidade dos desenhos ganharam uma forma que, quando aplicados no tridimensional, se transformam num caminho.

O indivíduo participante era então convidado a fazer o percurso que desenhou inicialmente sem consciência, agora de forma introspetiva e a realizar uma visita atenta e percetiva do efeito que o ambiente — disposição ou organização de um lugar, sons, cores ou objetos — poderá ter em si, nas suas emoções e comportamentos, introduzindo assim a psicogeografia. É também convidado a detectar as camadas ocultas — inscrições e vestígios de uso ao longo do tempo que se sobrepõem, se apagam e se transformam de forma viciosa — em tudo o que simplesmente intuímos ou assumimos como real no ato de caminhar, aplicando aqui a ideia de palimpsesto ao espaço público. Por fim, é também convidado a devolver provas dessa experiência por email.

Ainda na orientação para a prática, o indivíduo é elucidado de que para uma deriva original, conforme a proposta dos Situacionistas, não são usadas referências e que seria válido decidir desistir do mapa e seguir sem ele. Apesar de contraditório apresentar mapas para os criticar vimos esta solução como um tornar visual do conceito. Regra geral e devido a impedimentos físicos como casas e edifícios ou relacionados com o interesse pessoal de cada um, os participantes tenderam a criar mais um caminho próprio, para além do que desenharam.

O objeto desta interação é mais uma vez um desdobrável, para facilitar a organização de informação, mas desta vez de dobra francesa. Para ser lido e utilizado, deve estar completamente aberto ou dobrado pelo eixo vertical, sendo apenas dobrado em quarto no momento de guardar.

Por se tratar de uma ação de rua mas já com o apoio pessoal e direto, este suporte corresponde à transição da imagem gráfica para algo menos comum ou facilmente inteligível em relação ao mapa anterior, o de *guerrilha*.

Quando aberto, contamos com um mapa, de linguagem bastante clara e limpa, sem qualquer referência para além dos nomes das ruas e seus limites e com pontos referentes aos pontos de interesse turístico, e sobre o qual "*magicamente*" surge um percurso do desenho.

No lado direito contamos com a legenda dos pontos para ajudar na orientação, para facilitar ao máximo a experiência e evitar desistências, pois apesar de uma cidade relativamente pequena, o Porto tem uma malha urbana bastante confusa.

Com o mesmo propósito dividimos o centro turístico (o grande *ponto*) em quatro partes, tornando a visita mais curta e fácil de executar, visto que o mais importante não será a quantidade de quilómetros que caminham (ou que os "*obrigamos*" a caminhar) mas sim a total compreensão das ideias gerais e que as apliquem na sua visita. Daí a existência de uma variedade de quatro tipos de folhas brancas com pontos, cada uma correspondente a uma zona do ponto.

Para as legendas visuais, que correspondem aos pontos anteriores por se encontrarem precisamente no mesmo lugar na página, foram usados postais recolhidos ao longo da fase de observação ou, em alternativa, imagens do google que preenchiam, o que consideramos ser, os parâmetros de postal. Com esta seleção houve uma tentativa de crítica subtil à cidade-plástico que tenta potencializar economicamente tradições e zonas consideradas típicas.

Os pontos, sobrepostos ou muito juntos das imagens, estão desta vez a branco e identificados por uma letra alusiva ao nome do projeto — p o n r s t — sem nunca repetir e de forma aleatória dependendo do seu número, sempre entre 5 e 6. Na margem superior da página, encontram-se as legendas para estes pontos.

No verso temos uma página só com pontos onde, numa fase inicial, os indivíduos eram convidados a rabiscar. Ou seja, o desdobrável, numa fase inicial, funcionava dobrado a meio com a folha de papel químico dentro mas, e depois de dois pares de interações percebemos que, apesar de registados o nome do participante, o seu contacto e fotografado o mapa com o percurso, não se mantinha a obra original que seria a prova mais importante desta interação. Para nos salvaguardar e como a nossa metodologia é auto-reflexiva a partir daí foi acrescentada uma outra folha igual a esta, mas independente e, com a ajuda de fita-cola de papel e clips, juntámos-lhe a folha de papel químico e anexámo-la ao desdobrável.

Ao lado temos a capa e a contra-capa, com um grafismo semelhante ao interior do mapa de *guerrilha* (verso teórico), escolha feita para que a transição da linguagem dos suportes fosse o mais clara e subtil possível.

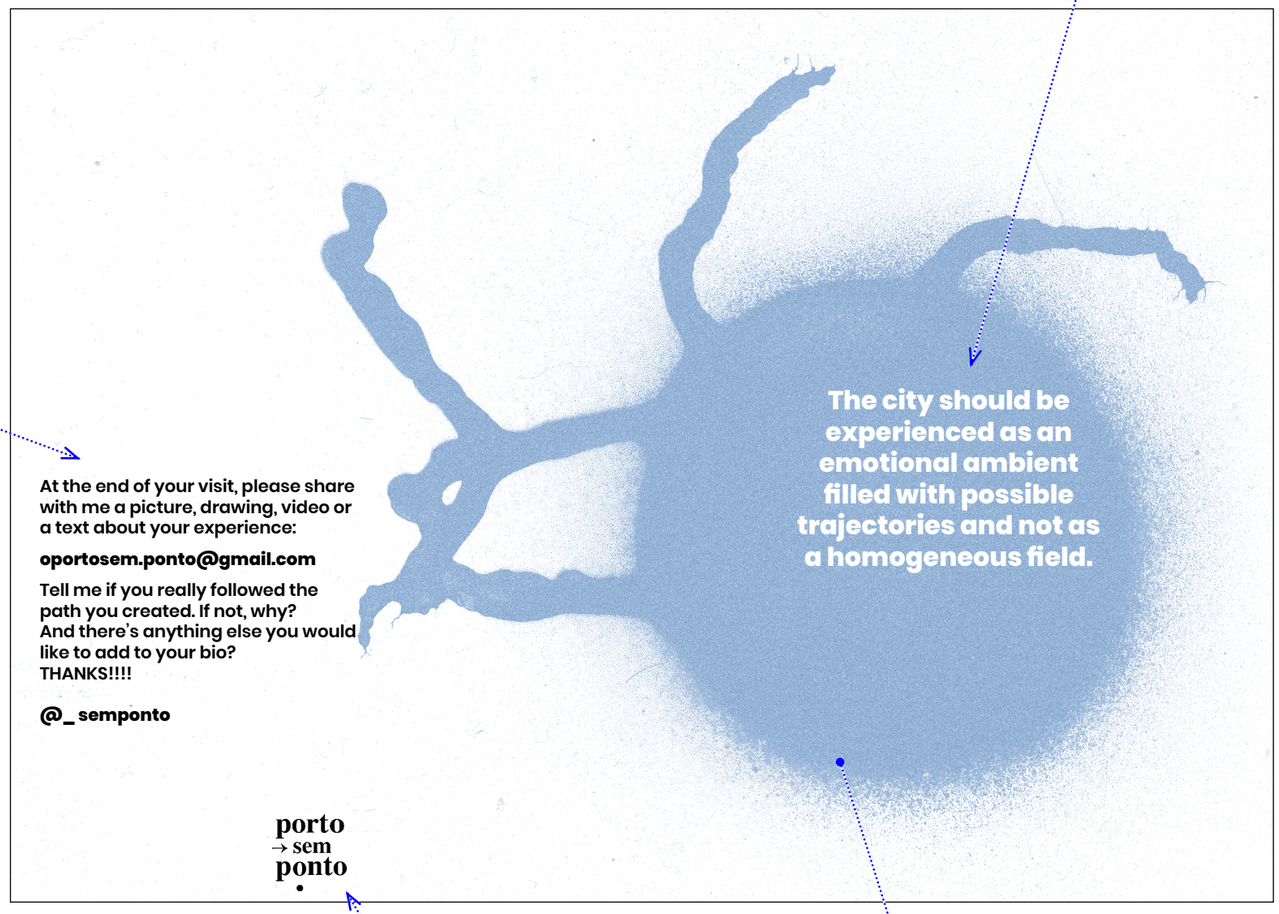
Numa etapa preliminar, os mapas eram apenas direccionados a visitantes, idealmente a pessoas que viajassem sozinhas ou em pares para facilitar a interação e até mesmo a experiência. Mais tarde e depois de alguma observação, discussão e de realizar várias interações, decidimos alargar o contacto a pessoas locais, pois esta ideia de movimento sempre pelos mesmos trajetos pode e deve ser aplicado também a quem cá vive, sendo que neste caso, o fenómeno não se dá pela força dos mapas, mas sim pela rotina mecanizada do dia-a-dia. O ato de traçar e seguir um caminho próprio, com atenção aos aspetos mencionados, pode ser benéfico e útil para qualquer um, mesmo para um nativo.

Apesar de frustrada toda a interação inicial, uma vez que dependia de desconhecidos e, neste tipo de diálogo, há sempre inúmeras falhas de comunicação, educação e outros problemas associados, esta experiência revelou-se bastante eficaz em relação à anterior, mesmo que mais de metade ou a maior parte dos mapas distribuídos não tivessem tido resposta.

A finalidade desta intervenção foi sempre a de exposição. Com o objetivo de a fazer o mais completa possível, e sendo o contacto de email um dos dados que recolhemos de cada indivíduo, decidimos estabelecer um período de espera para a resposta de mais ou menos um mês, para lhes possibilitar a organização de ideias e de provas e, quando terminado, enviar um email de lembrete a motivar à participação, o que resultou para apenas dois dos participantes.

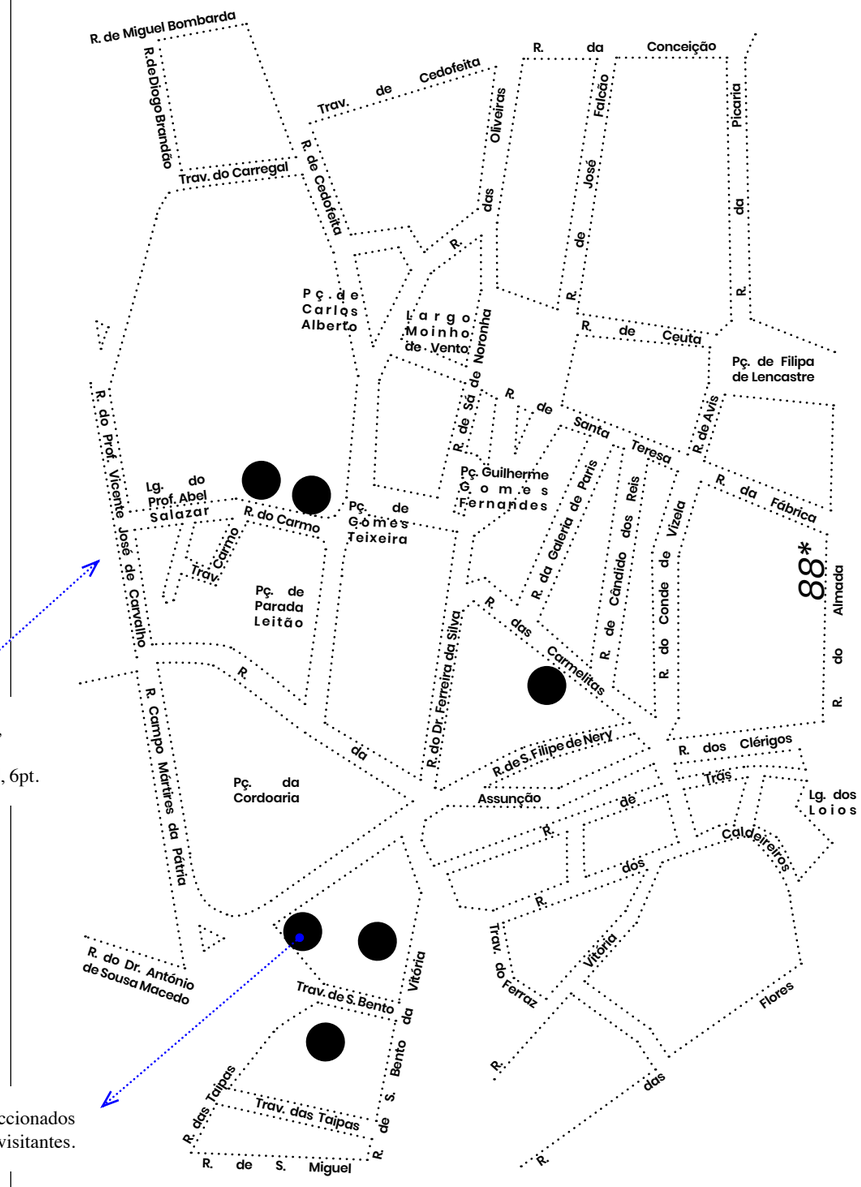
15.





15. Capa e contra-capa
Fotografia e objeto digital.

16.



Ruas: delimitadas por linhas pretas, pontilhadas, com 1pt de espessura.
Nomes das ruas: Poppins Semibold, 6pt.

"Pontos de interesse turístico", seleccionados na fase de interação inicial com os visitantes.

Frase irónica, alusiva ao consumismo, para evidenciar a crítica subtil à cidade-plástico.

All pictures shown are for illustration purpose only.

p. Universidade do Porto
N 41º14'73.34
W 8º61'60.30

o. Igreja dos Carmelitas & Igreja do Carmo
N 41º8'50.14
W 8º36'58.43

n. Livraria Lello
N 41º8'48.45
W 8º36'53.50

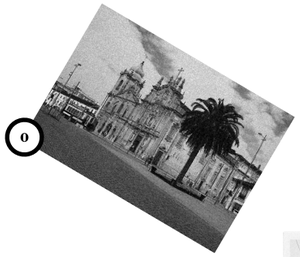
t. Torre dos Clérigos
N 41º8'44.49
W 8º36'52.99

s. Miradouro da Vitória
N 41º8'35.4
W8º36'57.9

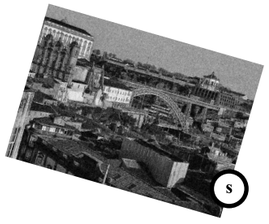
r. Centro Português de Fotografia
N 41º8'42.61
W 8º36'57.9

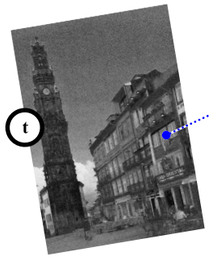
Legendas dos pontos, juntamente com as suas coordenadas que, apesar de já não muito utilizadas, foram aplicadas nestes momentos de legenda para desvalorizar a ideia de sítio de interesse, que se desdobra num ponto de passagem entre uma infinidade de outros, algo que não é propício à criação de relações.

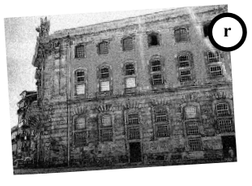

p


o


n


s


t


r

Porto-postal: imagens manipuladas para preto e aplicado o efeito de grão para que não tivessem demasiado peso visual e dominassem o aspeto geral do objeto.

dérive: a mode of experimental behavior linked to the conditions of urban society; a technique of rapid passage through varied ambiences.

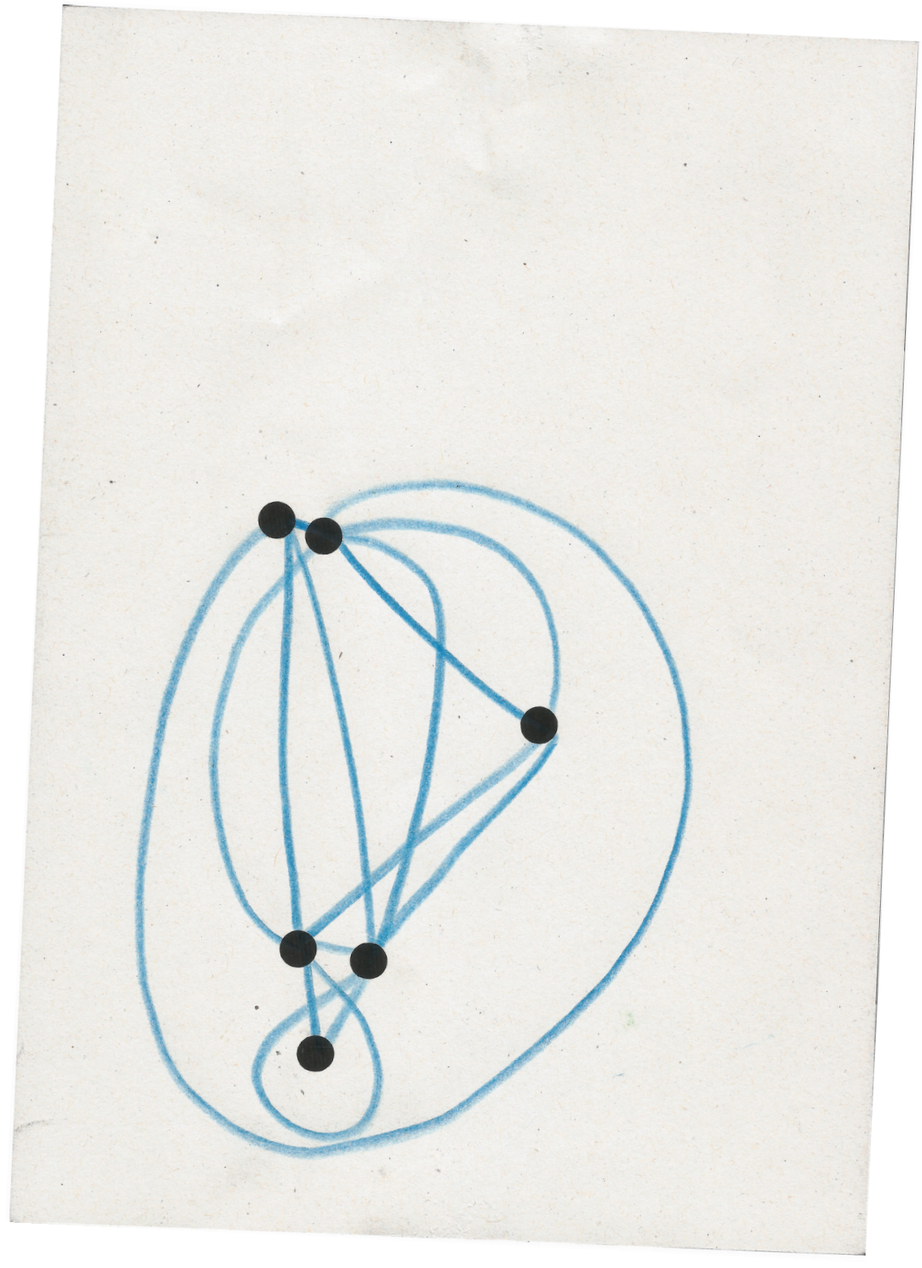
Citação/definição que funciona como memo no momento de visita.

16. Interior do desdobrável
Objeto digital, de tamanho real.

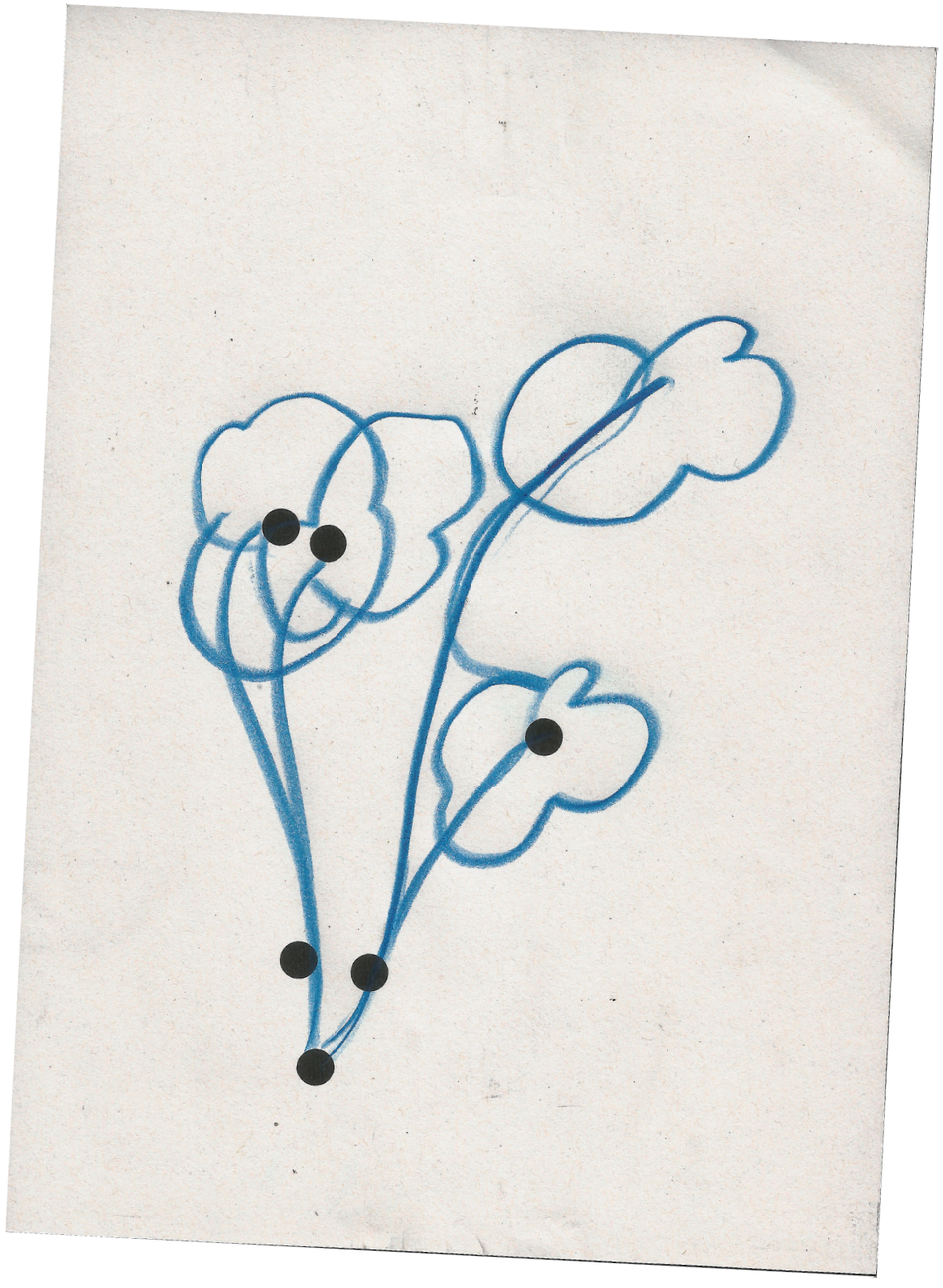
17.

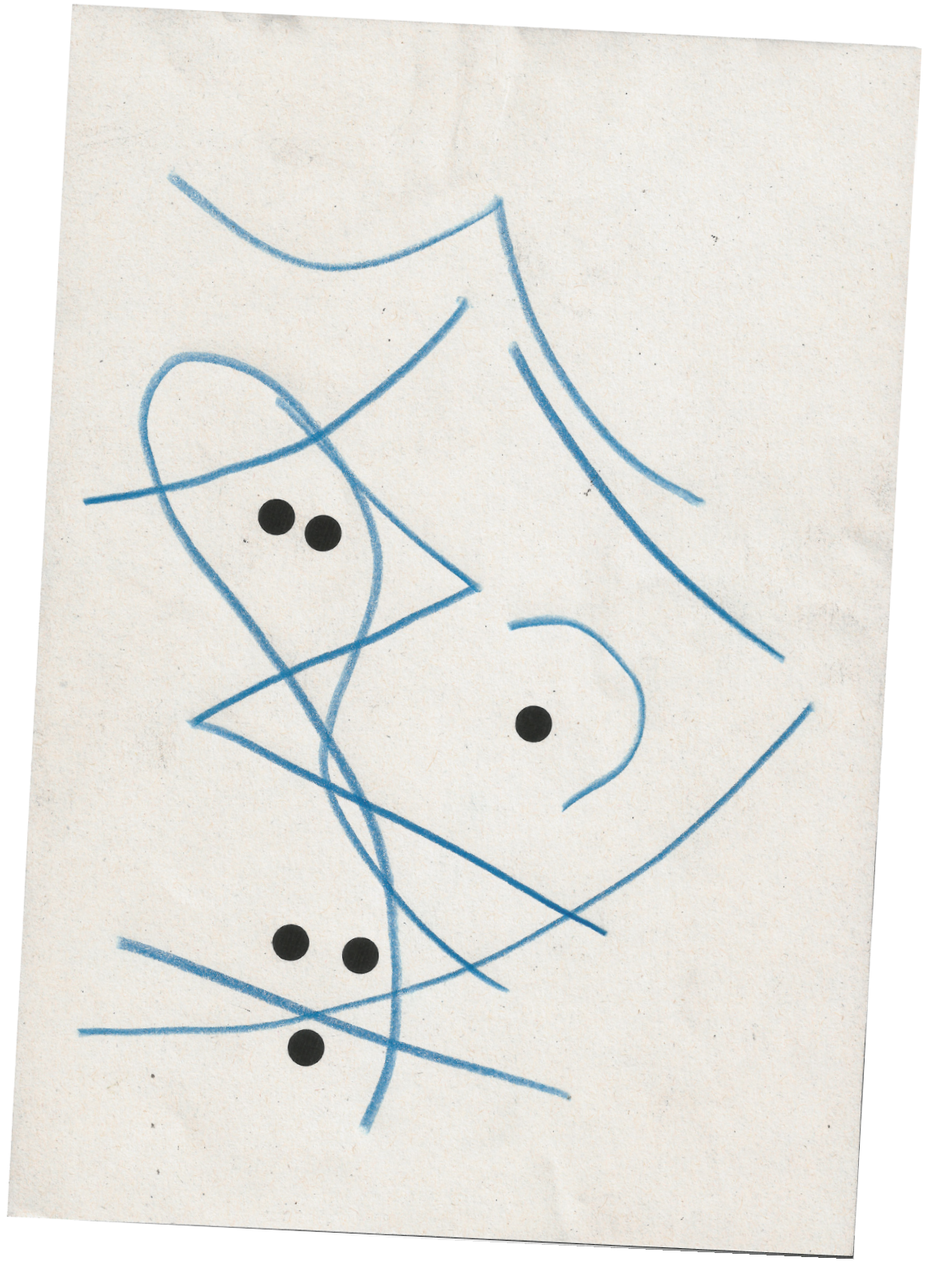


18.



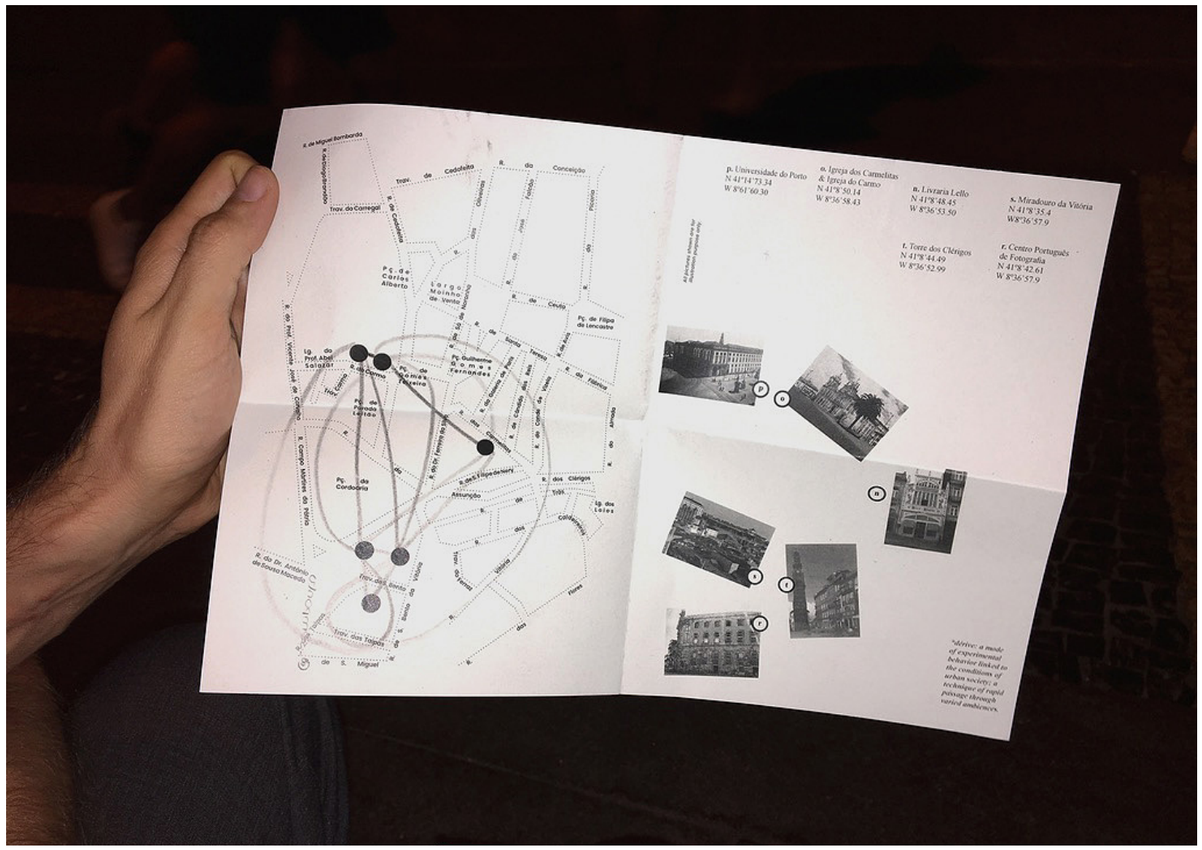
17. Primeiro contacto
Antes de qualquer explicação é apresentada ao indivíduo esta folha A5 branca com pontos negros, sobre a qual este é convidado a rabiscar livremente.





18. Rabiscos
Vários desenhos, para o mesmo mapa, de participantes diferentes.
+ ver p. 45-93 dos anexos para todos os resultados conseguidos com esta interação, e melhor percepção da sua diversidade.

19.



19. Caminho
Momento de revelação e explicação do motivo da interação.
Este desdobrável, com o caminho decalcado, fica com o indivíduo para melhor orientação numa próxima descoberta.
+ ver p. 45-93 dos anexos para todos os resultados conseguidos com esta interação, e melhor percepção da sua diversidade.

exposição:

Tendo em conta que a cidade corresponde ao ponto de partida do projeto e ao palco para todas as interações, foi decidido realizar a exposição nas suas ruas em vez de num espaço de exposição fechado. Desta forma, o projeto chegaria mais facilmente a um maior número de pessoas, facilitaria intervenções futuras e entranhar-se-ia na própria cidade, como parte manifestante do seu dilema.

Portanto, à medida que recebíamos os resultados da interação, tratámos de os preparar para expôr nas ruas como se de um museu ou sala de exposição comum se tratasse, sendo a obra o desenho inicial do participante e a sua legenda o resultado ou reflexão individual da experiência.

As obras foram todas digitalizadas sobre fundo preto (uma folha de papel químico) de forma bastante informal, sem estrutura de guias restrita, para evidenciar as suas diferentes origens e para que não se criasse a ilusão de apenas existir um modelo de desenho.

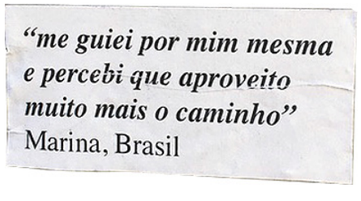
Quando recebidas as respostas, as obras foram trabalhadas e editadas — limpas, alteradas para preto, aguçadas, puxados contrastes e ajustadas luzes — em Photoshop, foi-lhes adicionado o *handle* "@_semponto", para possibilitar o acesso fácil ao projeto por parte de um(a) qualquer curioso(a) ou interessado(a) e mais tarde, estas foram impressas em A3+. Decidimos passar todas as obras para preto, tanto para facilitar a leitura e tornar a mensagem o mais direta e clara possível, como também para reduzir custos de impressão.

Tal como acontece nos museus, queríamos anexar uma legenda a cada obra da exposição mas não tendo controlado o tipo de respostas nem o seu tamanho, decidimos seleccionar apenas um excerto do email que recebemos como resposta.. Aqui tivemos a liberdade de decidir o que evidenciar, dando prioridade às partes que comprovassem a importância da deriva ou da exploração consciente do espaço ou que simplesmente considerássemos mais curioso, cativante ou importante para o nosso trabalho.

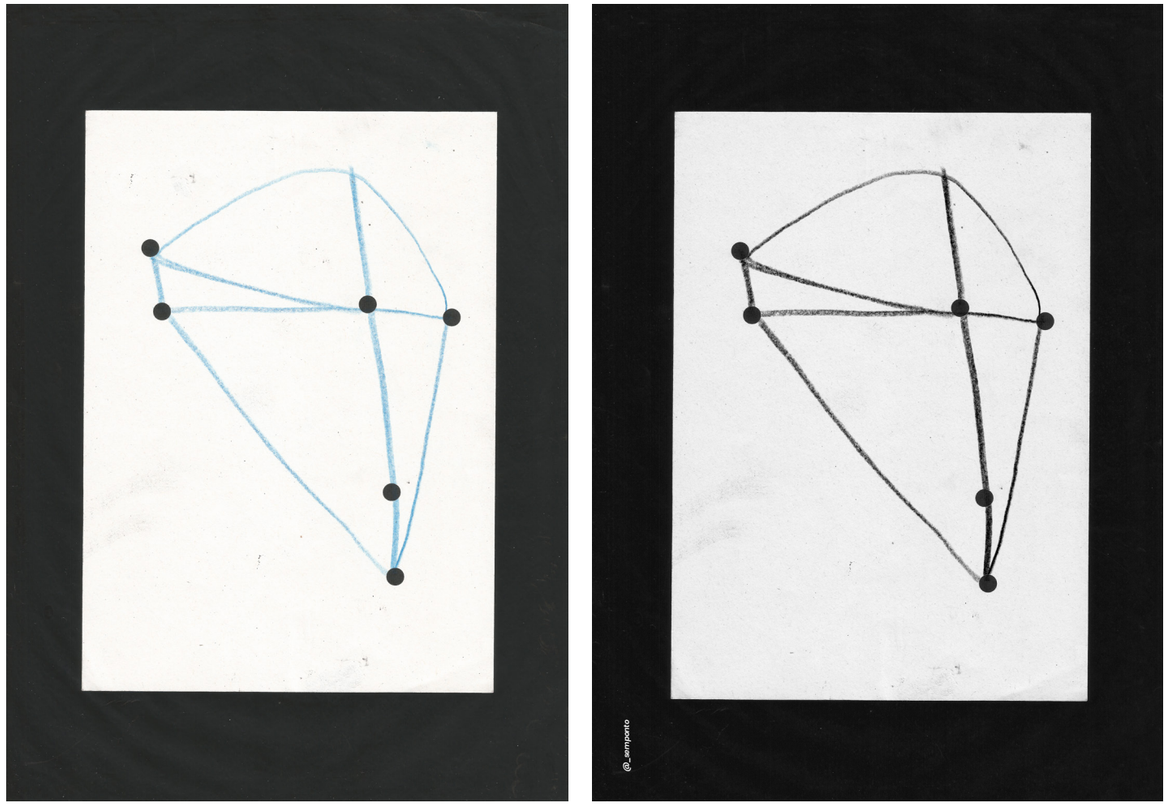
Quando selecionadas as obras, foram organizados na folha modelo criada para o propósito, a Times Bold Italic com peso de 16pt, e adicionado o nome e país ou cidade de origem (dependendo da informação fornecida) do autor, com a mesma tipografia e tamanho, mas estilo regular, impressas, cortadas e coladas com fita-cola de papel à obra. Seguidamente foram selecionadas uma série de paredes do centro turístico para as afixar.

As provas completas foram partilhadas na rede social Instagram, sendo que o importante para nós foi sempre o resultado da experiência do indivíduo inalterado e não queríamos que o único produto que se tornasse público fosse a nossa seleção da mesma. Dedicámos portanto dois posts a cada participante, um com esses resultados, e outro com fotos da obra já nas ruas, com indicações da sua localização, numa tentativa de promover o trabalho de cada um, motivar outros ou até angariar novos participantes.

20.



21.



20. Legenda
Seleção de uma parte do texto da experiência pessoal do indivíduo para legenda.

21. Processo 1
À esquerda a digitalização do desenho original e ao lado a obra editada já em poster com o *handle* do instagram do projeto, pronto para imprimir.

22.



23.



22. Processo 2
Still-frame de um registo em formato vídeo, correspondente à fase seguinte da ação: colar os cartazes pelas paredes da cidade.




tal da construção 1275,90 (i) Volumetria da edificação (j)
e implantação 383,56 (i) Altura da fachada do edifício
da cota de soleira 5 (j) N.º de pisos abaixo da cota de soleira Ø (k)
e destina a edificação HAB. (j) Área abrangida pelo plano (l)
vará de loteamento n.º Condições de execução
NCLUSÃO DAS OBRAS 720 DIAS
DESAPARECEU
RTISTA





23. Resultado
O aspeto do mesmo cartaz depois de colado,
aqui já de dia, e de outros quatro exemplares.
+ para todos ver anexo *jornal de sala*.

diy:

A última ação funcionou como um teste à difusão do projeto, através da afixação na rua de vários cartazes com a mesma base dos anteriores (de exposição, p.96) — uma folha branca com pontos, respeitando as suas quatro vertentes, sobre fundo preto — mas, neste caso, sem qualquer intervenção prévia. No lugar da legenda, contamos agora com um pequeno texto em tom amigável e convidativo à participação, a riscar e a enviar os resultados para um email ou perfil. (5)

Por se tratar de uma ação *do it yourself*, sem a proximidade e pressão do contacto pessoal, a experiência torna-se mais rica pois os participantes interagem com o cartaz sem qualquer incentivo exterior, mas por vontade própria, curiosidade ou até para pertencer a um projeto já conhecido.

Independentemente do nível de pesquisa realizada ou familiarização com o projeto, o elemento surpresa mantém-se aguçado, visto não ser logo revelado o objetivo da interação, mas haverem fases a completar até lá e, apesar de o próprio texto de incentivo à participação abordar o conceito de caminho, nunca em nenhum meio de comunicação ou divulgação, foi abordada a forma como este se cria.

A vantagem mais imediata desta ação é o facto de conseguirmos chegar a mais gente do que seria possível apenas com os outros tipos de contacto. Uma outra vantagem, não tão evidente mas igualmente importante, foi a possibilidade de manter uma presença ativa na cidade, pois não tendo havido um número elevado de respostas à ação do mapa *interativo*, o desvanecimento do projecto das ruas devido à brigada de limpeza de rua da Câmara Municipal seria inevitável.

Podendo corresponder então ao *turning point* em relação à dimensão e extensão das participações, e inevitavelmente dos resultados (apesar de haver uma clara discrepância numérica aqui), e por ser algo controlado por nós, houve uma tentativa de cobrir generosamente a área a trabalhar.

Numa fase mais avançada percebemos que, em alguns casos de zonas de maior movimento, onde simplesmente ninguém pára ou abranda, havia uma necessidade de atribuir maior valor ao seu propósito e, para isso, decidimos acrescentar a essas composições um outro cartaz de igual tamanho, A3+, apenas com o texto de incentivo à colaboração mas desta vez bastante maior, a 40pt, sobre fundo branco.

Quando recebidas respostas das novas obras, por email ou instagram, houve um ajuste digital em Photoshop do desenho ao mapa, utilizando os pontos como referência — de rabisco para trajeto — e enviados como resposta aos novos participantes, juntamente com um texto de introdução ao projeto, principais objetivos e explicação da sua nova tarefa.

As primeiras três participações a esta ação foram fabricadas, ou seja, acontecerem por convite a amigos mas, todas as outras participações foram realizadas por desconhecidos. As primeiras foram as únicas participações completas, com desenho e resposta.

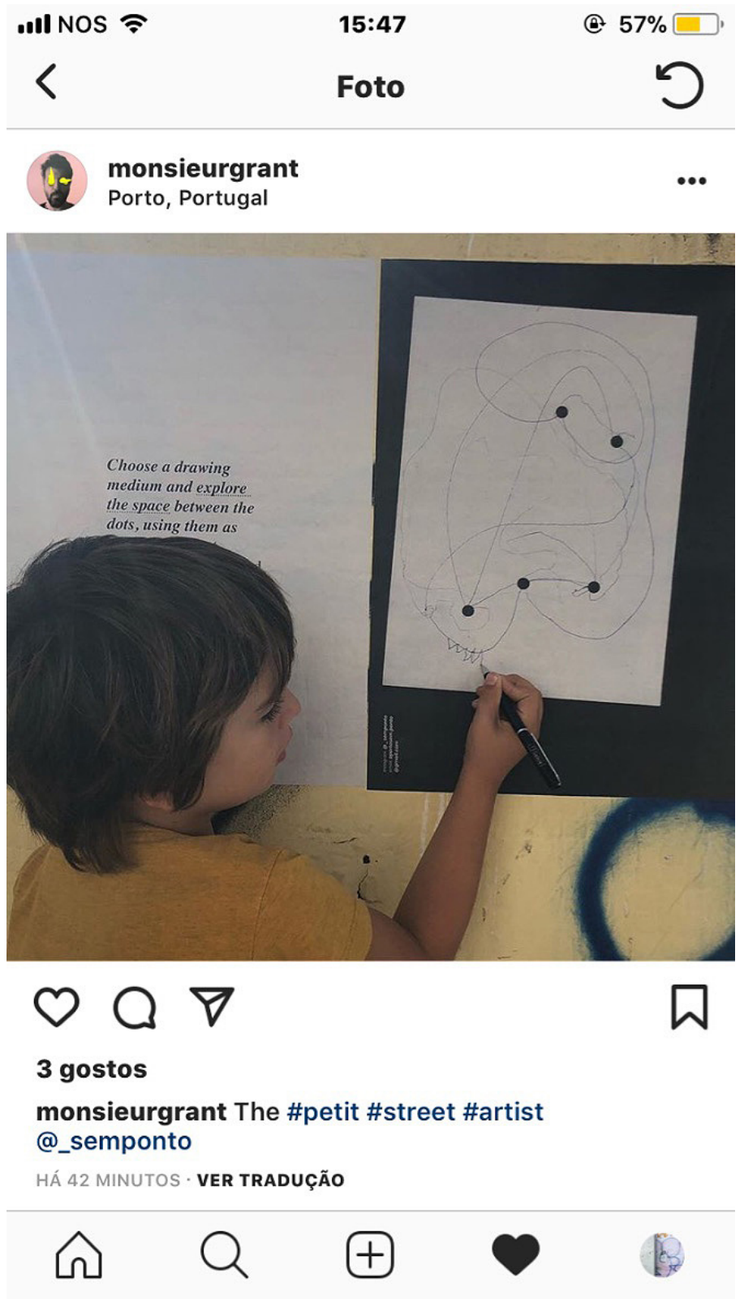
(5) "Choose a drawing medium and explore the space between the dots, using them as reference or not. Send me a pic after and I'll reply with a path ;)"

24.



24. Cartaz
+ ver p. 95-115 dos anexos.

25.



25. Rabisco
Uma das participações à ação diy, aqui via publicação de instagram com identificação do perfil do projeto.
+ p. 117-127 dos anexos.



26. Caminho
Documentos enviados aos participantes.
À esquerda o trajeto e à direita as referências de orientação, tal como acontece no desdobrável da interação pessoal. Mas, tratando-se agora de um processo digital e manipulável, esta face conta também com o percurso para facilitar todo o processo.

p. Igreja dos Congregados
N 41º8'46.3
W 8º36'38.7

o. Estação de S. Bento
N 41º8'44.4
W 8º36'37.9

n. Igreja de Santa Clara
N 41º8'33.1
W 8º36'33.2

t. Sé do Porto & Pelourinho
N 41º8'34.2
W 8º36'40.3

r. Igreja de S. Lourenço
N 41º8'31.9
W 8º36'45.6











All pictures shown are for illustration purpose only.

dérive: a mode of experimental behavior linked to the conditions of urban society; a technique of rapid passage through varied ambiences.

27.

_semponto

Inês Trabez
para ffilipe.pinto
Há 18 horas Detalhes

Esta mensagem foi modificada para se ajustar ao seu ecrã.
Toque aqui para mostrar a mensagem original.

OI!

first things first, uma pequena introdução:
O Porto Sem Ponto é um projecto baseado na teoria da deriva dos situacionistas e tem como objectivo estudar a forma como as pessoas se relacionam com o espaço - a cidade - na tentativa de promover uma visita mais livre e individual sem a influência dos mapas.
Um projecto no contexto de mestrado - tese - em design gráfico, na ESAD.

~

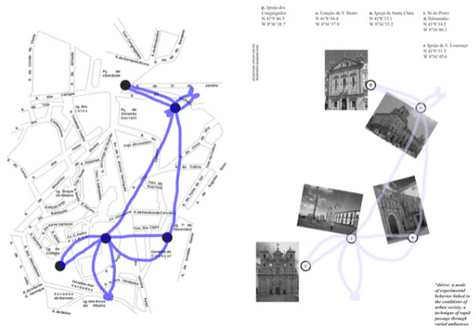
Partindo da ideia de critica aos mapas, que te dizem exactamente como ir de um ponto ao outro e com ênfase nas emoções e sentimentos no momento de procura ou descobrimento de um espaço, sugeri a várias pessoas - como vocês - que explorassem o espaço entre os pontos, ou seja todas as ruas e ruelas entre os pontos mais turísticos da cidade. E a partir desse rabisco aleatório o sujeito criaria um caminho, o mais individual e pessoal possível (naquele momento).

Agora vá, o que te proponho:
Que sigas este **teu percurso** e que registes a experiência de alguma forma - video(s), foto(s), desenho(s), texto(s), o que te apetecer! E que me envies para aqui.
Partindo do principio que o objectivo é que a visita seja o mais pessoal possível é válido que o comeces e decidas a meio que preferes sentir o espaço com zero referências e seguir sem mapa. Ou até escolher apenas um troço e explorá-lo mais minuciosamente...

Agradeço desde já o esforço!

Até jazz,

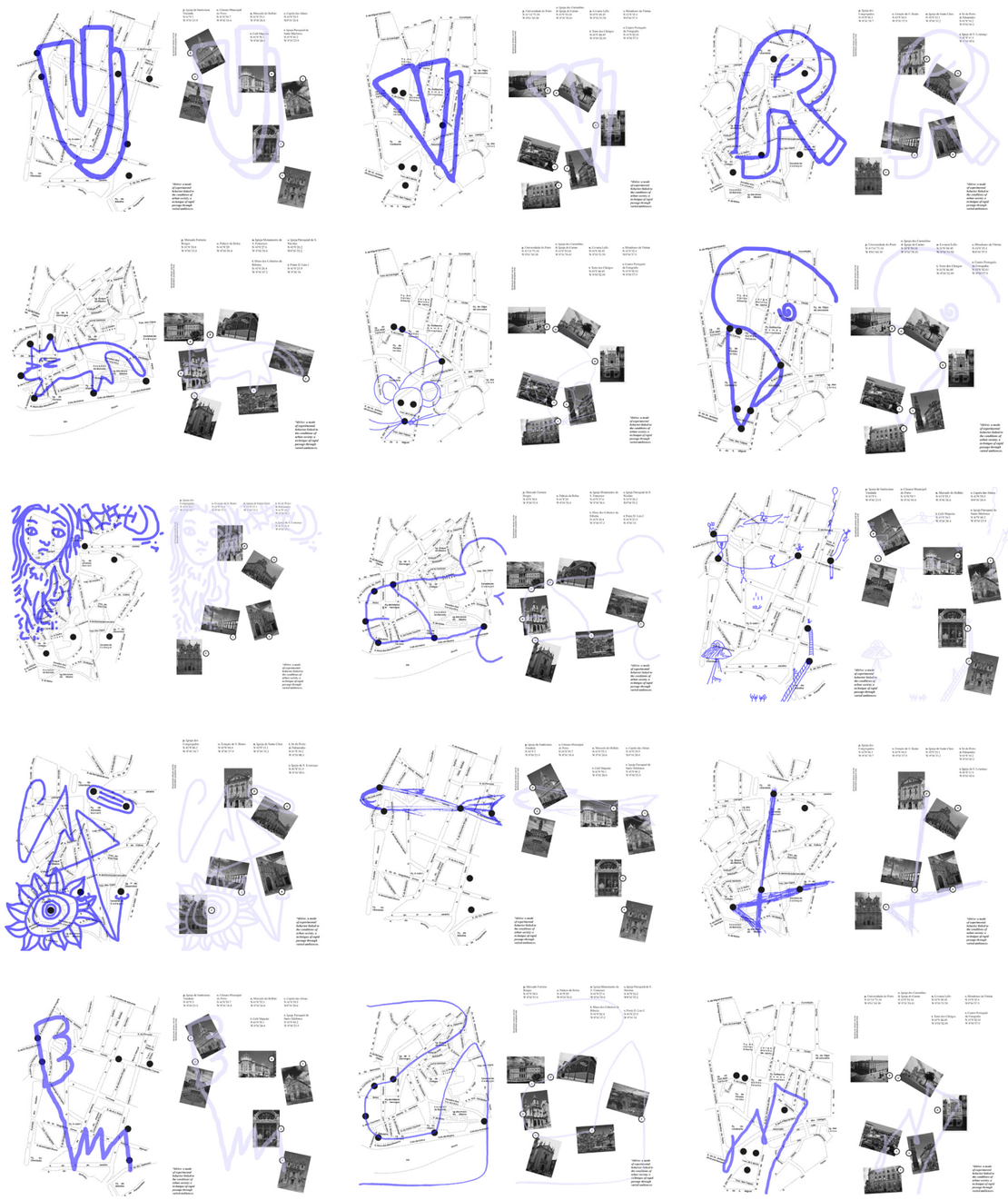
Inês Trabez



ps. Quanto aos resultados pode ser algo que só para ti faça sentido. Não tem que ser uma reflexão da experiência - se quiseres podes juntar um texto mais relacionado com ela mas não é necessário.

ps2. envio o mapa com o percurso + a "legenda" dos pontos para teres referências da zona :)

28.



27. E-mail
Foi criada uma base de e-mail a enviar aos participantes. Sempre que necessário o texto foi traduzido (geralmente para espanhol ou inglês) ou adaptado para o plural quando de uma participação em grupo se tratava.

28. Caminhos
Os outros mapas resultantes desta ação.

jornal de sala:

Como complemento da exposição e, tal como acontece nos museus, decidimos criar uma espécie de folha de sala. Mas visto não serem sempre obras do mesmo autor, não querermos tratar o conjunto como uma coleção homogénea, não se tratar propriamente de um espaço controlado, como geralmente acontece nos museus, e por não haver razão para explicação ao projeto, visto já haver um relatório, resolvemos adaptar a clássica folha de sala às nossas necessidades.

Nasceu aqui o *jornal de sala*, correlacionado com a conta de Instagram que, por ser de tamanho considerável, proporciona a mostra de cada obra exposta, juntamente com a sua explicação — experiência do indivíduo participativo — com o devido destaque.

Quando decidimos criar este suporte, a nossa ideia era que funcionasse como objeto de orientação e de consulta, em movimento, no momento de procura pelas obras. Com esse propósito, tentámos vários formatos e tamanhos e escolhemos o A4 (também para complementar com o objeto relatório) que quando não está em utilização, dobra a meio num eixo vertical — 29,7cm de altura x 10,5cm de largura — para melhor encaixe na mão do utilizador e facilitar o seu transporte. Cada spread, A3 horizontal, apresenta o trabalho de um participante e valoriza a sua prática, reflexão e resultados.

Quando os resultados têm elementos extra ao texto, como por exemplo fotografias, por ser o registo visual mais comum, organizámo-los de forma orgânica, à primeira vista quase sem ordem, para evidenciar o lado emocional e aleatório de todo o processo e relacionando-as com os rabiscos.

Para a capa escolhemos enfatizar uma citação de Ian Chambers, por corresponder a uma das que mais influenciou e melhor resume as motivações deste projeto. (6)

Para o índice decidimos apenas destacar as fotografias registadas no momento de contacto com os participantes que realizaram a experiência e enviaram as impressões, organizadas segundo a ordem de contacto e numeradas e apresentadas segundo a ordem de resposta.

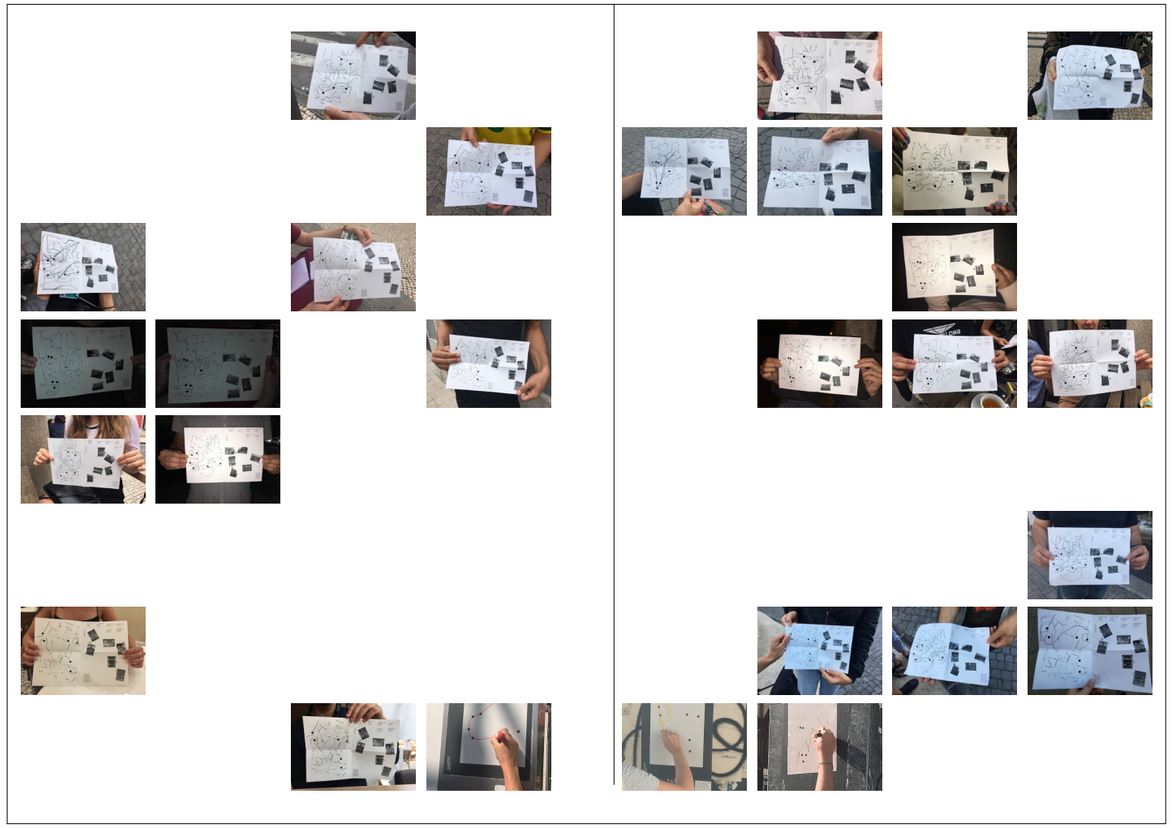
Por se tratar de um espaço de exposição tão amplo, sentimos a necessidade de associar este suporte a um mapa com indicações dos locais de cada obra, mas para fugir ao mapa que tentámos criticar e para lhe atribuir uma identidade mais única, exagerámos aqui a ideia de negação às referências e, em vez de apenas retirar os pontos de interesse ou outras indicações extra, também eliminámos as linhas delimitadoras de cada rua. Tudo isso resultou num mapa fluído, só com os nomes das ruas a navegar livremente no espaço e alguns pontos, referentes às nossas obras, presente no fim do jornal e também na sleeve do relatório.

Um mapa que nos relembra o *"Map for Crying Travellers"* de Joana Estrela — no qual a ilustradora seleccionou e apresenta "(...) sítios com potencial para momentos tristes e de lágrima no olho, espalhados um pouco por todo o Porto (...)" (P3, 5/10/2016) — por apontar um número concreto, neste caso 10, de lugares alheados dos pontos turísticos e arbitrados por uma entidade individual.

Este jornal, idealmente num futuro próximo, estará disponível, de forma gratuita, em lojas, cafés e galerias selecionadas. Para já, funciona apenas como anexo a este documento/relatório.

(6) "The city, the contemporary metropolis, is for many the chosen metaphor for the experience of the modern world. In its everyday details, its mixed histories, languages and cultures, its elaborate evidence of global tendencies and local distinctions, the figure of the city, as both a real and an imaginary place, apparently provides a ready map for reading, interpretation and comprehension. Yet the very idea of a map, with its implicit dependence upon the survey of a stable terrain, fixed referents and measurement, seems to contradict the palpable flux and fluidity of metropolitan life and cosmopolitan movement. Maps are full of references and indications, but they are not peopled. You often need a map to get around a city, its subway system, its streets. But that preliminary orientation hardly exhausts the reality in which you find yourself. The city plan is both a rationalization of space and of time; its streets, buildings, bridges and roads are also temporal indices. It permits us to grasp an outline, a shape, some sort of location, but not the contexts, cultures, histories, languages, experiences, desires and hopes that course through the urban body." (CHAMBERS, Iain (1993), Cities Without Maps, pg.188)

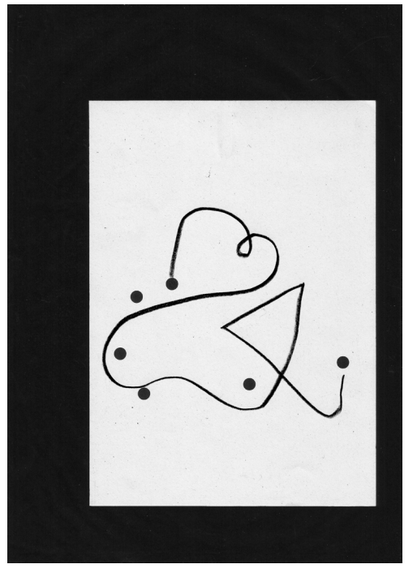
29.



29. Índice
Spread do índice do jornal com destaque aos participantes ativos, tendo sido eliminadas da composição as fotos dos não participantes.

01

R. Campo dos Mártires da Pátria







"las paredes que no me dejaron hacer el camino"
Emiliana, España

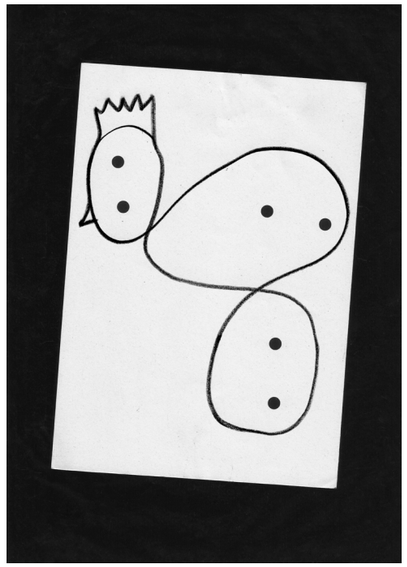
"No lo pude hacer todo peroo... Hice fotos de todas las paredes que no me dejaron hacer el camino que había dibujado. :)"



N 41°8'43.8" W 8°36'55.6"

24

Tv. de São Carlos







"E foi assim que num sábado à noite descobri uma estatua que outrora nunca tinha visto."
Margarida, Maia

"Outrora um mero jardim
Bem, dizer que sou do Porto é relativo, efetivamente sou do distrito do Porto, e realmente nasci na maternidade que fica bem no centro do Porto, mas será que posso afirmar com toda a certeza que sou do Porto Porto? Ora bem, eu diria que não…
Desde cedo fui estudar para o Porto e assim comecei a conhecer ruas e ruelas, contudo, chega a uma altura que tudo já um pouco automático. Passamos a jogar pelo seguro, porque o objetivo é chegar ao destino e não passar por novos sítios ou estar atenta ao que nos rodeia, alias nem sequer pensamos nisso…. Apenas pensamos que queremos chegar a tal destino a determinada hora.
Contudo, um dia deste, após conversar com uma amiga, decidi fazer algo diferente. O destino era o mesmo, a hora de chegada indefinida e a forma como realizei o trajeto ainda menos usual. E foi assim que num sábado à noite descobri uma estatua que outrora nunca tinha visto. Afinal, aquele mero jardim é uma praça, a praça de Gomes Fernandes e contem uma estatua já envelhecida e com bastante história.
Sem dúvida será algo a repetir."

N 41°9'6.1" W 8°36'49.9"

30. Spreads
Spreads de dois dos participantes, organizados e numerados por ordem de resposta.

.3 validação:

De todos os mencionados, o objeto gráfico que consideramos mais indicado para analisar no que toca às opiniões por parte do público em relação ao projeto, foi o mapa *interativo*.

Para além do fator surpresa na criação do percurso, que por si só desperta bastantes reações positivas, e de se tratar de uma interação mais intimista, o que facilita o esclarecimento, quer do nosso objetivo, quer de dúvidas e/ou ideias do participante, esta foi uma atividade faseada contínua, ou seja, não terminou com o primeiro momento, possibilitando ao participante a avaliação e contemplação do projeto e, quem sabe uma manifestação complementar.

Isto é, quando deixámos o indivíduo com uma tarefa e, assumindo que a concretizaria, este deparava-se com novos princípios e formas de exploração. Mais tarde, no momento de reflexão geral e organização de ideias para enviar o email com os resultados, ele tinha uma segunda oportunidade para nos dizer o que achou, ou reforçar o que já tinha sido dito, não só em relação à experiência mas também ao projeto em si.

E assim aconteceu com grande parte dos indivíduos participantes, como se pode observar nos comentários transcritos e apresentados de seguida:

Ana, Slovenia: “Thanks for inviting me to be a little crumble of the bread of your beautiful project. :) All the best with on-going explorings!”

João, Porto: “De novo, parabéns pelo projeto. Coisa muito gira e bem pensada, parece-me. Fico atento e à espera de resultados!”

Violette, France: “Thank you for the experience, it was fun!”

Gabriela, Argentina: “I like so much that experience, im try to reply in my next travel. Thank you for the experience.”

Sandra, Argentina: “I understand and respect your project and it is really nice to be part of it. [...] Good luck with the project and thank you for the experience!!”

Robin, Germany: “I hope your Project is doing well. Following your project on instagram I could already find myself :) Pretty cool to be a part of your work!”

Céu, Porto: “Projeto super interessante! Parabéns e obrigada!!"

Miro, Porto: “Um grande bem haja a projetos como este, deveriam era estar mais divulgados.”

Ann Katrin & Sebástian, Germany: “We had so much fun participating in your project, and meeting you on "worst tours" was a pleasure!”

Judite de Sousa, Porto: "Very fun, very cool. Liked it a lot. De verdade"

Margarida, Maia: “Sem dúvida será algo a repetir.”

Decidimos destacar este troço da mensagem de uma turista/participante da ação, por indicar uma auto-reflexão provocada pelo nosso projeto.

Os cartazes *diy*, por também necessitarem desse contacto via email ou instagram no momento de envio do desenho, também possibilitaram a partilha de opiniões. Apesar de, até agora, sem provas da realização da experiência.

Sergio: “Really nice initiative!”

Muska: “Não fazia ideia que seria tão concetual. [...] Parabéns pelo projeto Inês!”

Esme: “Nos ha gustado mucho tu propuesta. Enhorabuena”

Marieta: “Me parece interesante tu proyecto, y más después de haber estado esta vez en Porto, **en la que he encontrado la ciudad saturada por nosotros, los turistas que buscan el lugar que sale en todas las guías o en su defecto en las redes sociales**. [...] Lamentablemente ya no estamos en Porto, pero me guardo tu idea para hacer la visita en mi ciudad y en mis próximas visitas a otras ciudades. Saludos y que te vaya bien con tu proyecto.”

Juliane: “Una Buena Idea :)”

Iks: “Interessante este projeto, dois dos cartazes estão na rua do meu trabalho :)”

Bea: “Teu arte é super fixe! <3 <3”

Guillefdezz: “Enhorabuena por la idea! Muy buena”

F._.Pinto: “Muito obrigado! Brilhante ideia! Parabéns!!!!”

.4 interpretação:

Este projeto encadeia uma série de ações e em cada uma delas reconhece-se, agora, um papel específico mais claro. Reconhece-se, também, que no processo de pensamento cada papel influenciou os demais de forma complementar em termos de ação.

Passamos, então, a apresentar cada um:

1. Mapa de *guerrilha* (p. 72) — Ação de libertação e protesto solitário, de exposição das nossas emoções iniciais e de confronto anónimo com o "turista agressor";

2. Cartazes de propaganda (p. 80) — Apresentação estetizada do problema e das nossas intenções com o projeto. Divulgação na cidade de forma a provocar e incitar o público;

3. Mapa *interativo* (p. 84) — Promoção de relações inesperadas e afetivas com o espaço/cidade, arbitradas pelo desenho aleatório sobre mapas, na tentativa de uma melhor compreensão do problema;

4. Exposição (p. 96) — Demonstração/comprovativo das inúmeras possibilidades, e eventuais tipos de conexão estabelecidas pelo individuo, em relação ao dilema da cidade.

5. *Diy* (p. 104) — Nível seguinte à exposição, desta vez de caractér evolutivo e participativo, servindo como convite a formas mais densas de experienciar a cidade;

6. *Jornal de sala* (p. 112) — Veículo explicativo, expositivo e de promoção à nossa solução para o problema. Objeto que será distribuído de forma gratuita, em postos ainda a decidir, facilitando o estimulo a novos participantes.

Estas ações resultaram em desenhos e imagens gráficas de evidência a dois importantes aspetos empáticos:

Em primeiro lugar, proporcionámos aos participantes a oportunidade de "desenharem"/rabiscarem libertos da pressão do "bem desenhar" e da pressão do objetivo, do caminho no mapa. Liberdade possibilitada pelo quadro de expressão gráfica que criámos, aberto mas desafiante, para uma exploração espontânea mas ao mesmo tempo intencional. Circunstâncias que poderão estar diretamente relacionadas com a expressividade e qualidade estética dos resultados gráficos (necessita de prova, mas registamos desde já esta probabilidade).

Em segundo lugar, transversalmente a esta libertação gráfica, convidámos os sujeitos-participantes a um outro tipo de libertação, que é a oportunidade de ir de "peito aberto" à experiência da cidade, e daí escolher entrar, fugir, demorar, ignorar, enfrentar, identificar obstáculos, descobrir continuidades. Abraçar essa liberdade pessoal e individual, sempre numa tentativa de cumplicidade com o denso físico e humano que é o lugar.

118

Esta abordagem da cidade, livre dos constrangimentos da "boa visita" condicionada, corresponde à abordagem livre da representação, ao desenho do mapa livre dos constrangimentos do "bom desenho".

Os desenhos dos participantes, cobertos da sua identidade e expressividade, exprimem uma nova forma de desenhar e despertam uma relação muito particular, quase íntima, entre si (desenho/percurso) e a forma como este se movimenta no espaço tridimensional, o que viabilizou resultados e impressões orgânicas, vivas e reais à experiência.

4 conclusões

Este capítulo conta com uma síntese conclusiva de todo o nosso percurso e com uma análise geral do projeto. Com referência às suas limitações e ainda com perspetivas de trabalho futuro.

O projeto nasceu de um desejo prematuro de preservar a ideia e a imagem da cidade “antiga, mui nobre, sempre leal e invicta” mas, e tal como foi explicado na introdução, mais tarde e quando colocadas as divergências pessoais de parte, acabou por mudar o foco para os efeitos e consequências do trabalho de um dos principais agentes responsáveis pelo desgaste da cidade, o setor turístico. Podemos afirmar, depois de toda a pesquisa e exploração realizada no terreno, que a maioria das formas de consumo da cidade patrocinadas por este sector, apostam diretamente em solucioná-la para quem a visita, selecionando e apresentando rotas e pontos de interesse, e ainda serviços de transporte para que os indivíduos lhes possam chegar de forma mais imediata, rápida e confortável.

Com este cenário em mente e com o objetivo principal de contrariar esta corrente — fugir ao trajeto recomendado e sugerido que acaba por formatar a experiência da cidade para todos os seus utilizadores — trabalhámos para incentivar e estimular novas relações entre o indivíduo e o espaço, chegando a uma visita mais emocional, viva e apoiada no aleatório, no não planeado e com base na Teoria da Deriva de Guy Debord.

O primeiro passo a cumprir foi então o contacto direto com os visitantes e com as pessoas locais, para perceber as suas vontades e desejos quando partem à descoberta ou exploram um espaço. Depois, e com base nessas conversas, foram criados vários suportes com o intuito de propor novas ideias e tarefas experimentais e subjetivas, que idealmente transformariam os indivíduos em exploradores do seu próprio desejo e direito. Destes, o suporte que teve mais sucesso foi o que propõe um desenho ao participante, espontâneo e emocional, e o transforma num percurso pessoal e exclusivo para que este explore e analise de forma introspetiva, pareceres da experiência que, numa fase mais avançada, integrariam uma exposição.

Uma exposição nas paredes de rua da cidade — sublinhando a sua importância na nossa proposta — para comprovar as infinitas alternativas no que toca à indagação espacial e demonstrar como estes novos princípios e convicções que tentámos incutir (encaminhando para uma visita mais livre, natural e pessoal), podem alterar a compreensão da vida real e vivida da cidade, ultrapassando a sua fantasia e até, proporcionar a cada indivíduo participante, a edificação de uma imagem própria e única da cidade. Podemos afirmar e comprovar, através do feedback recebido, que estes objectivos foram cumpridos.

Como é normal em qualquer projeto, houveram partes que não resultaram como pretendíamos, como é o caso da identidade gráfica ou logomarca (como já mencionado anteriormente) e da ação do mapa de *guerrilha*.

A logomarca foi pensada e criada com a intenção de facilitar o reconhecimento do projeto mas, e apesar de utilizada como elemento conector na maioria dos suportes, não correspondeu a um resultado satisfatório ou compatível com as nossas expectativas, por a considerarmos restritiva e limitadora da abertura estética desejada para o trabalho desenvolvido. Daí o seu abandono em detrimento do uso do url da conta de instagram por ser atualmente um meio de comunicação de grande eficácia, e por colocar a identidade do projeto mais na ideia de partilha do que na imposição de um emblema gráfico.

Relativamente à ação do mapa de *guerrilha*, que como já mencionado na secção relativa à descrição das etapas do projeto, foi a que obteve resultados menos interessantes e que acabou por se revelar o nosso maior problema. Por depender de uma interação social não direta — em oposição ao nosso outro mapa (*interativo*) — sofre pela falta da oportunidade de esclarecimento do projeto em si, mas também pela falta de um momento de motivação e descodificação dos nossos objetivos e ideias. A falta de contacto pessoal e direto revelou-se então aqui um problema maior pois, não percebendo imediatamente do que se tratava, os indivíduos tenderam a rejeitar o suporte. Ou, e mesmo quando compreendida a ideia, a ignorá-lo, pois interromperia com a sua exploração pré-planeada do espaço e não afetaria ninguém "real" (não associavam o mapa a nenhuma pessoa), impossibilitando a obtenção de resultados.

Cada experiência ou perseguição, durou em média entre 3 a 4h e manifestou-se numa visita bastante previsível, até nos intervalos para lanches e cafés. Ou seja, nenhum dos indivíduos selecionados (que entraram em contacto com o nosso mapa e que nós tenhamos observado) demonstrou uma atitude diferente em relação à sua visita da cidade, o que se revelou bastante desgastante para nós que pretendíamos, no mínimo, uma reação e, idealmente, uma alteração de mentalidade em relação à visita da cidade.

Os seis mapas que conseguimos introduzir (esconder entre os verdadeiros), em dois dos quiosques centrais, também não resultaram em nenhuma impressão. Depois de colocados houve um período de espera, mas as únicas pessoas que se aproximaram fizeram-no apenas para colocar questões à(ao) funcionária(o) do quiosque. Numa tentativa de resolver o problema, passamos para outra abordagem, de entrega em mão, com a esperança de que, se alguém entrasse em contacto com algum dos nossos mapas, reagisse, mas tal não aconteceu.

Por ter sido a última ação a ser implementada, houve também o problema da falta de tempo, essencial no momento exato e da já escassa energia e motivação pessoal para a experimentar mais vezes, o que poderia ter melhorado a média em relação aos resultados.

Em contrapartida, tomamos algumas decisões, ainda que sem grande cálculo e já numa fase de desenvolvimento, que se revelaram essenciais para o projeto e principalmente para a sua visibilidade.

Como é o caso da decisão a expor, as obras juntamente com as impressões dos participantes na rua, em vez de no espaço ou sala de exibição fechada.
Associada à iniciativa de exposição, decidimos criar uma conta de Instagram do projeto, através da qual tivemos a oportunidade de partilhar todas as obras à medida que estas eram expostas nas ruas, mantendo as pessoas atualizadas e aguçando a sua curiosidade, e ainda de aceder a diversas opiniões externas ao projeto, através de publicações pessoais com menção, identificação e/ou de mensagens privadas.

A ideia da interação *diy* surgiu igualmente numa fase já mais avançada do projeto e, abriu portas a interações muito curiosas, apesar de escassas, que acrescentaram toda uma nova dinâmica ao projeto.

Abordamos várias dezenas de pessoas na rua, das quais setenta aceitaram participar e vinte e duas responderam. Colocamos cerca de quarenta posters em branco nas paredes (sendo que, pelo menos oito, foram imediatamente arrancados) sobre os quais, cerca de vinte e uma pessoas riscaram com o intuito de participação e três responderam. Mas apesar do feedback ter sido bastante reduzido, não sentimos que o projeto em si tenha falhado, até porque todas impressões que recebemos foram bastante positivas e motivadoras, mesmo que sem conclusão da experiência.

Perante a lista de ações realizadas é possível, a partir do processo piloto — atividade teste, onde se experimentam novas ideias, processos e ferramentas — que se realizou durante este projeto, planear e executar um ciclo de outras ações, aperfeiçoamentos das anteriores ou até novas, no sentido de aumentar a visibilidade, impacto e resposta do projeto.

O atual sistema de ações dá vida a uma ideia e a uma prática. A ideia é a de que é possível visitar uma cidade sem o "apoio" dos mapas instituídos (mapas gráficos, mapas comerciais, mapas mentais) e sem obrigatoriamente procurar pelos lugares "a visitar", que apesar de terem uma forte densidade histórica e cultural, tendem a partilhar apenas uma faceta calculada e sintética. A prática é a de assumir, através da participação neste projecto, um papel no curso da criação da identidade, tradição e memória da cidade. Papel que pode ser assumido tanto pelo visitante como pelo habitante.

Então, numa fase seguinte — que podemos classificar como de maturação do projecto — há uma série de aperfeiçoamentos de ações que gostaríamos levar a cabo:

1. Em relação à propaganda do projeto, considerámos que poderia ser mais eficaz e potencialmente maximizar resultados, se criássemos/engendrássemos um espaço similar aos "pontos de informação turística". Desta forma, teríamos a oportunidade de explicar e motivar, de forma direta e cativante, possíveis novos participantes para o projeto. Como complemento à banca também poderia ser interessante ter várias pessoas (em vez de uma) a distribuir folhas brancas com pontos para explorar.

2. Relacionado com o anterior e com a distribuição de folhas podíamos também criar uma espécie de plataforma/website onde os indivíduos, querendo participar no projeto, pudessem apenas fazer o download do seu desenho e receber um percurso para explorar através de mensagem ou e-mail.

3. Em relação à exposição de resultados, que também contribuiu bastante para a visibilidade do projeto, pensamos que, numa próxima vez, poderíamos aumentar o número de cópias de cada obra que expomos pela cidade. Atrasando, como já referido anteriormente, o seu desaparecimento inevitável e definitivo graças à brigada de limpeza da Câmara Municipal. O mesmo se aplica com o cartazes *diy*.

4. Quanto à mostra dos resultados, pretendemos um dia estender os horizontes ao jornal de sala, que neste momento serve apenas de anexo à dissertação, para um objeto de comunicação e mostra mensal, ou trimestral, de todos os resultados das experiências sugeridas pelo nosso projeto. Desta forma motivaria outros indivíduos a participar, para que os seus trabalhos/perspetivas da cidade fossem publicadas.
Jornal que estaria disponível, de forma gratuita, em lojas, cafés e galerias selecionadas (inspirado pelo jornal "O Bonfim").

Por se tratar de um projeto que, para nós, faz realmente sentido, entusiasma e estimula, há de facto a intenção de continuidade e aperfeiçoamento para além da data limite de entrega da proposta.

5 bibliografia

O último capítulo corresponde à lista de obras que foram consultadas ao longo da realização deste projeto e das quais foram retiradas ideias, conceitos, citações e imagens. Obras desde livros, artigos de jornal ou revista, a vídeos e documentários.

ALEXANDER, Christopher, Ishikawa, Sara & Silverstein, Murray (1977) – A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction.
Oxford University Press, Ltd., New York.

ANDREOTTI, Libero & Costa, Xavier (1997) – SITUATIONISTS: Art, Politics, Urbanism.
Distributed Art Pub Inc.

AUGÉ, Marc (2005) - Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. 90 Graus Editora, Lda.

BEUESKOM M. V. (Producer), FERRARI, P. (Director) (2008) - Capturing Reality: The Art of Documentary [documentary film]. Canada: National Film Board (Canada).

BIRD, John & Curtis, Barry & Putnam, Tim & Tickner, Lisa (1993) - Mapping the Futures.
CHAMBERS, Iain - Chapter 11, Cities Without Maps.
London: Routledge.

BRANDÃO, D., Alvelos, H., & Martins, N. (2012) - The Museum Of All: Institutional Communication Practices in a Participatory Networked World. Design Journal, Volume 15 (Number 2), pp. 203-217.

BRANDÃO, Pedro (2008) – A identidade dos lugares e a sua representação coletiva.
Europeus, Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.

CABRAL, Clara Bertrand Cabral (2011) - Património Cultural Imaterial: Convenção da Unesco e seus Contextos. Lisboa: Edições 70.

CALVINO, Italo (1996) – Um eremita em Paris.

CASINO, Vincent & Hanna, Stephen (2006) - ACME: An International E-Journal for Critical Geographies / Beyond The 'Binaries': A Methodological Intervention for Interrogating Maps as Representational Practices.

CERTEAU, Michel de (1984) – The Practice of Everyday Life.
University Of California Press.

CHTCHEGLOV, Ivan (1997) – Formulary for a New Urbanism: Sire, I Am from Another Country. London Psychogeographical Association.

CMLisboa (2011) - Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (aimoraria, requalificar o passado para construir o futuro).

COELHO, Alexandra Lucas (2008) – Dockanema: cinema e memória em Maputo. Público: P2. (12 Set. 2008)

COSTA, António Firmino (1986) – "A pesquisa de terreno em sociologia" in Pinto, José Madureira; Silva, Augusto Santos, orgs. – Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento.

COUTINHO, Clara Pereira (2011) - Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Coimbra: Edições Almedina.

DEBORD, Guy (1967) – The Society Of The Spectacle.
Black & Red, translation by Fredy Perlman (1970).

DEBORD, Guy & Chetglov, I. (1899) – Theory Of The Derive.
Paperback.

ESTRELA, Joana (2016) - Map for Crying Travellers.

FRANK, Thomas (1998) – The Conquest of Cool.
The University Of Chicago Press, Ltd., London.
GOODSON, Ivor F. (1994) – Studying Curriculum: Cases and Methods, Modern Educational Thought.
Open University Press.

GRAÇA, Helena (2002) – Seis Percursos pelo Porto Património Mundial.
Edições Afrontamento.

GUACARI, Felix & Rolnik, Suely (2005) – Micropolítica. Cartografias do desejo.
Editora Vozes Ltda, Petropolis.

HALBWACHS, Maurice (1992) – On Collective Memory.
The University Of Chicago Press, Ltd., London.

HARVEY, David (1989) - The Condition of Postmodernity: An Enquiry Into the Origins of Cultural Change. Cambridge: Blackwell Publishers.

HARLEY, John B., (1988) - Power and Legitimation

HAYDEN, Dolores (1995) – The Power of Place: Urban Landscape as Public History.
The MIT Press.

HUYSSEN, Andreas (2003) – Present Pasts: Media, Politics, Amnesia / Urban Palimpsests and the Politics of Memory.
Duke University Press.

JORN, Asger & Debord, Guy (1957) – Fin de Copenhague.
Bauhaus Imaginiste.

KNABB, Ken (1981) - Situationist International Anthology.

LATORRE, Antonio (2003) - La Investigación-Acción: Conocer y Cambiar la Prática Educativa. Graó, Editorial.

Left Hand Rotation - Museo de los Desplazado- Gentrificación no es um nombre de señora: (2014) - TERRAMOTOURISM | O Documentario / (2017) - Bonfim. Ilhas do tesouro.

LOURENÇO, Eduardo (1999) – Portugal como destino seguido de Mitologia da saudade.

MCDONOUGH, Tom (2010) - The Situationists and the City: A Reader.
Verso Books.

MELO, Alexandre (2002) – Globalização cultural. Lisboa: Quimera.

MORLEY, David & Robins, Kevin (1995) – Spaces of Identity: Global Media, Electronic Landscapes and Cultural Boundaries.
Routledge, The International Library of Sociology.

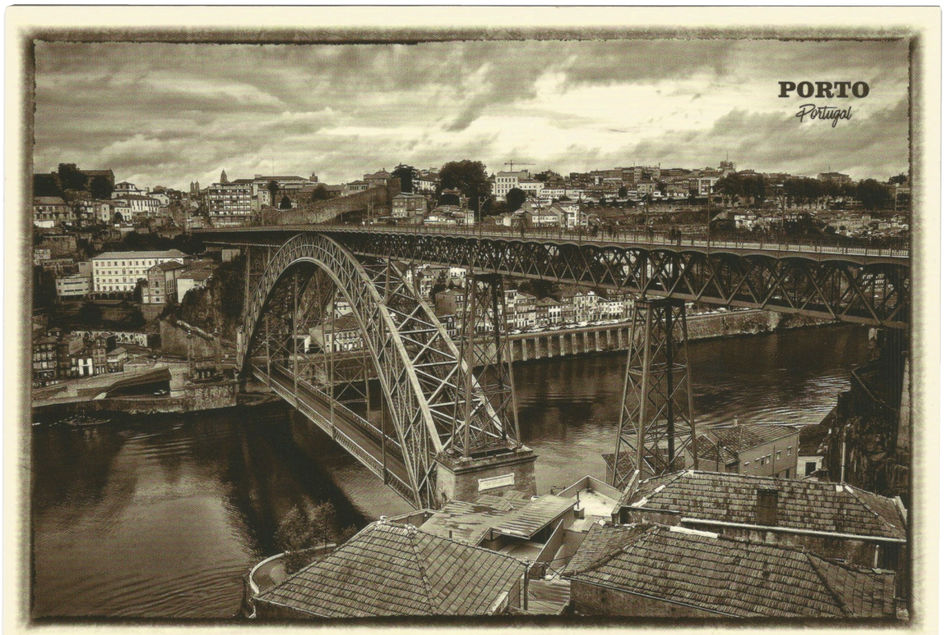
SILVA, Germano (2005) – Passeios pelo Porto de Outros Tempos / (2006) Porto Caminhos e Memorias / (2008) Porto: Da História e da Lenda / (2009) Porto nos Atalhos da História / (2007) O Porto a pé – Um guia para o ajudar a descobrir a cidade.

VIDLER, Anthony (2000) – Warped Space: Art, Architecture, and Anxiety in Modern Culture.
The MIT Press.

WHYTE, William H. (1980) – The Social Life of Small Urban Spaces.
Project for Public Spaces, Third Printing.

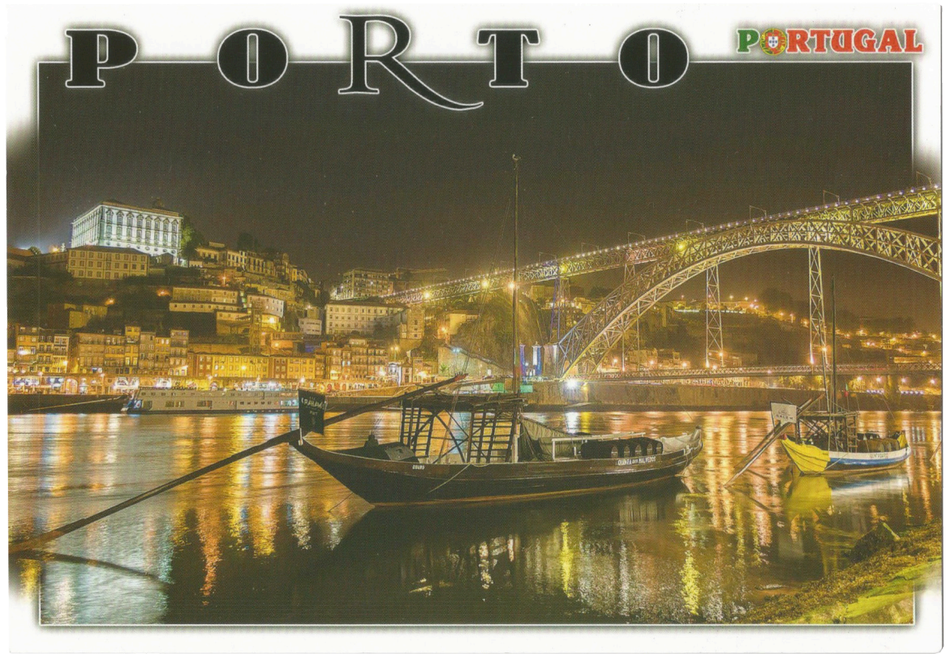
anexos


Quem vem e atravessa o rio
Junto à Serra do Pilar,
Vê um velho casario
Que se estende até ao mar.
in: Porto Sentido
Carlos Tê
Porto
PORTUGAL


PORTO
Portugal


Porto
CALEM
PORTO
S FERREIRA
PORTO
QUINTA DA FOZ
Vila Nova de Gaia PORTUGAL

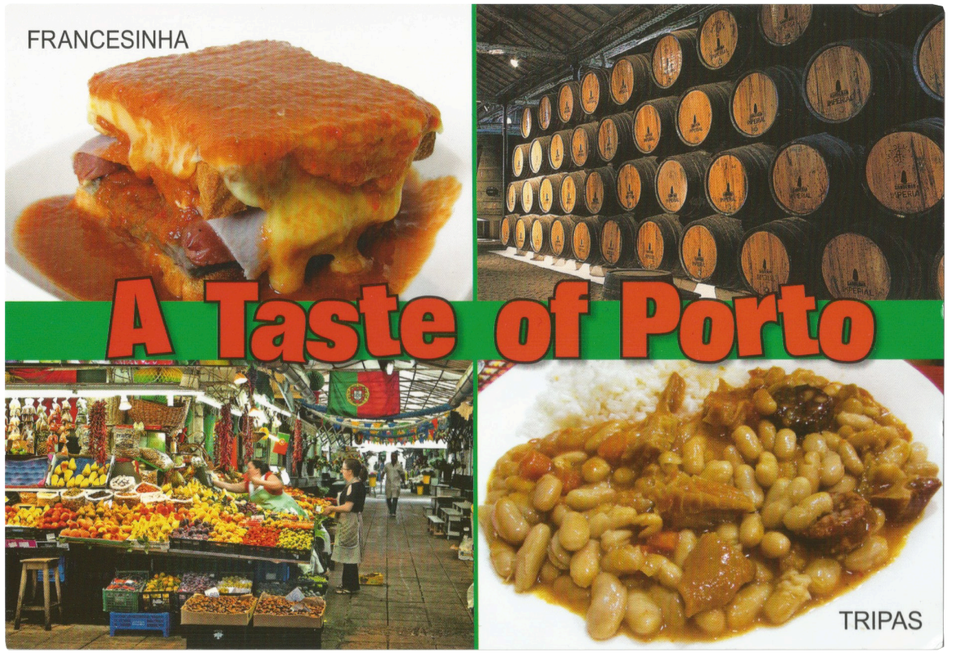

PORTO


PORTO
PORTUGAL

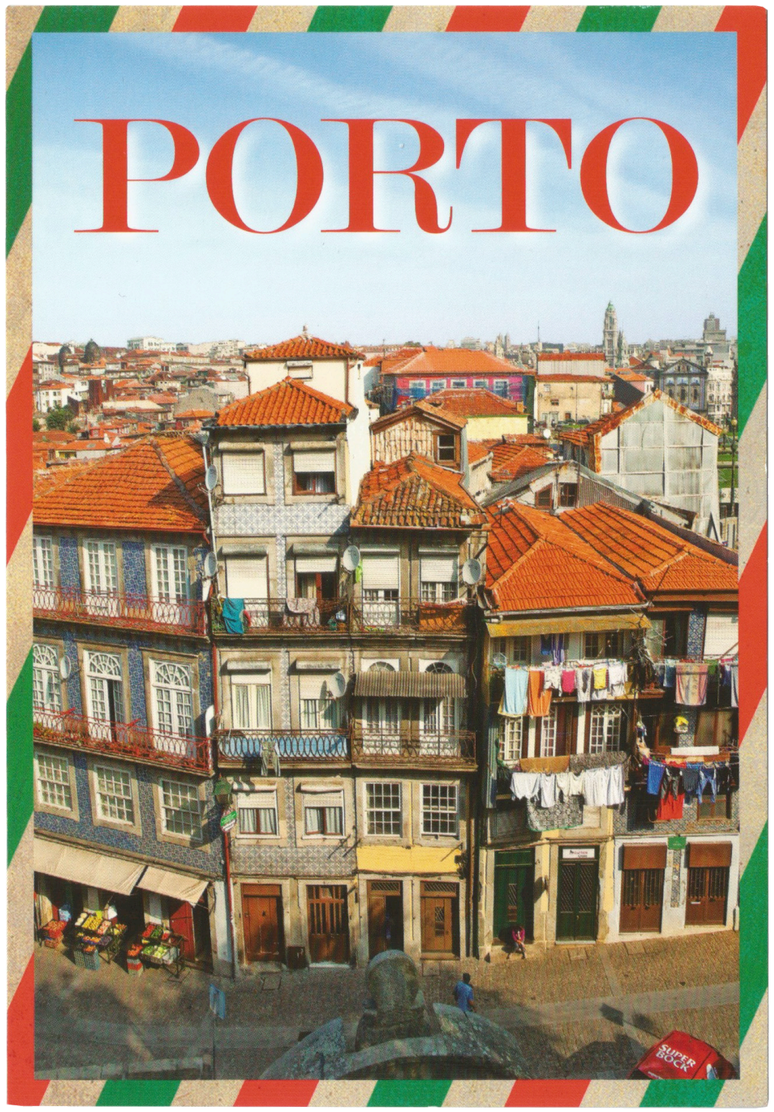

Vello & Amado


PORTO

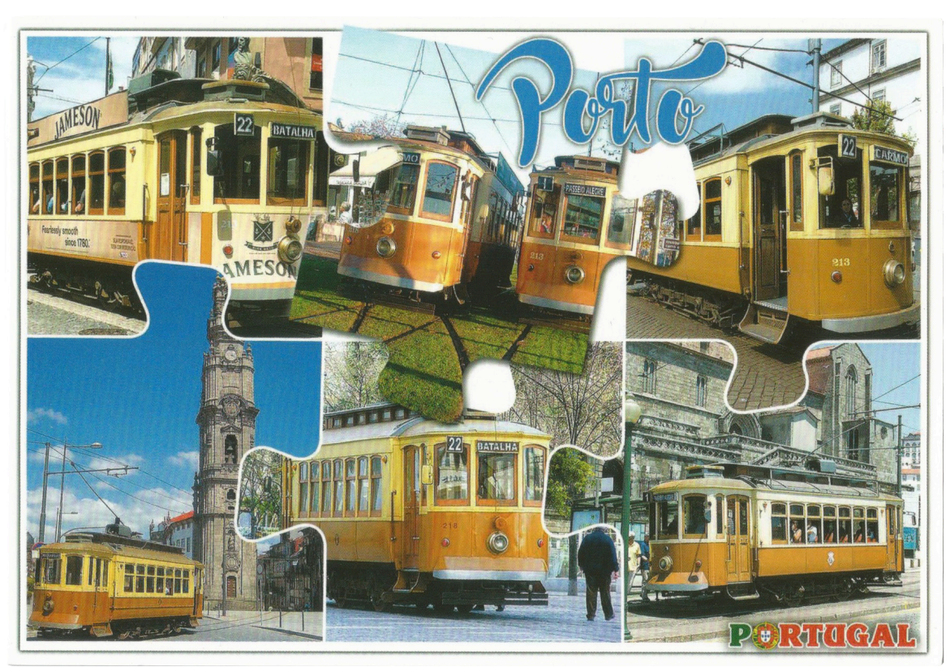

A PRINCIPAL
DA BOR
CASA ORIENTAL
PORTO


FRANCESINHA
A Taste of Porto
TRIPAS


PORTO
PORTUGAL


PORTO
SUPER BOCK


PORTO
Patrimonio mundial


Porto
JAMESON
22
BATALHA
CARMO
PORTUGAL

Mapas físicos




CNCM

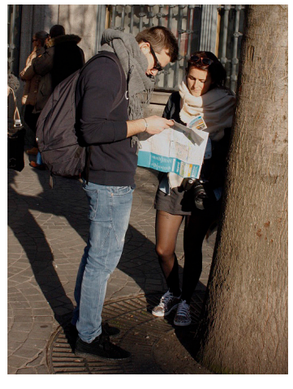





9 JUNHO A 23 SETEMBRO


Porto

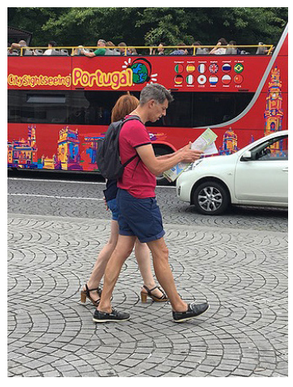


Bolhão




CHRARIA
CHARDAS

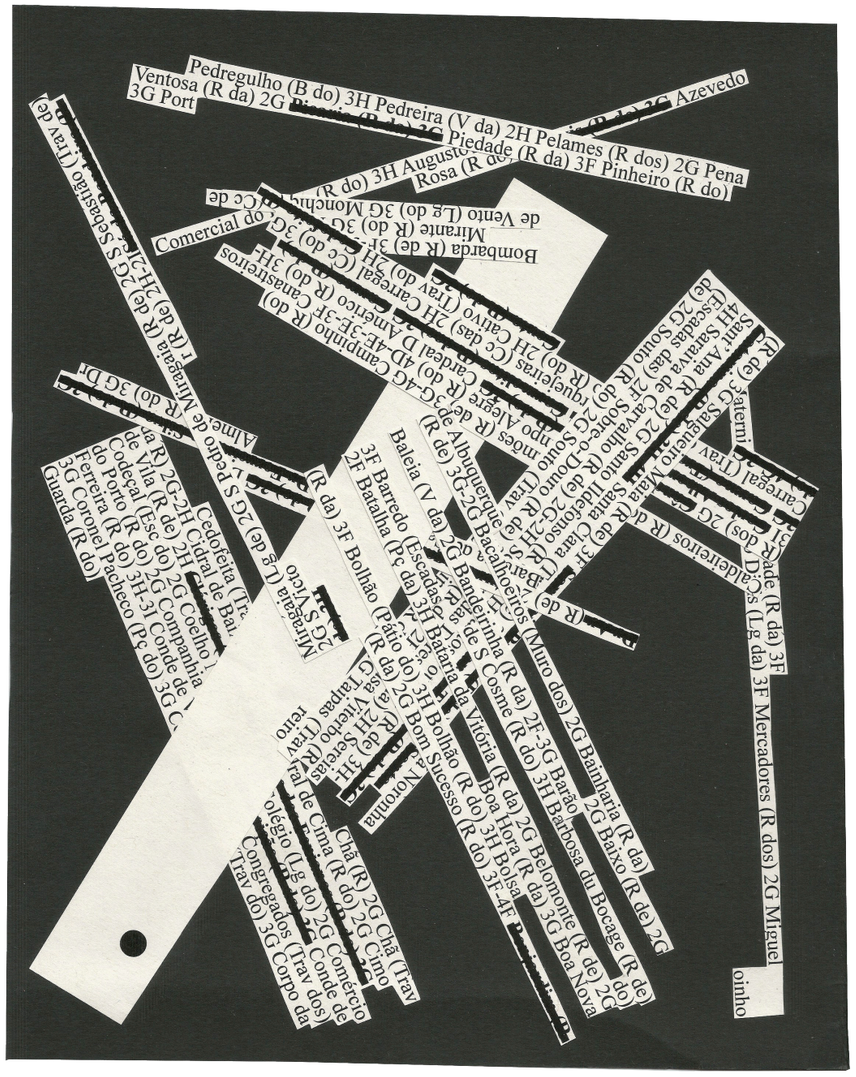

CHRARIA
CHARDAS

Portugal



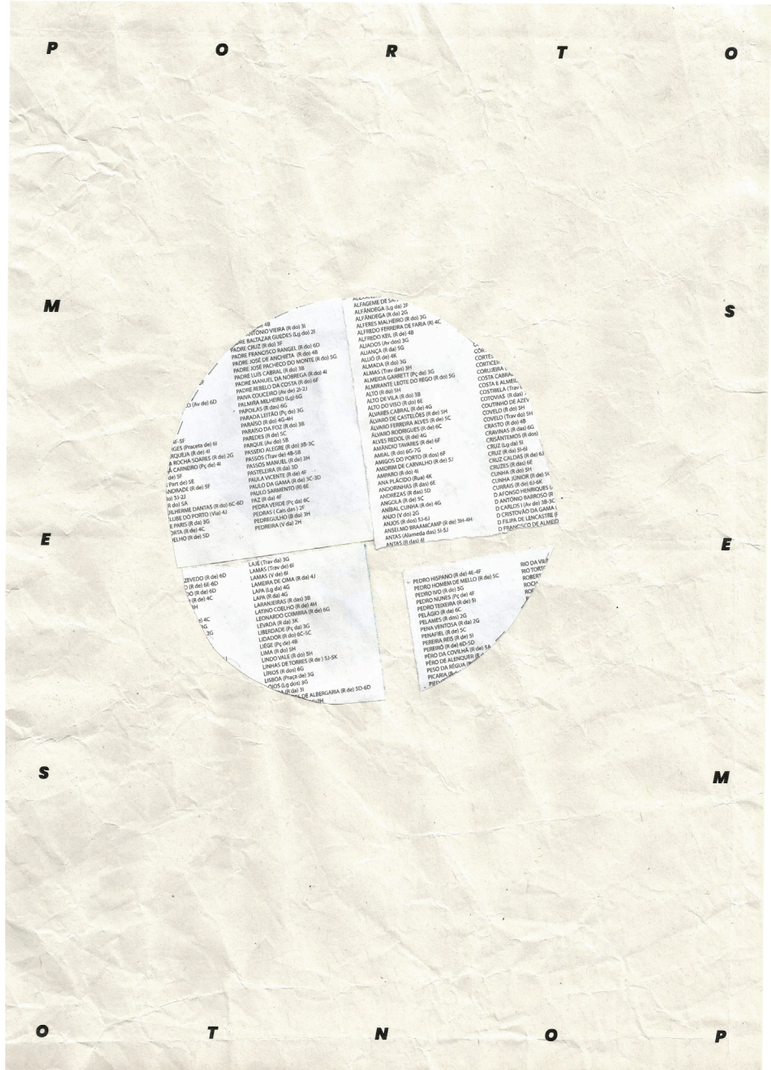


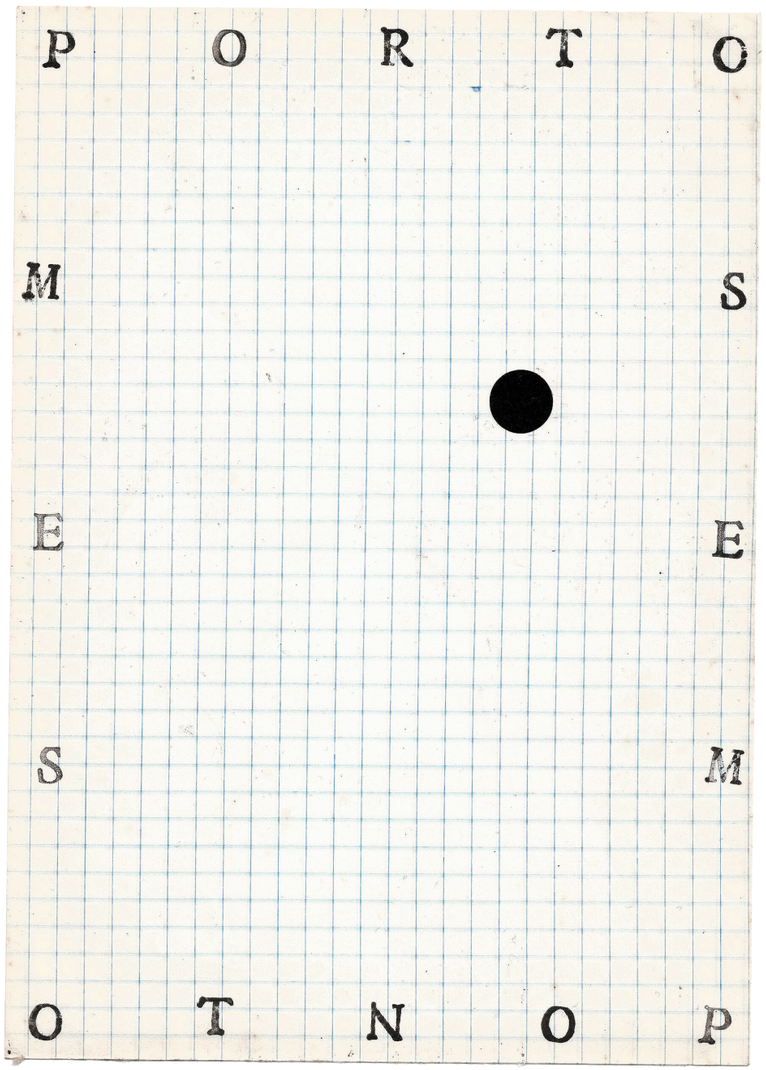

Experiências iniciais

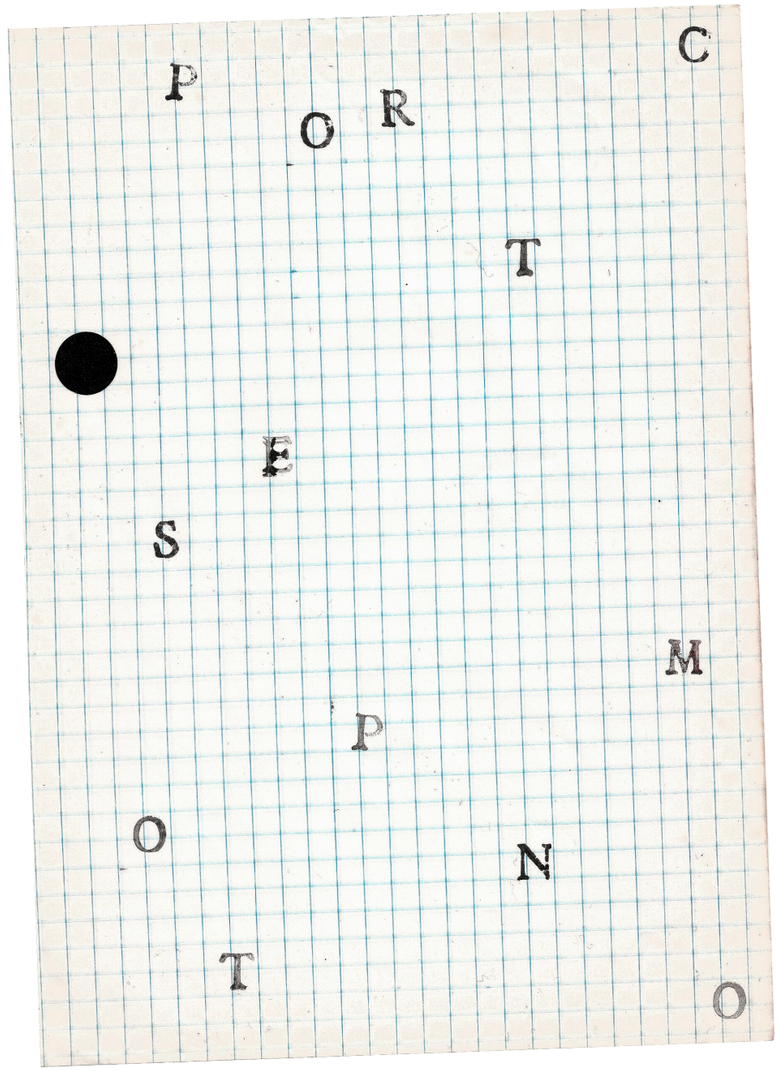
p. 17-31


Pedregulho (B do) 3H Pedreira (V da) 2H Pelames (R dos) 2G Pena
Ventosa (R da) 2G Azevedo
3G Port
Piedade (R da) 3F Pinheiro (R do)
Rosa (R
(R do) 3H Augusto
Comercial
Bombarda (R de)
Mirante (R do)
de Vento (L.º do) 3G
Sant'Ana (R de) 2G
Baleia (V da) 2G
2F Barredo (Escadas
2F Batalha (Pç da)
Cedofeita (R
Ferreira (R do) 2G
Guarda (R do)
Miragaia (R de) 2G S Pedro
Aime de Mirageia (R do) 3G Dr.
Mirante (R do) 3G
Norinha
Cha (R) 2G Cha (Trav
Cha de Cima (R do) 2G Comércio
Congregados (Trav dos) 2G Conde de
Trav do) 3G Corpo da
Muro dos) 2G Bainharia (R da)
2G Baixo (R de) 2G
Barbosa du Bocage (R de)
Boa Nova
Boa Hora (R da) 3G Boa Nova
Bom Sucesso (R do) 3F-4F
Bonjardim
Bolsa
Bolhão (Pátio do) 2G
Bolhão (R do) 3F
Cosme (R do) 3H Barbosa
Vitória (R da) 2F-3G Barão
Trav do) 2G Santo Ildefonso (R de)
Trav do) 2G Souto (R do)
Trav do) 2G Souto (Trav do)
Trav do) 2G Taipas
Trav do) 2G Torrinha (R da)
Trav do) 2G Verdades (Esc das)
Trav do) 2G Virtudes (R das)
Trav do) 2G Virtudes (Passeio das)
Trav do) 3G Corpo da
Trav do) 3G Corpo de
Trav do) 3G Cruz (R do)
Trav do) 3G Fonte Taurina
Trav do) 3G Fonte Taurina (R de)
Trav do) 3G Fonte Taurina (Trav de)
Trav do) 3G Madeira (R da)
Trav do) 3G Maternidade
Trav do) 3G Mirante
Trav do) 3G Monte dos Judeus (R do)
Trav do) 3G Nova da Alfândega (R)
Trav do) 3G Porta do Sol (R
Trav do) 3G Prof Abel Salazar (R
Trav do) 3G Restauração
Trav do) 3G S Bento da
Trav do) 3G S Filipe de Nery (R de)
Trav do) 3G S Lázaro (Passeio de)
Trav do) 3G S Nicolau (R de)
Trav do) 3G S Victor (R
Trav do) 3G Santa
Trav do) 3G Santo Ildefonso (R de)
Trav do) 3G Souto (R do)
Trav do) 3G Souto (Trav do)
Trav do) 3G Taipas
Trav do) 3G Torrinha (R da)
Trav do) 3G Trás (R de)
Trav do) 3G Verdades (Esc das)
Trav do) 3G Vilar (R de)
Trav do) 3G Virtudes (Passeio das)
Trav do) 3G Virtudes (R das)
Trav do) 3G Vitorino (R)
Trav do) 3G Vitorino (Trav)
Trav do) 3G Vitorino (Trav de)
Trav do) 3G Vitorino (Trav de)
Trav do) 3G Vitorino (Trav de


ÍNDICE DAS RUAS DO MAPA | MAP STREET INDEX
ÍNDICE DE CALLES DEL PLANO | INDEX DES RUES DU PLAN

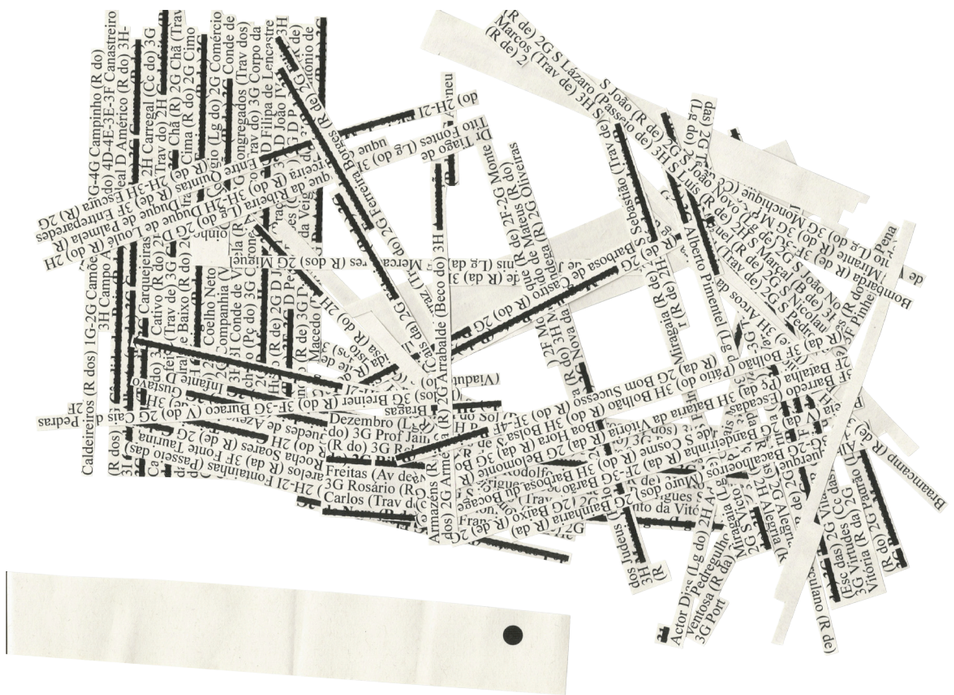

P O R T O
M S
E E
S M
O T N O P


P O R T O
M S
E E
S M
O T N O P

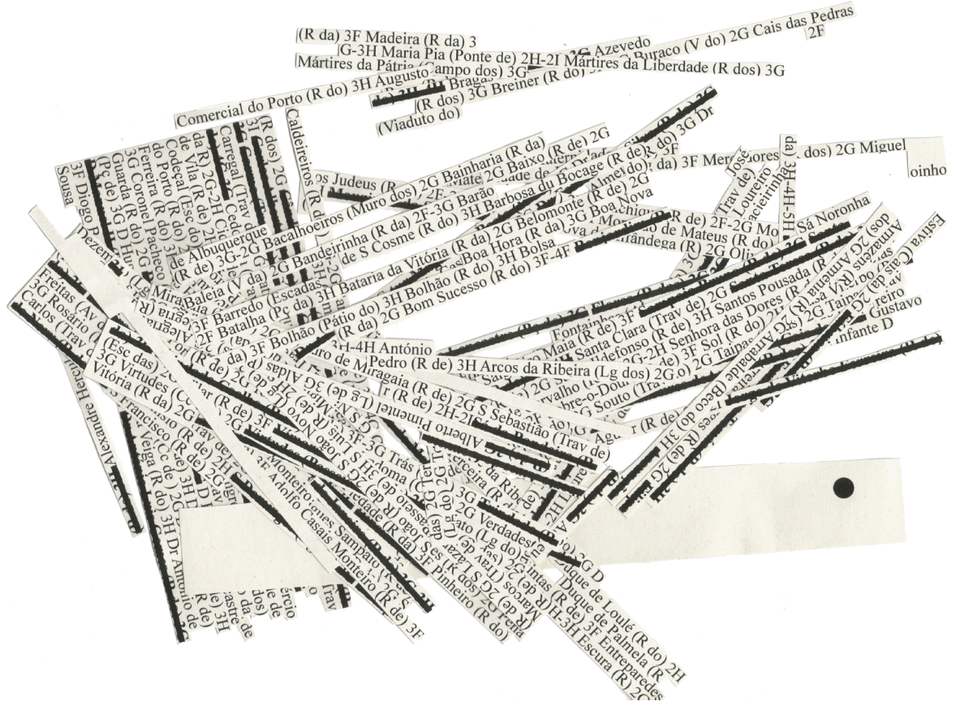

P
O
R
C
T
E
S
M
P
O
N
T
O

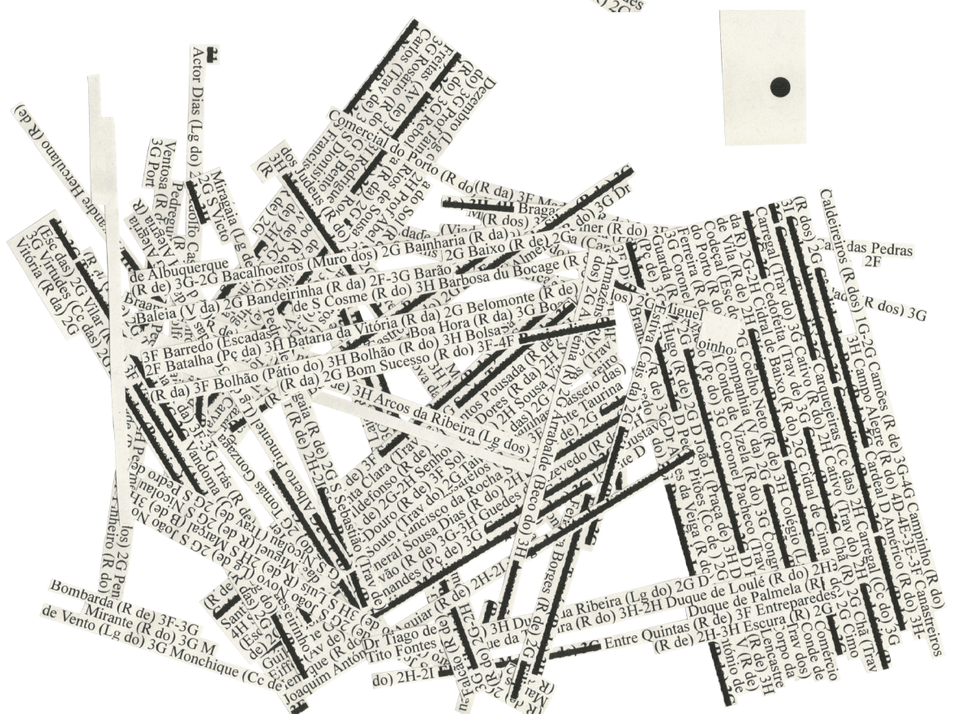


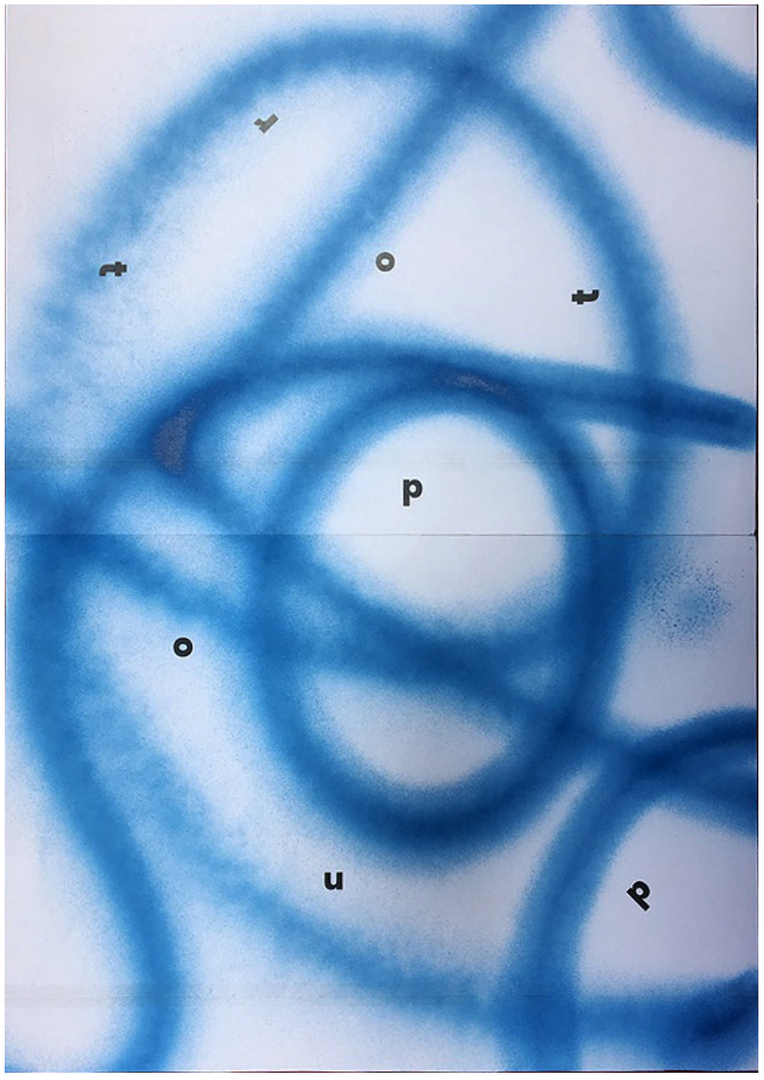






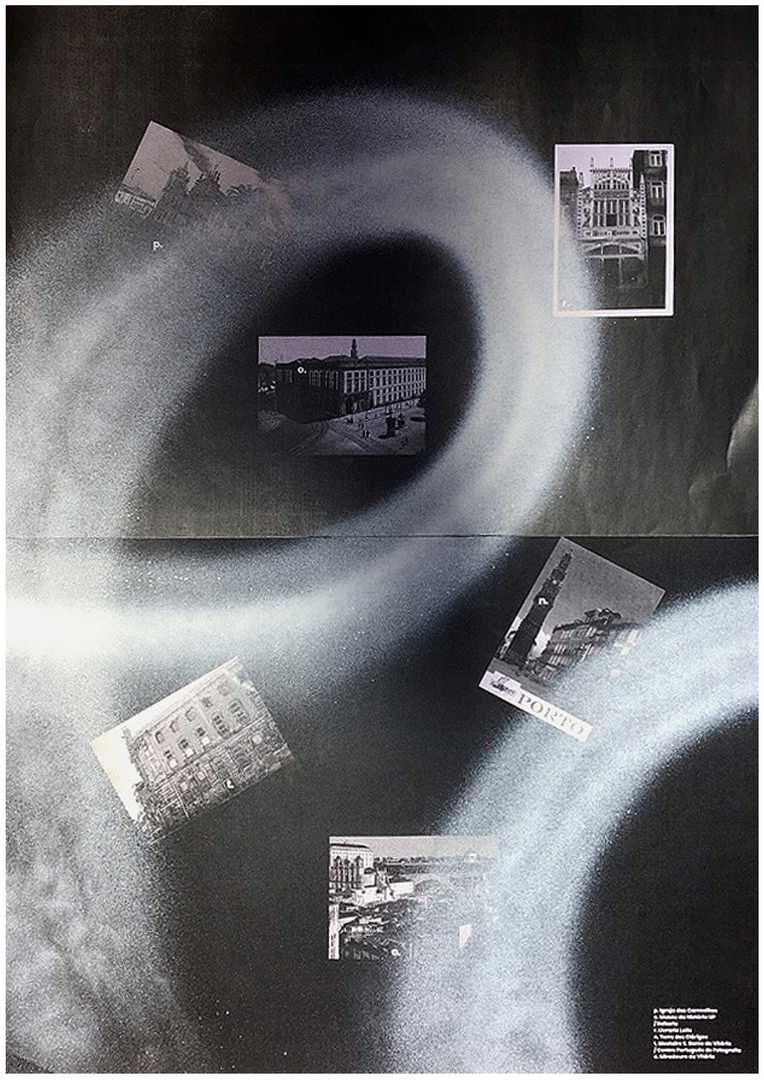


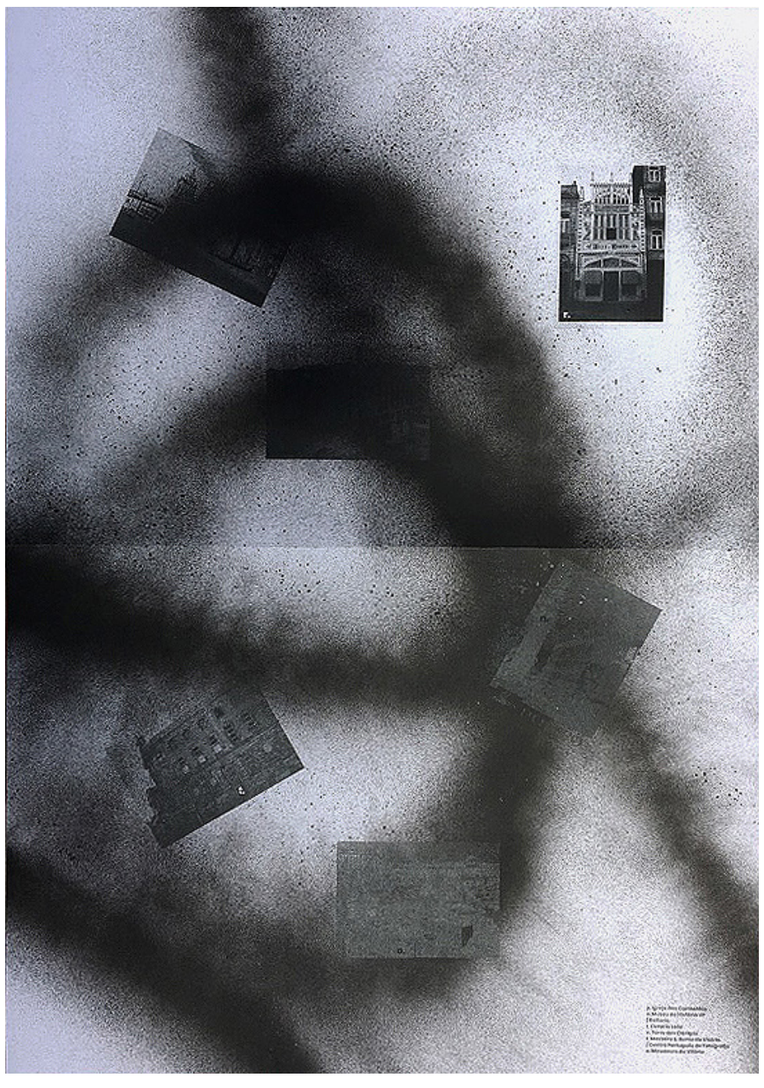


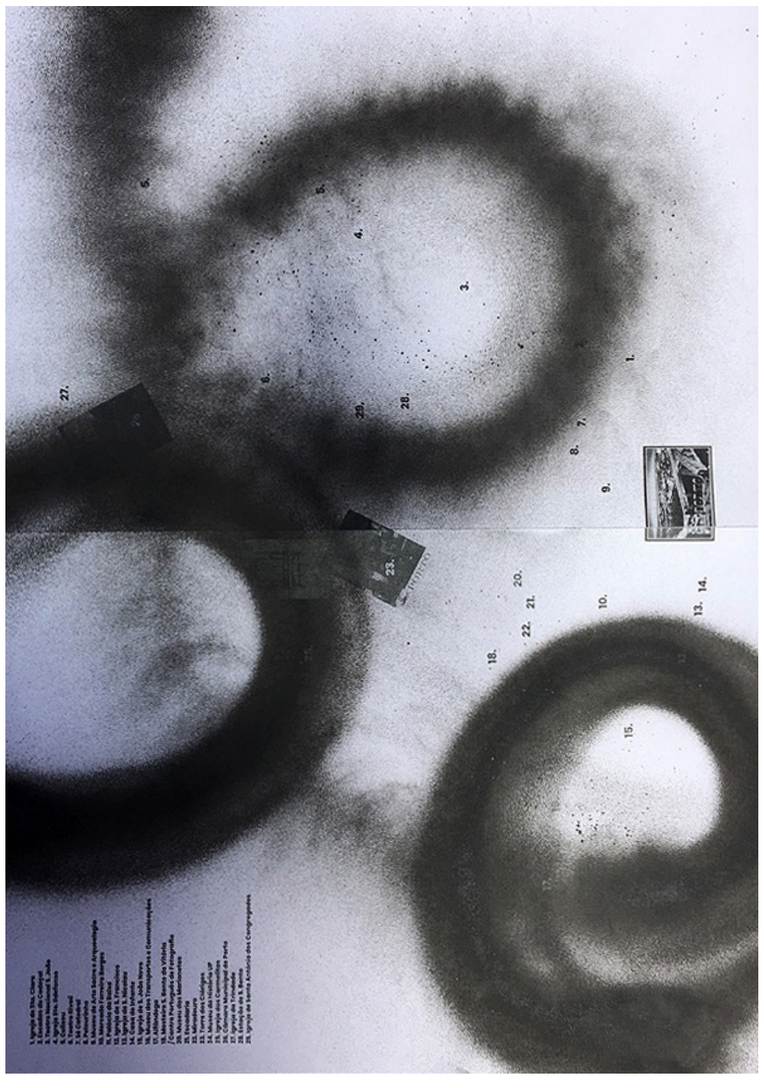


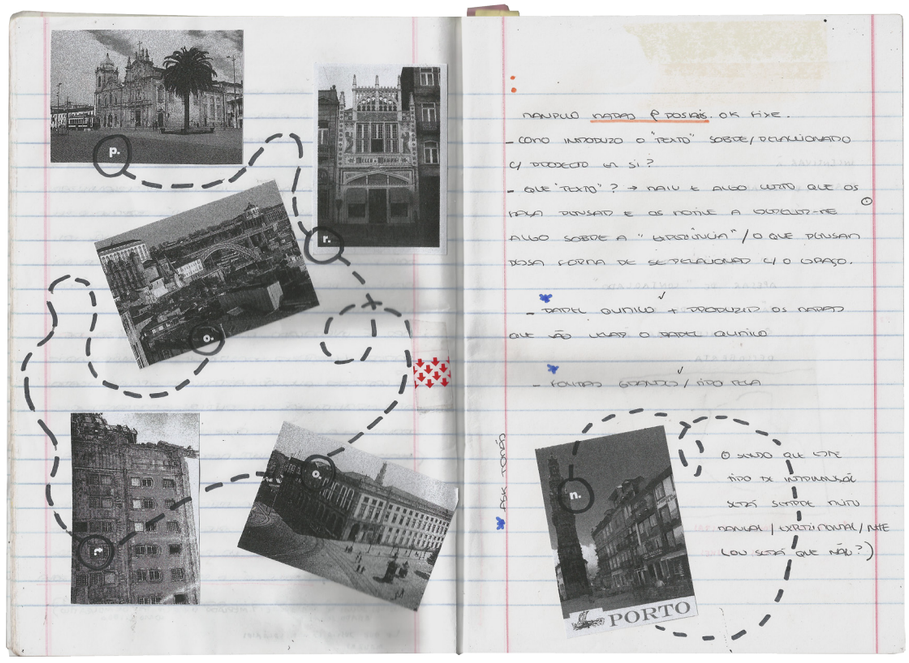


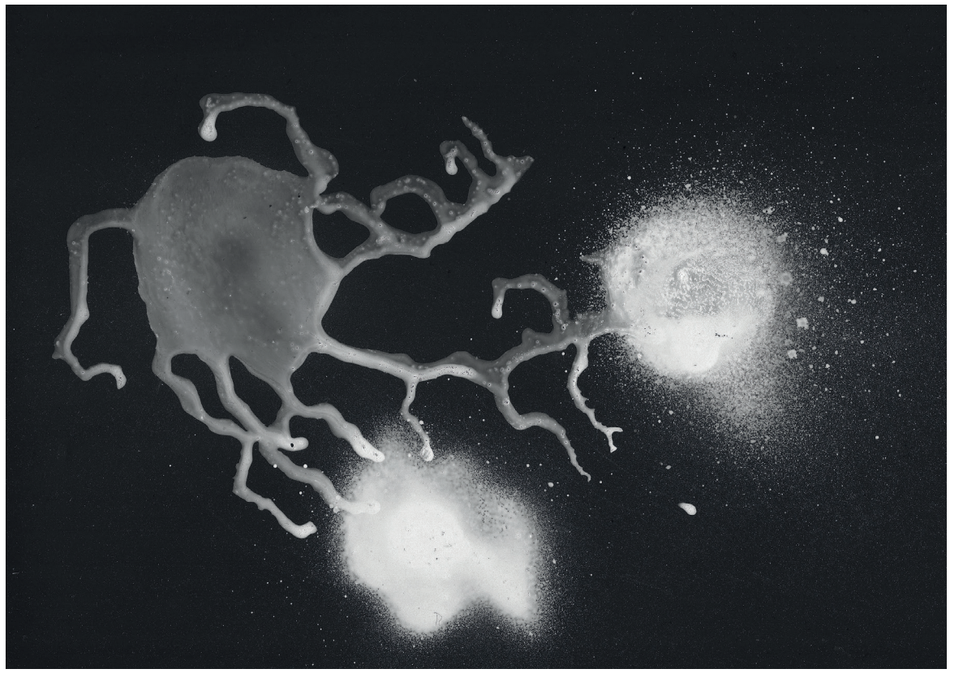



PORTO



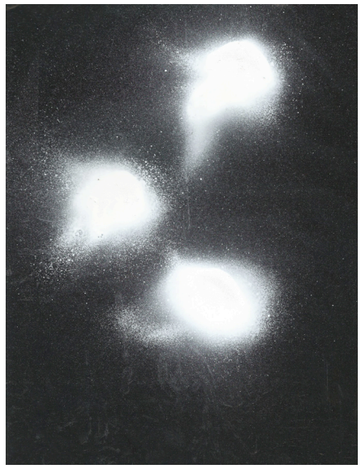


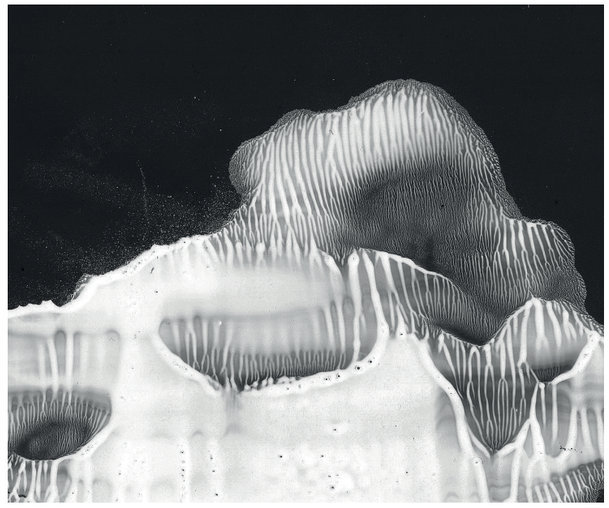

MANUELO NADAS @ POSTAIS. OK FIXE.
- COMO INTRODUZO O "TEXTO" SOBRE/RELACIONADO C/ PROJECTO EM SI?
- QUE "TEXTO"? → NAIV E ALGO LUTTO QUE OS FAÇA PENSAR E OS MOTIVE A EXPELIR-ME ALGO SOBRE A "EXPERIÊNCIA" / O QUE PENSAM DESSA FORMA DE SE RELACIONAR C/ O GRAÇO.
- PAPEL QUÍMICO + PRODUZIR OS NADAS QUE VÃO LEVAR O PAPEL QUÍMICO
- FONTAS GRANDES / TIPO PELA
O SENDO QUE ESTE TIPO DE INTRIMAÇÃO SERÁ SEMPRE MUITO MANUAL / EXPERIMENTAL / NÃO (OU SERÁ QUE NÃO?)
PORTO

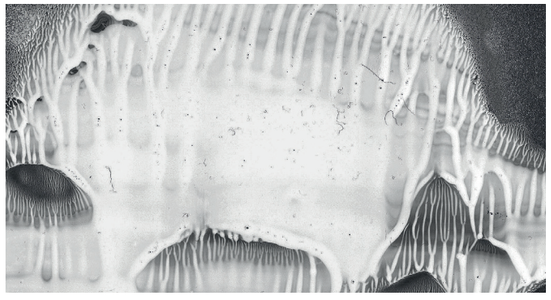












Cartazes de propaganda






HOJE SONHO
FEGO








CHARLIE




wild at heart






DESAPARECEU
ARTISTA

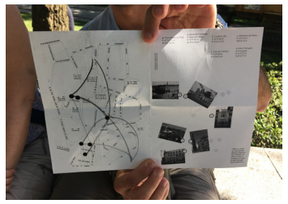

433
DESAPARECEU
ARTISTA
FERA
FERA
BOWAN

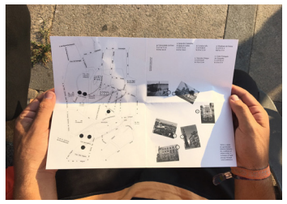

SUIER

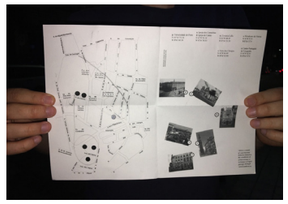

DESAPARECEU
RTISTA

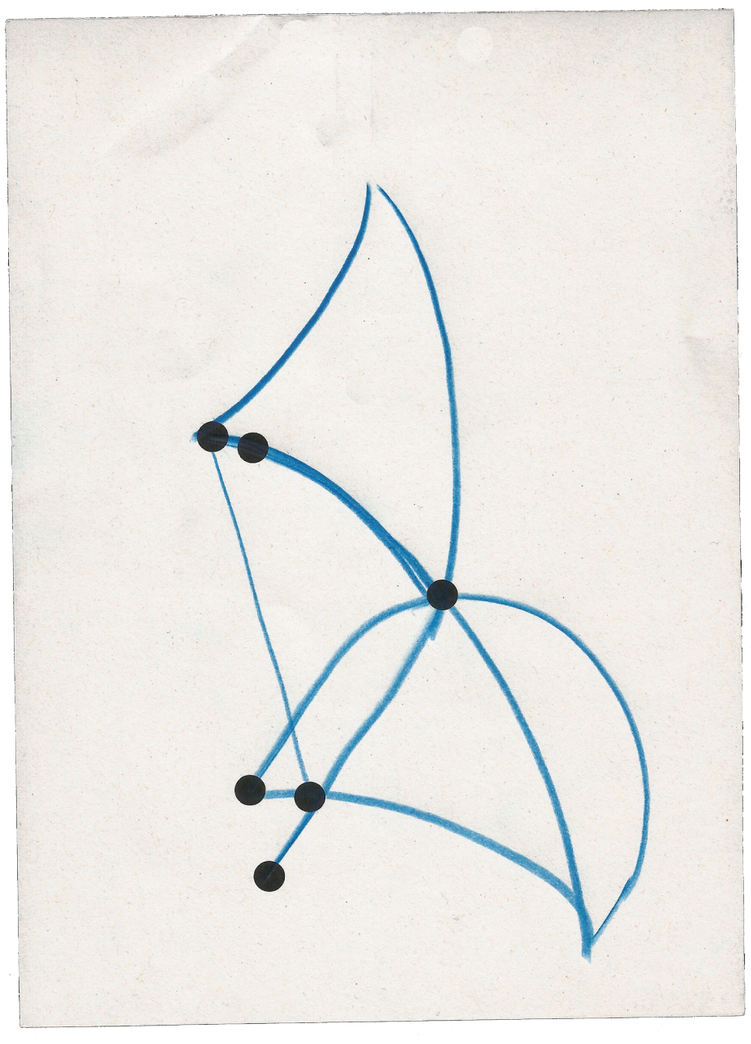
Rabiscos/Caminhos

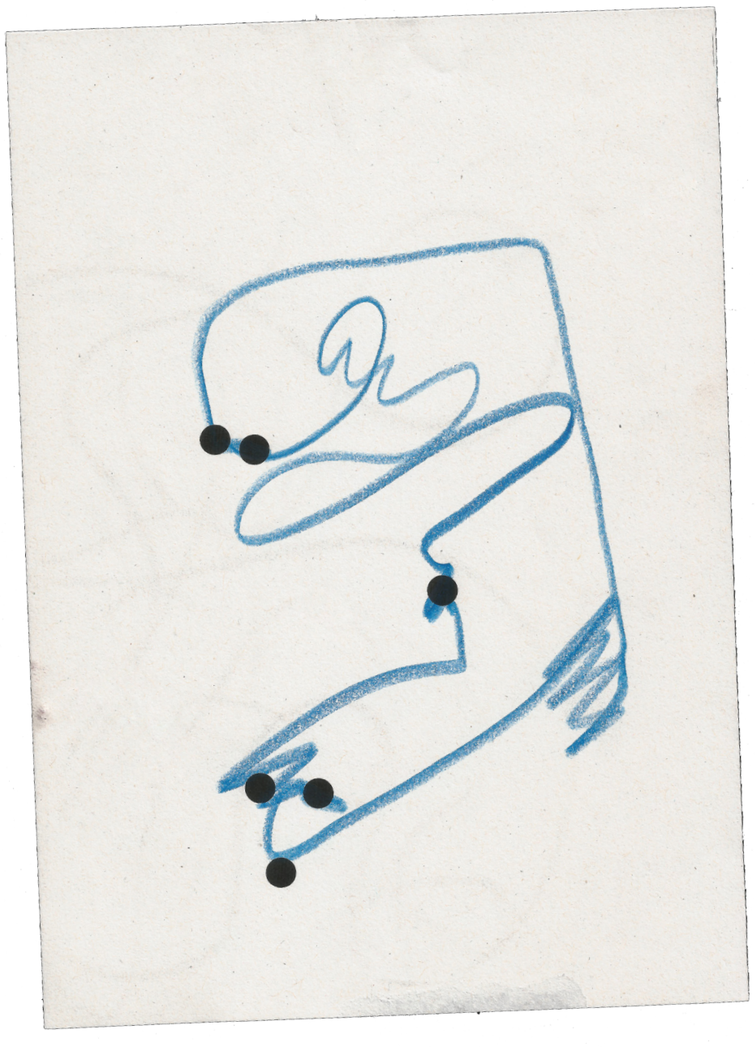
p. 45-93

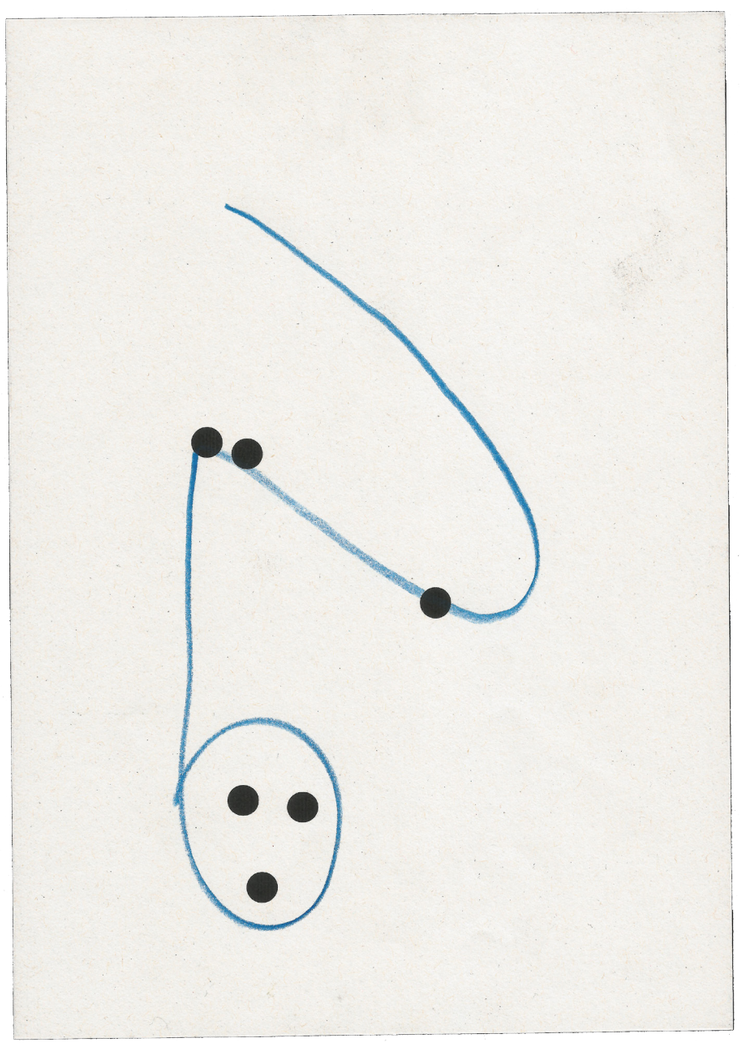


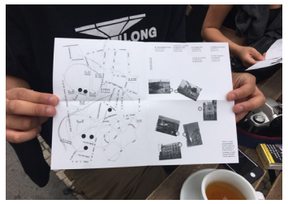


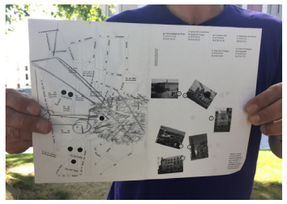


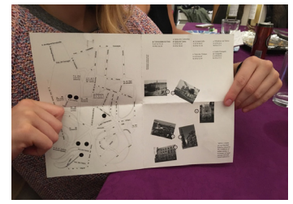


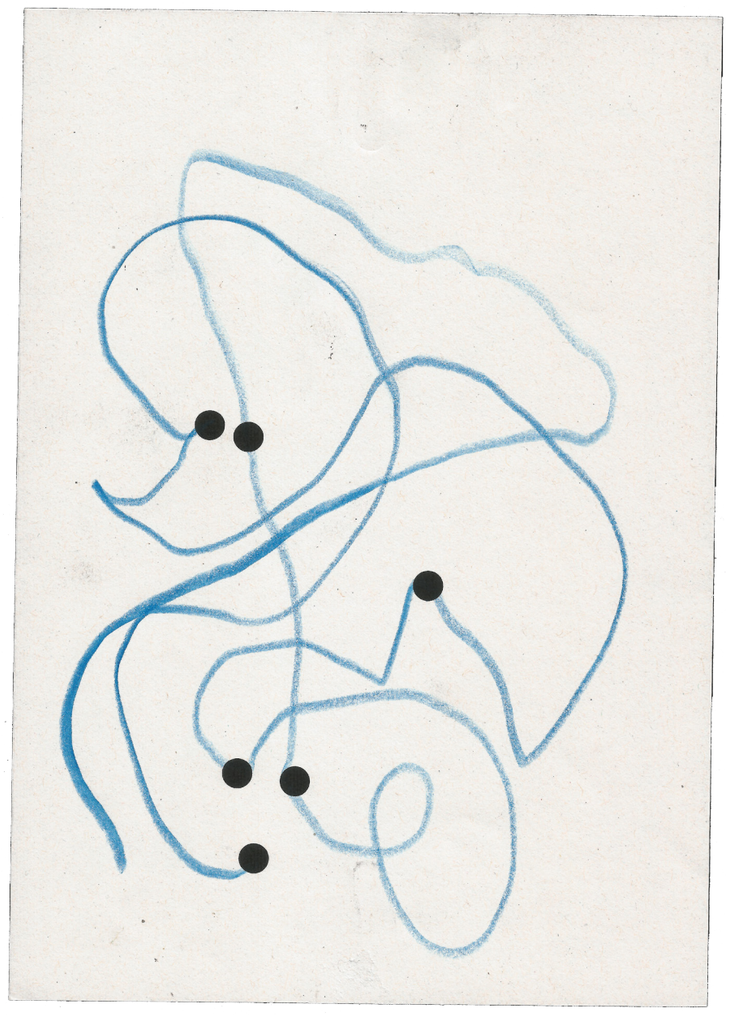


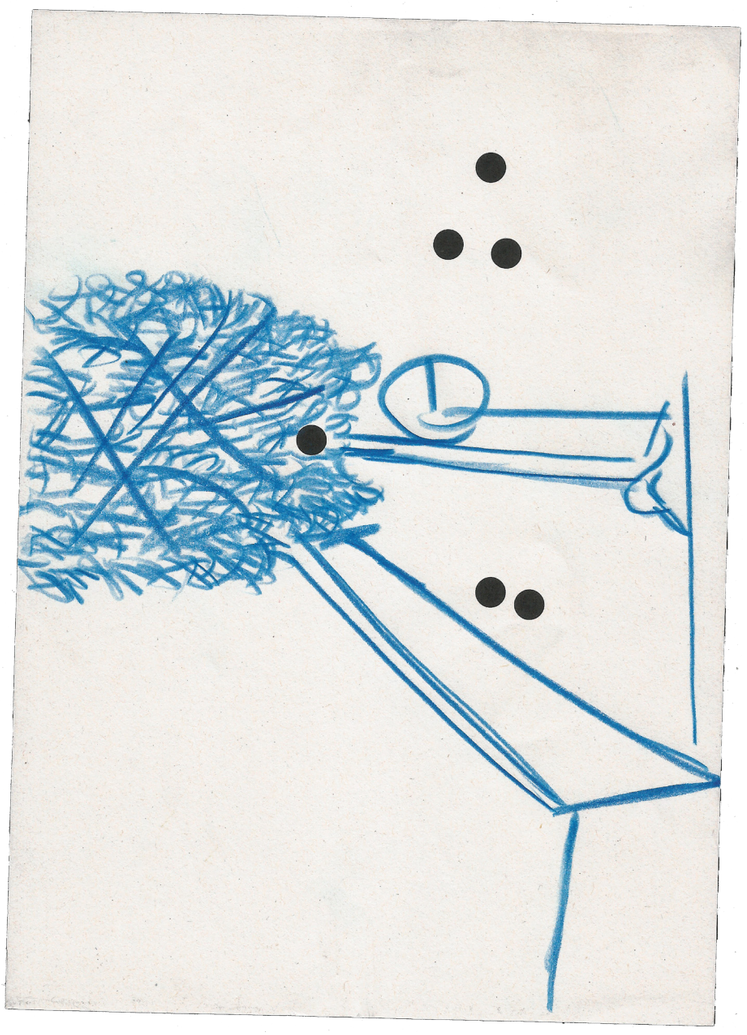


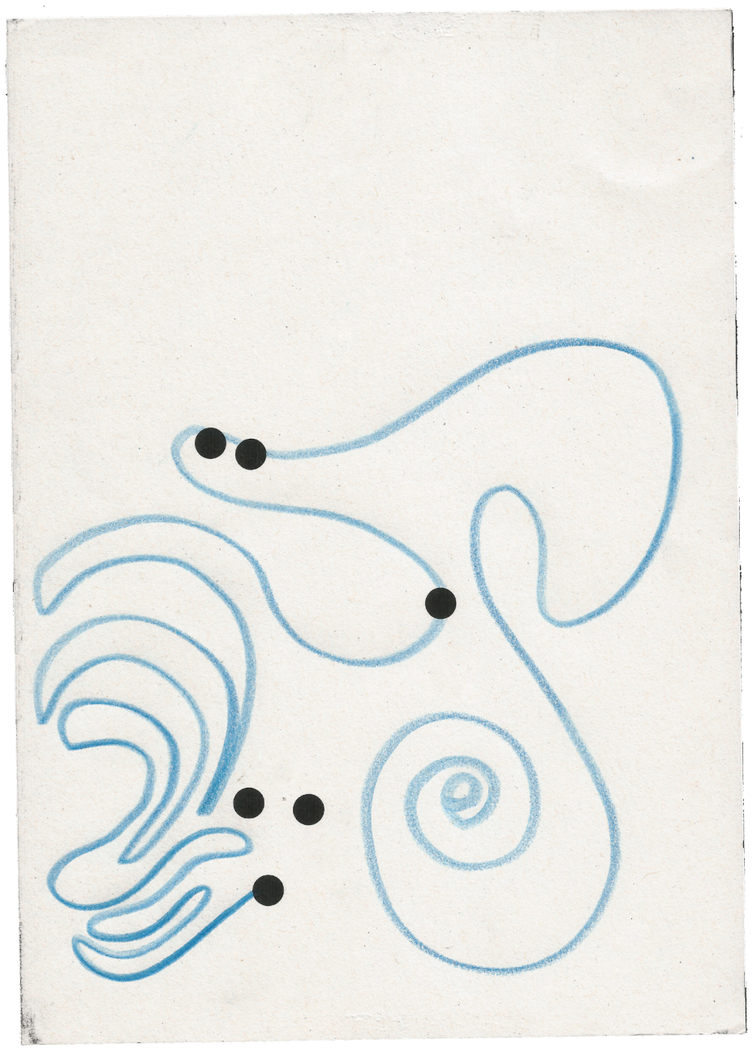








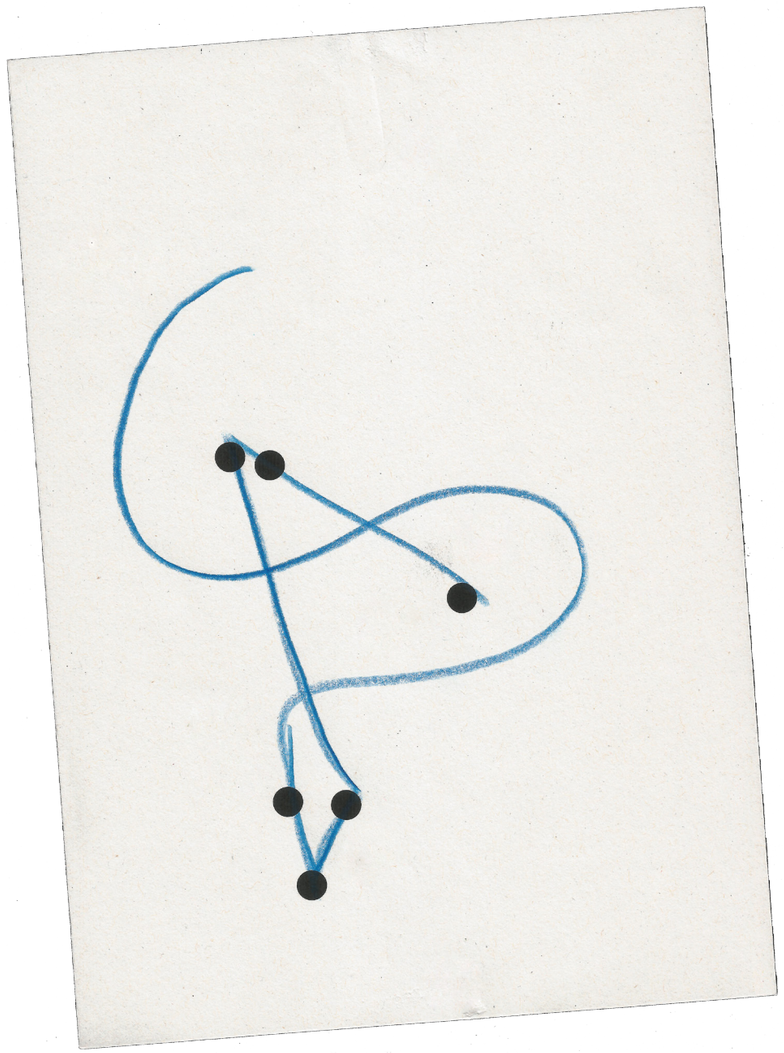


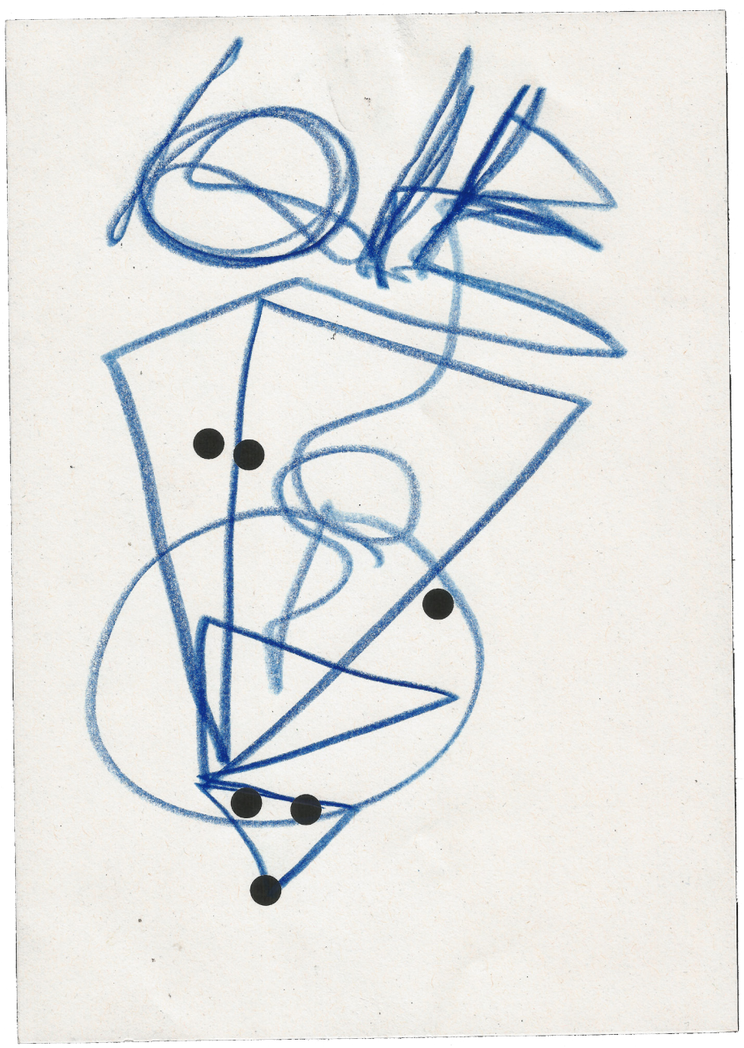


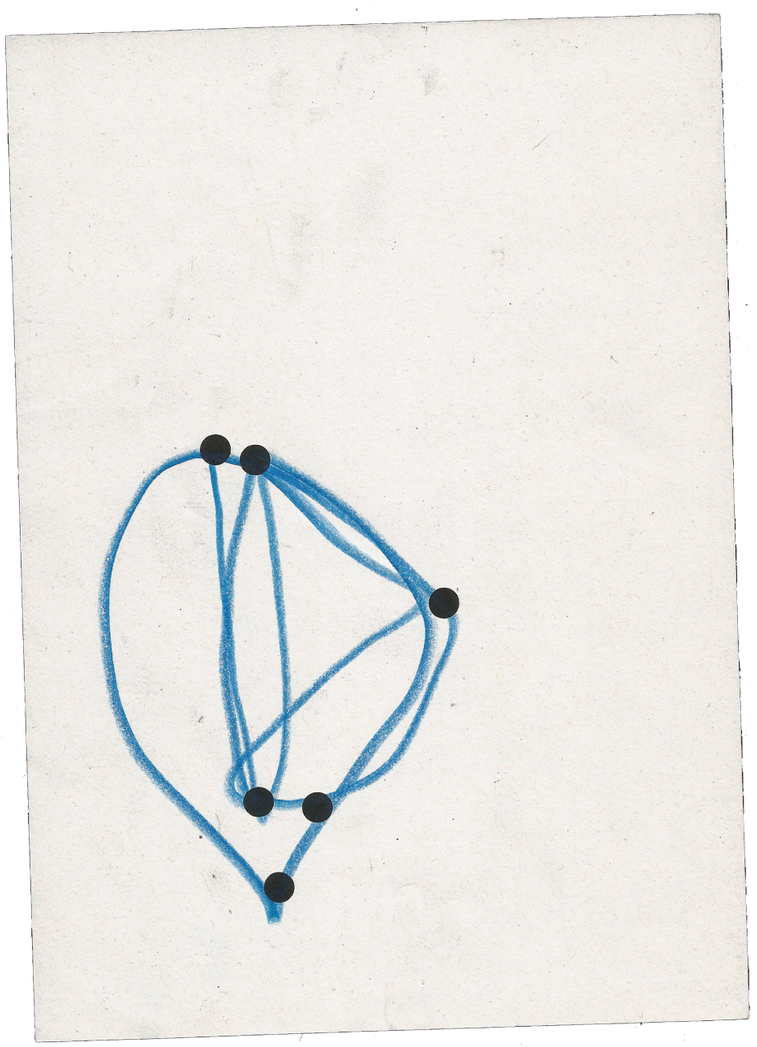


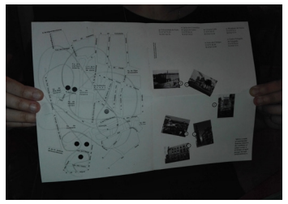


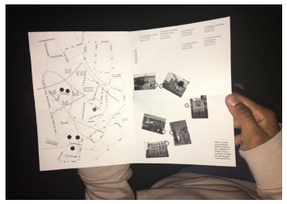




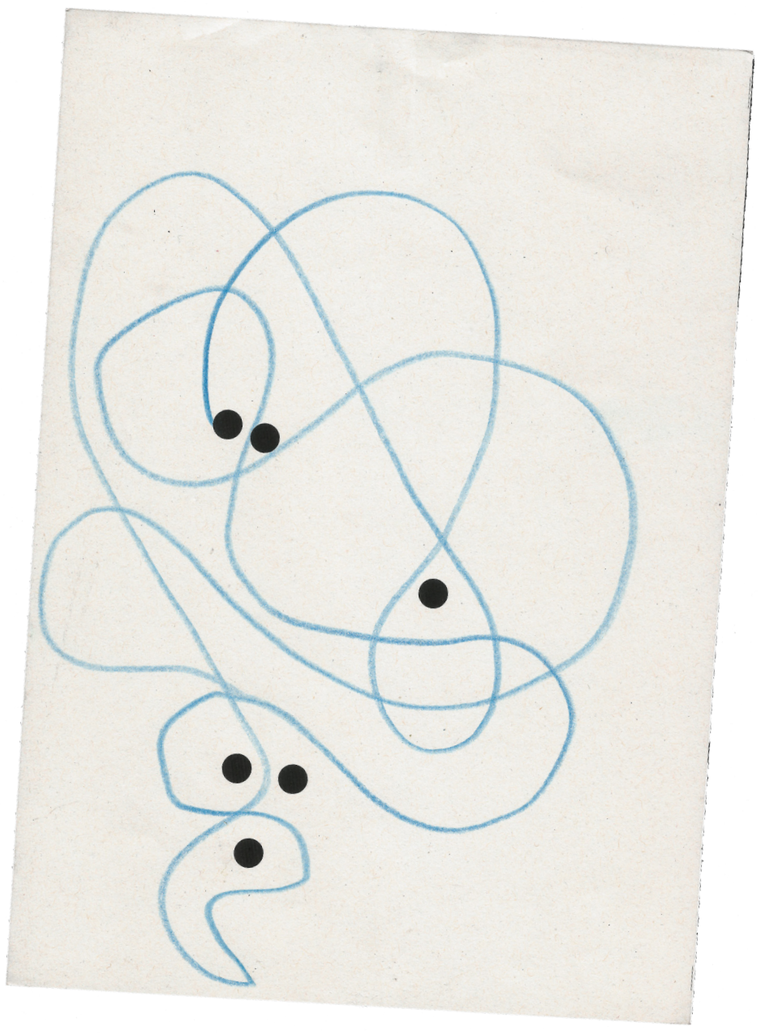


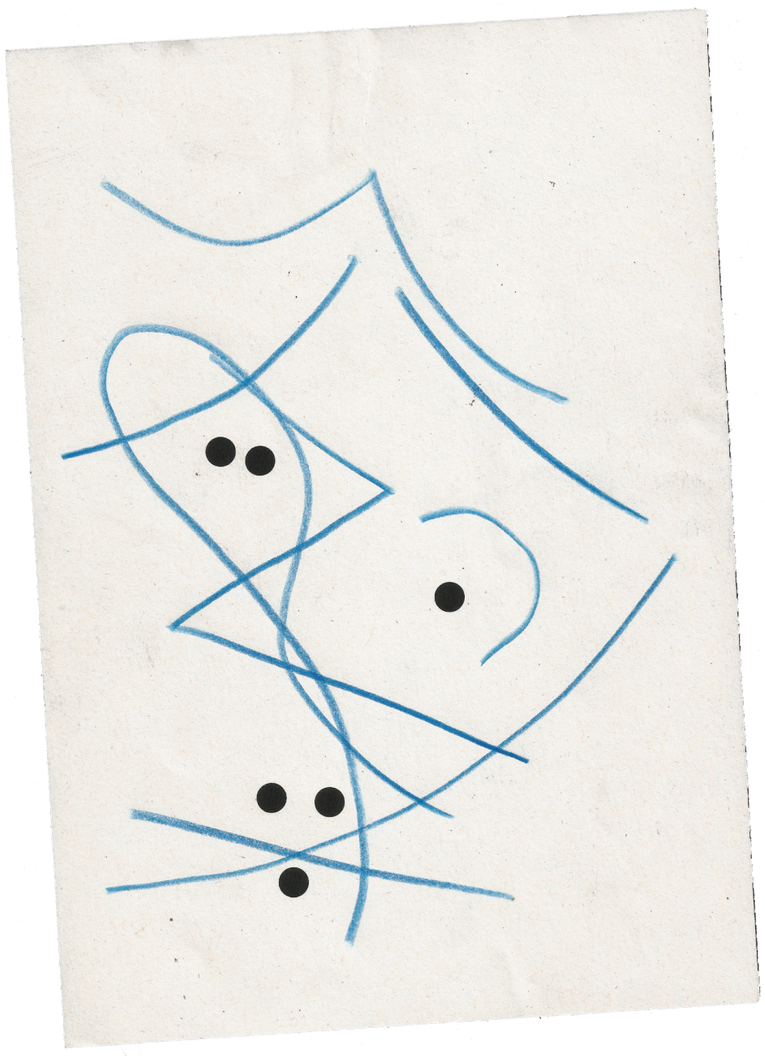


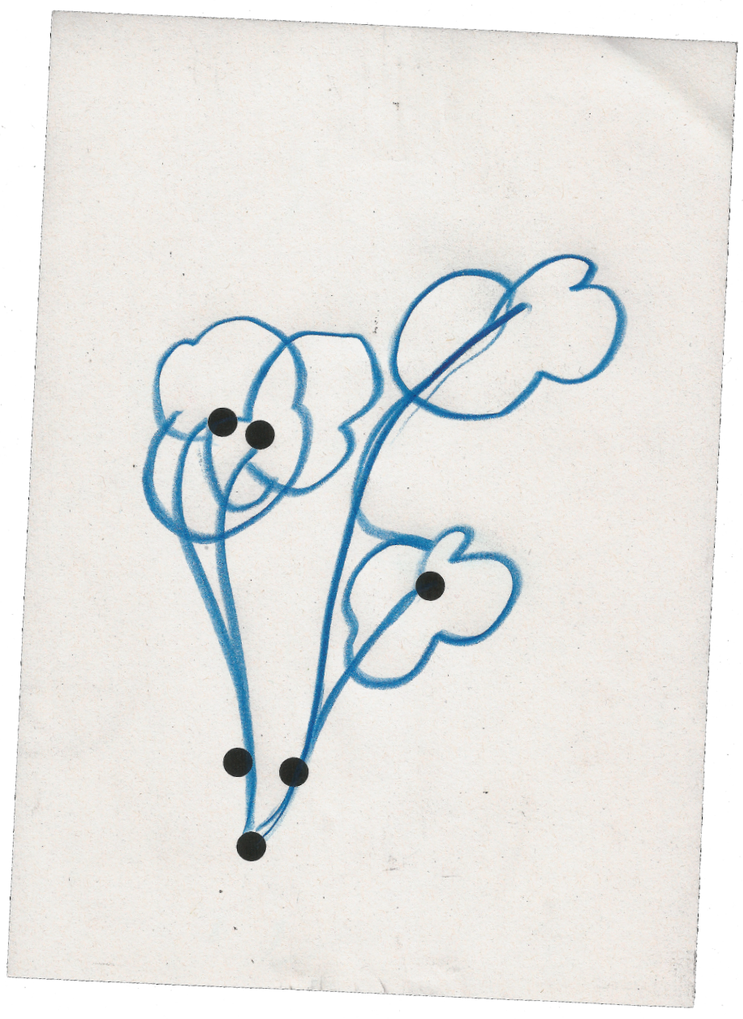


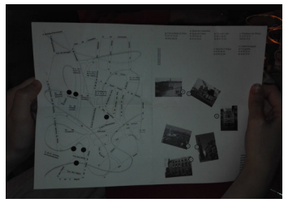


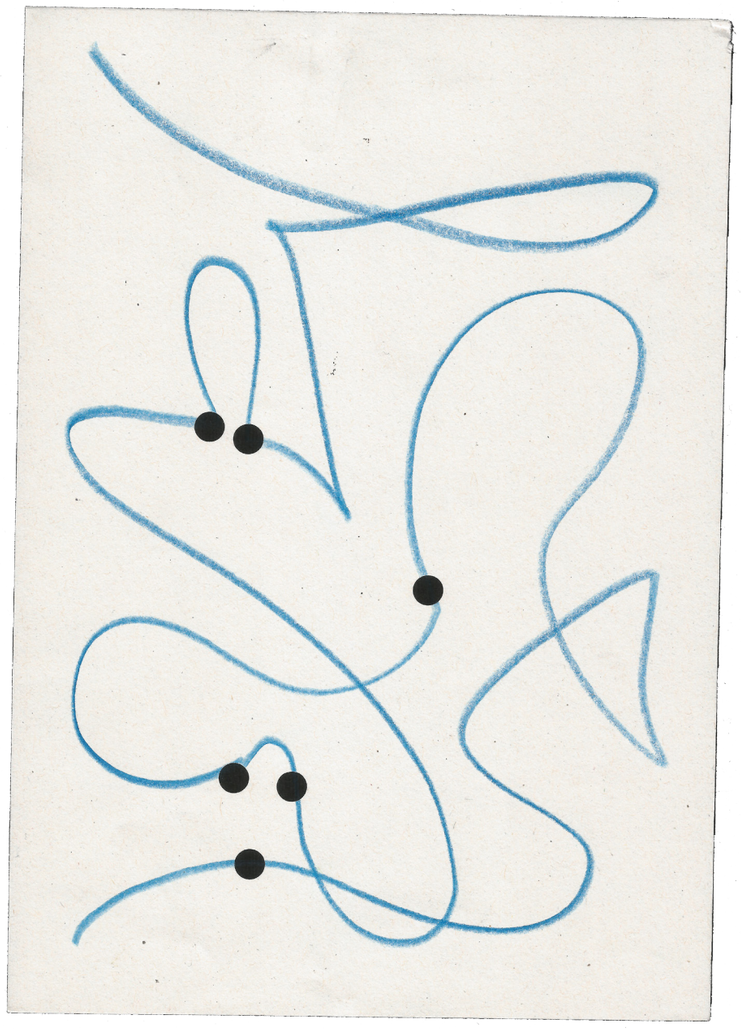


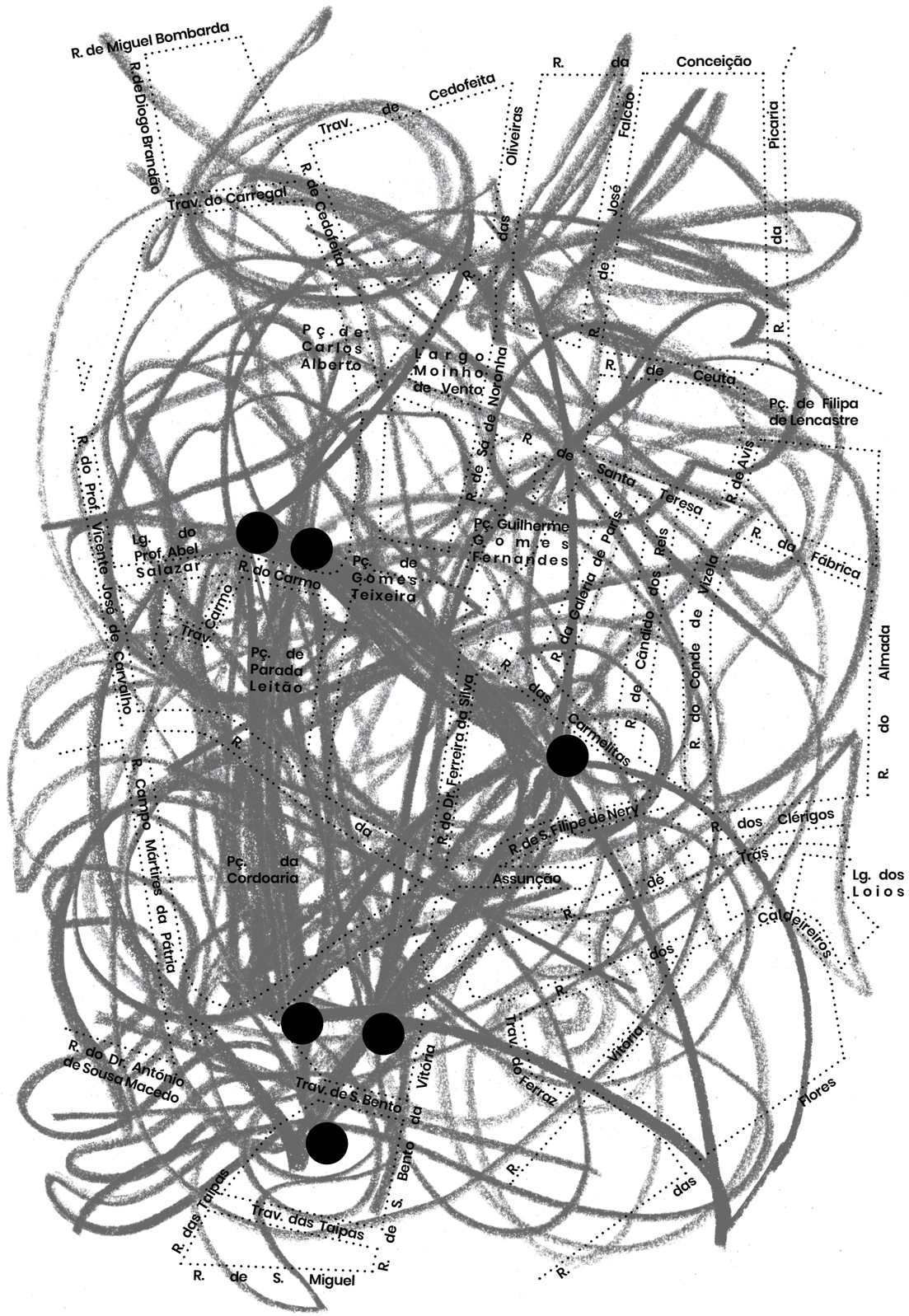












p. Universidade do Porto
N 41º14’73.34
W 8º61’60.30

o. Igreja dos Carmelitas & Igreja do Carmo
N 41º8’50.14
W 8º36’58.43

n. Livraria Lello
N 41º8’48.45
W 8º36’53.50

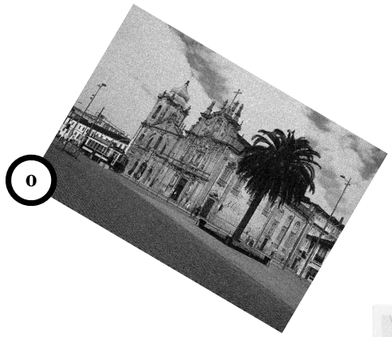
t. Torre dos Clérigos
N 41º8’44.49
W 8º36’52.99

s. Miradouro da Vitória
N 41º8’35.4
W8º36’57.9

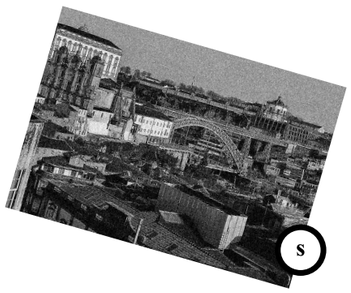
r. Centro Português de Fotografia
N 41º8’42.61
W 8º36’57.9

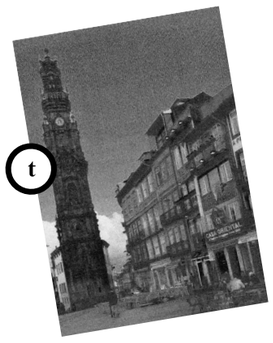
All pictures shown are for illustration purpose only.


p


o

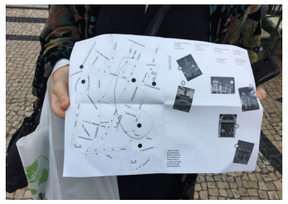

n

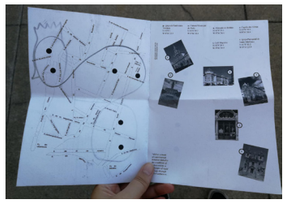

s

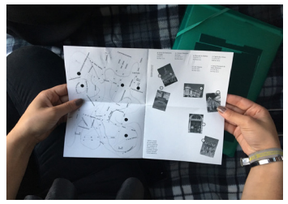

t

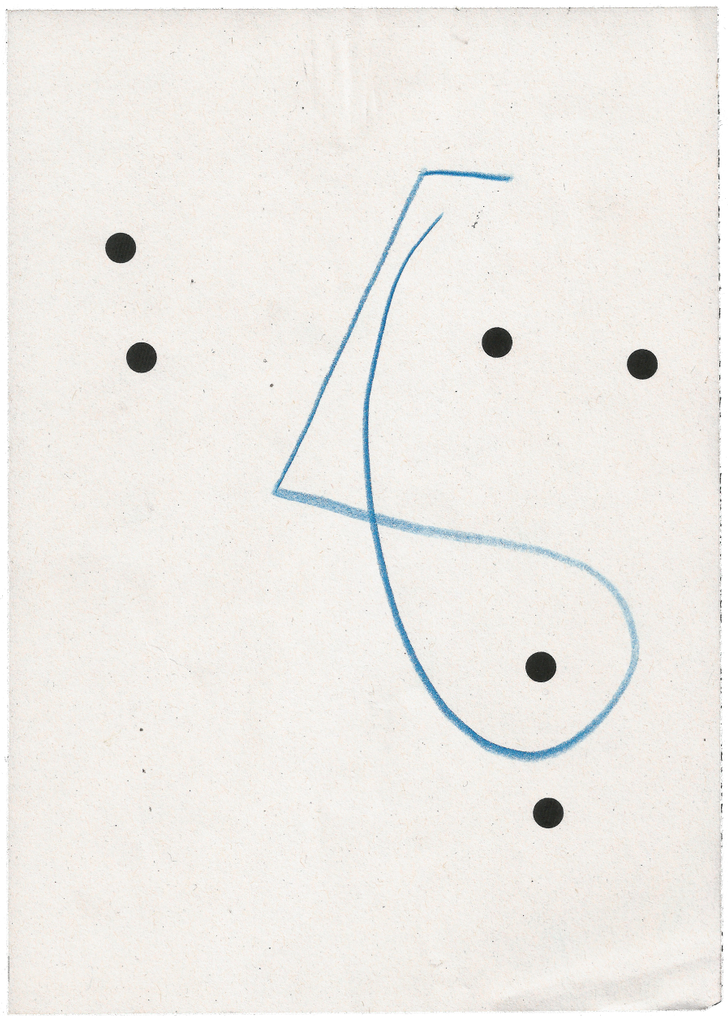

r

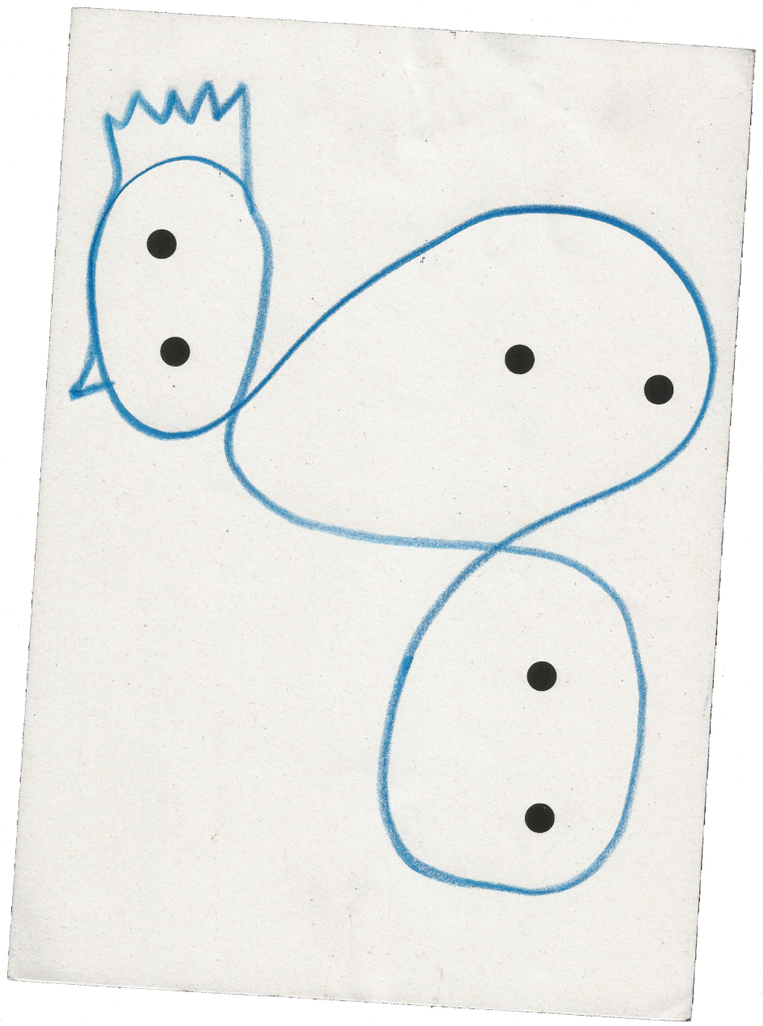
dérive: a mode of experimental behavior linked to the conditions of urban society; a technique of rapid passage through varied ambiences.

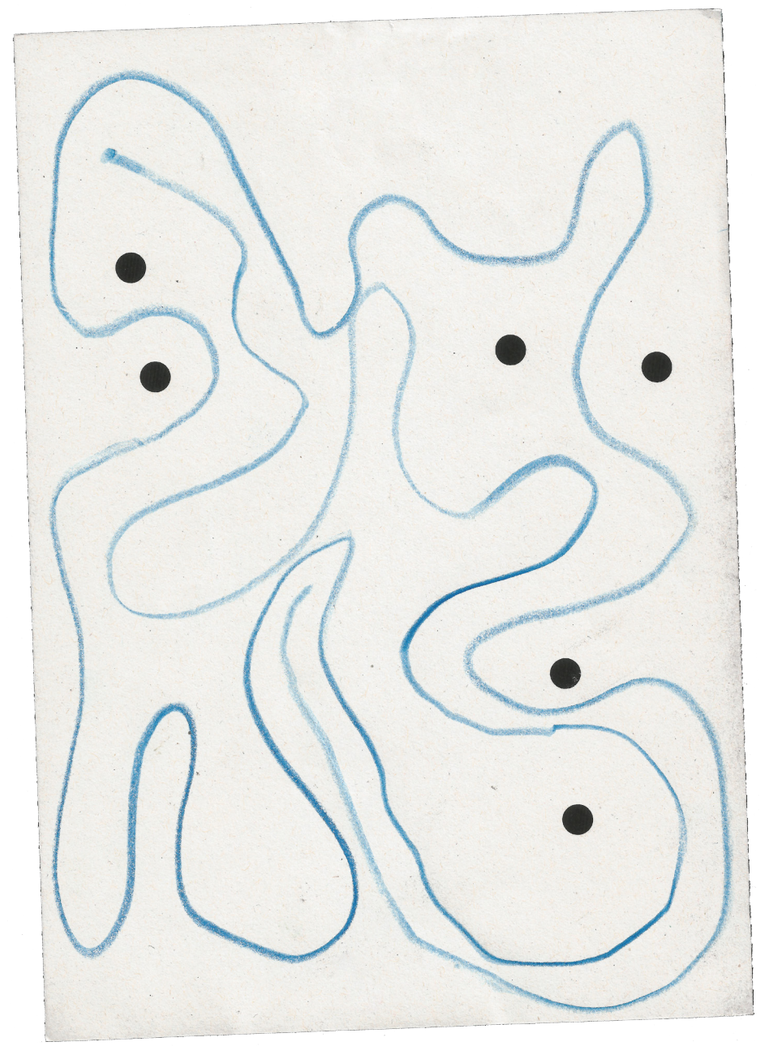


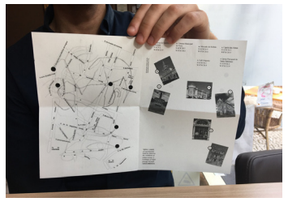


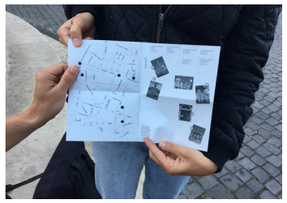


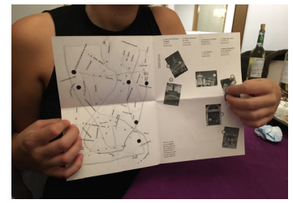


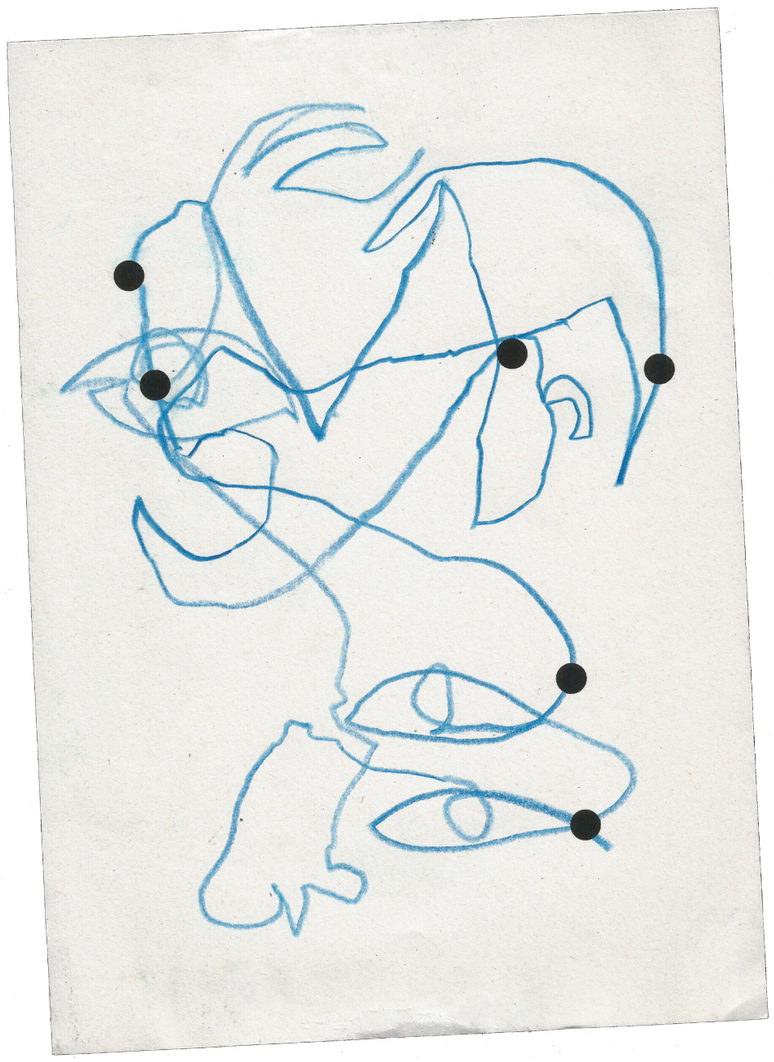


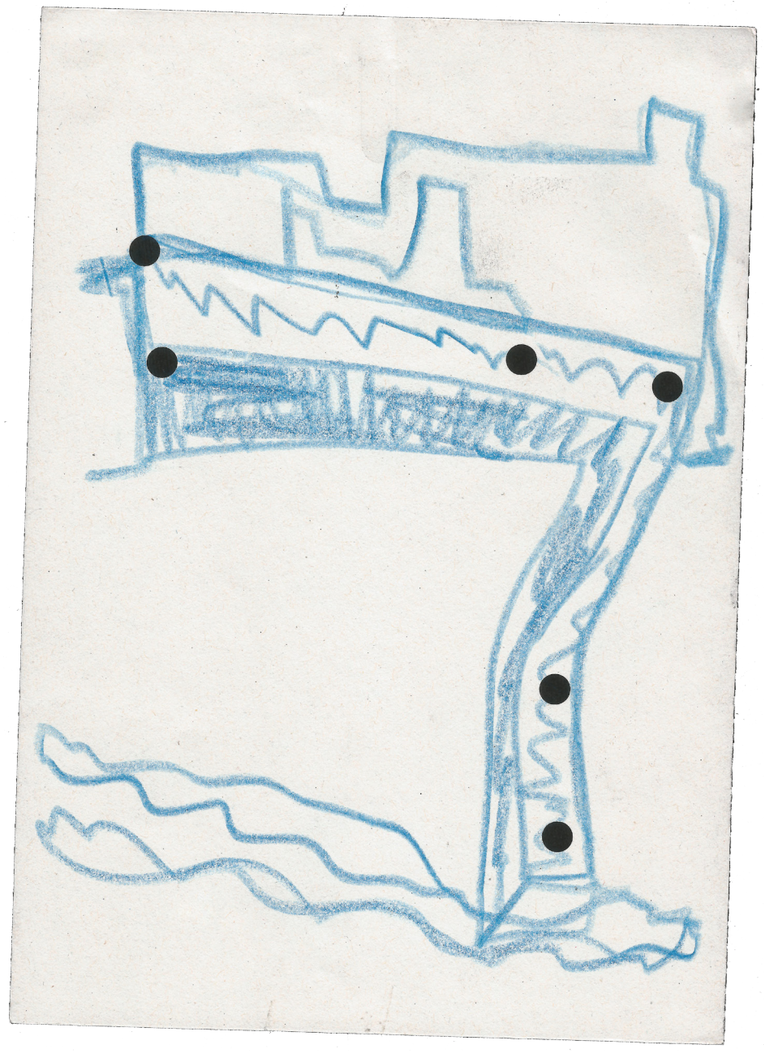


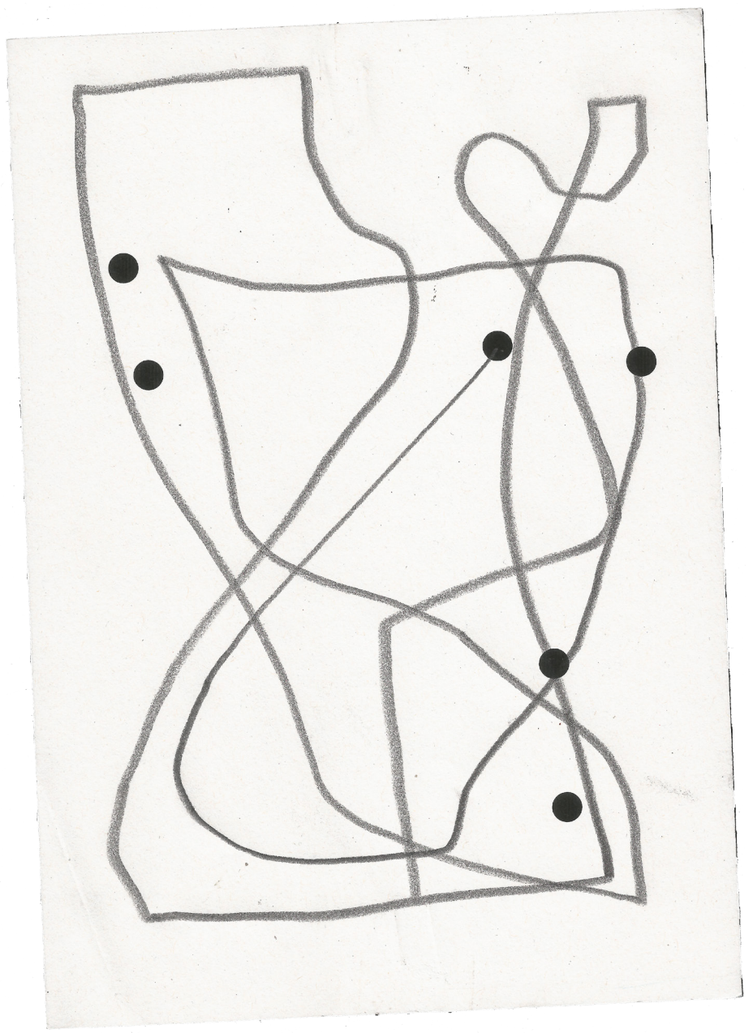


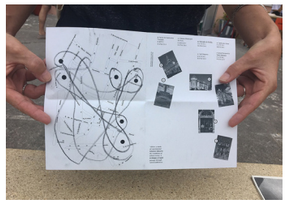


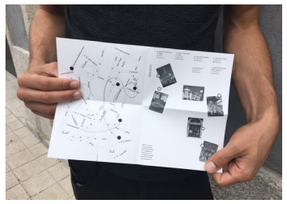


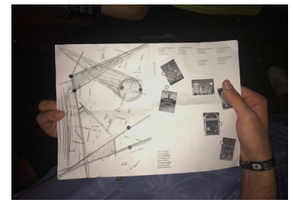


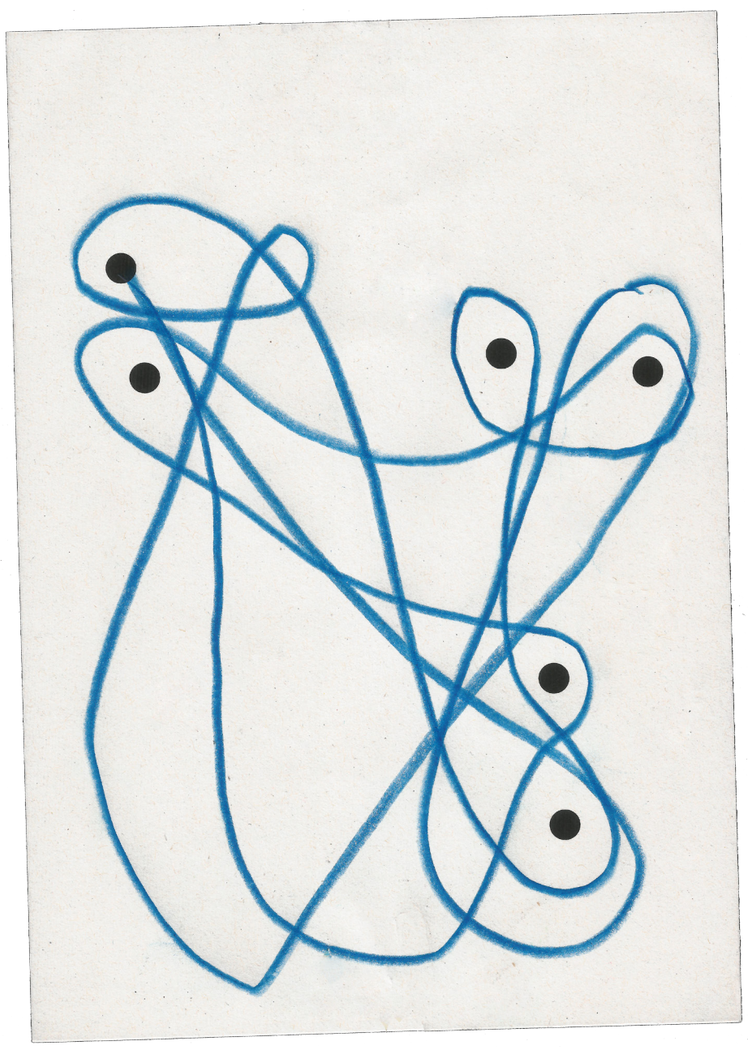


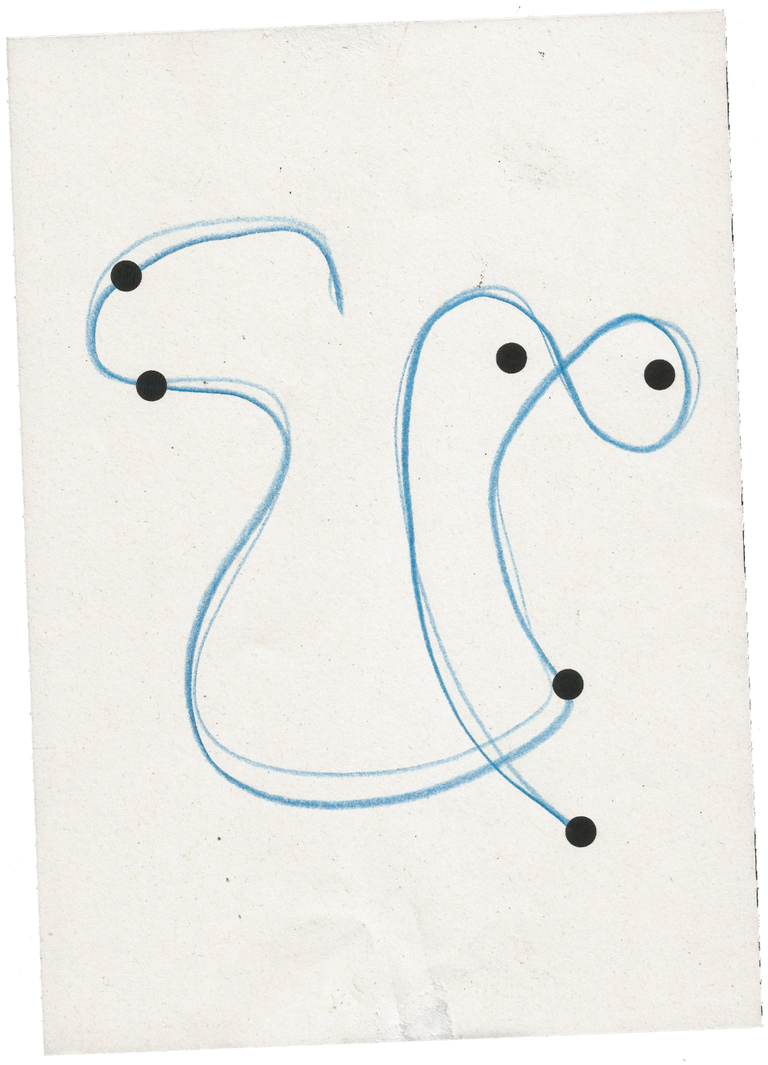


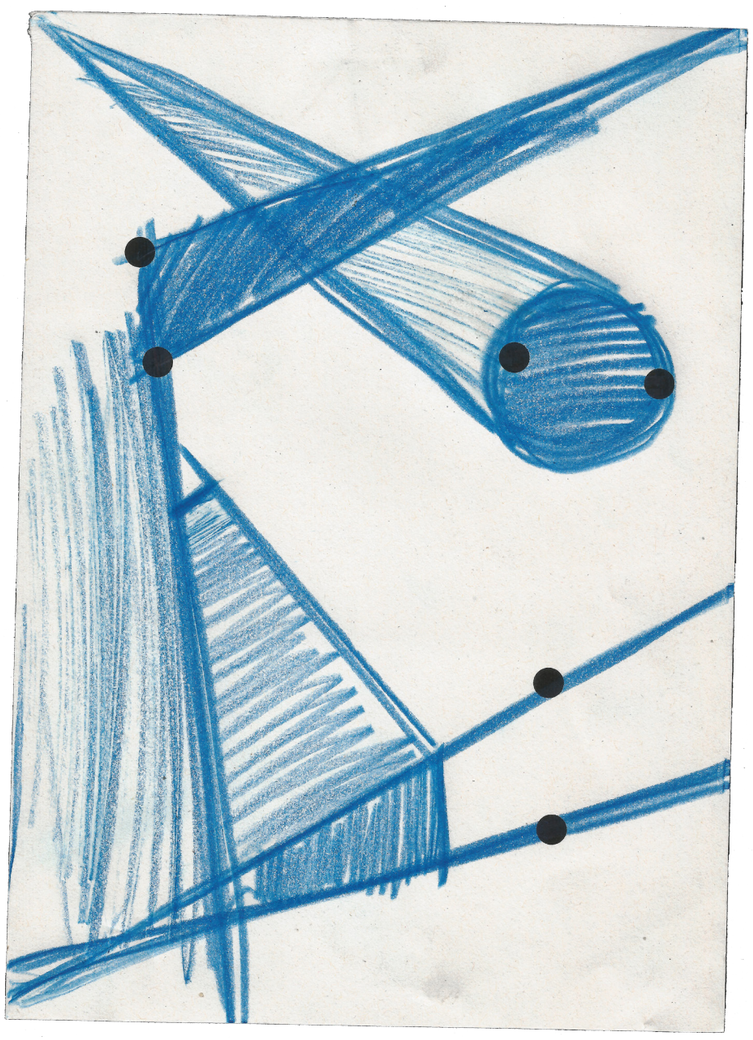


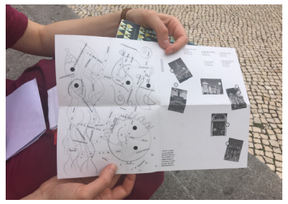


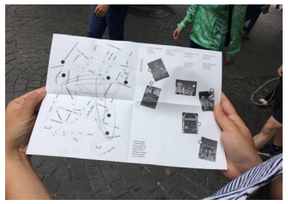


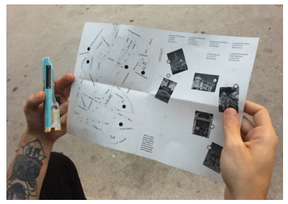


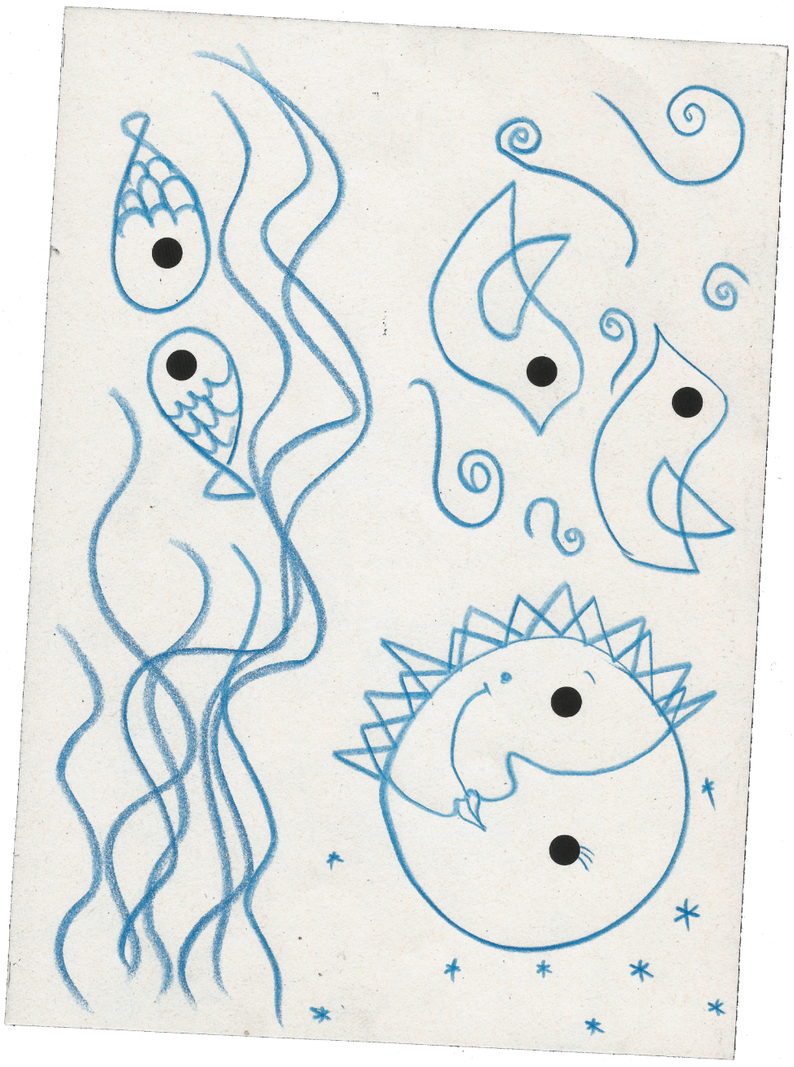




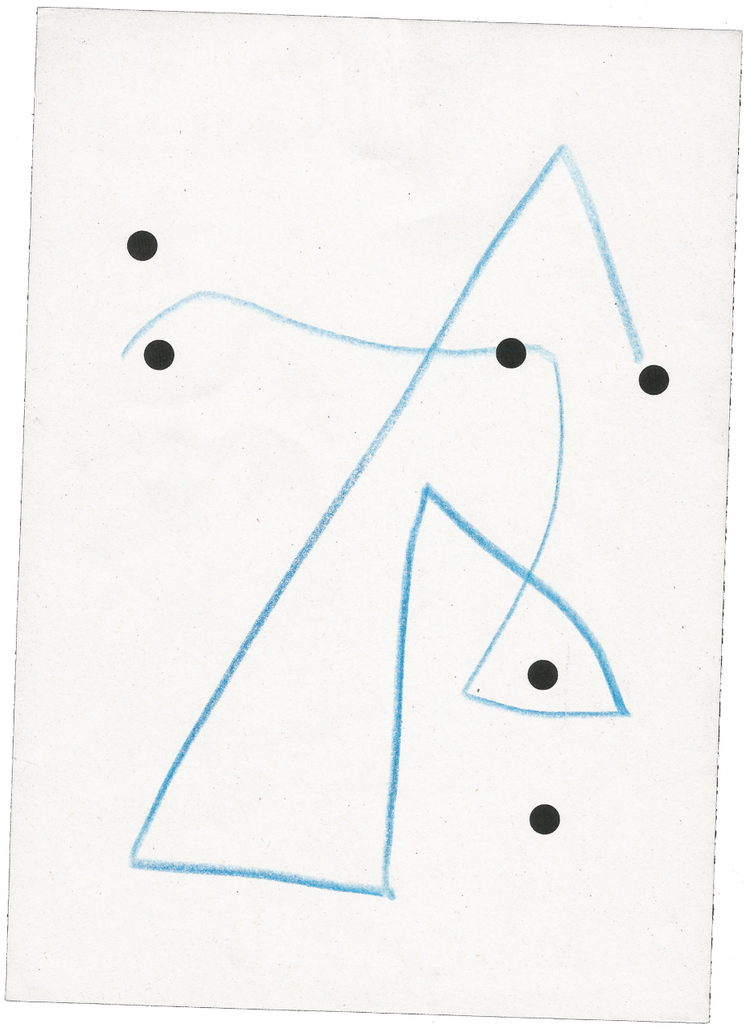


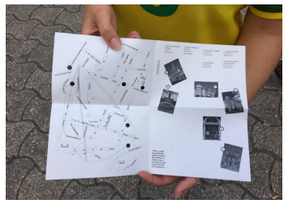


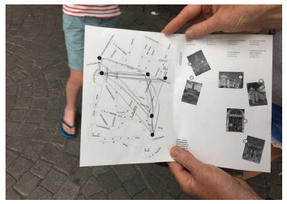


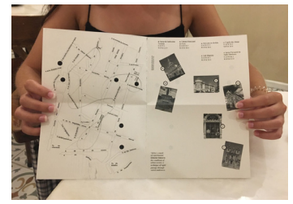


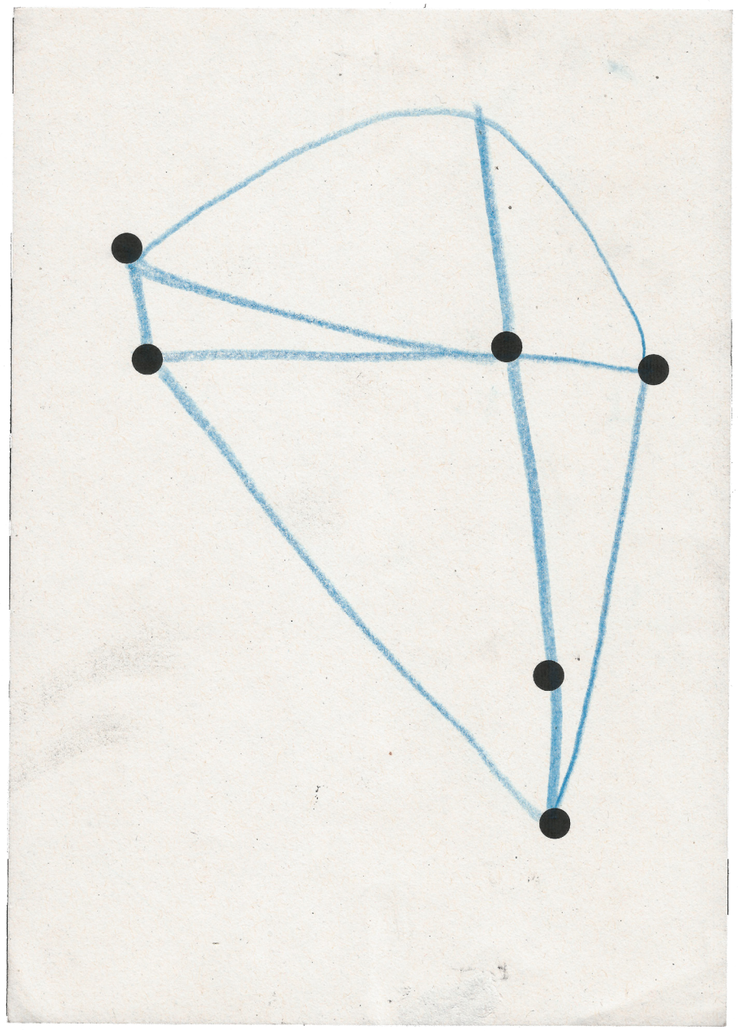


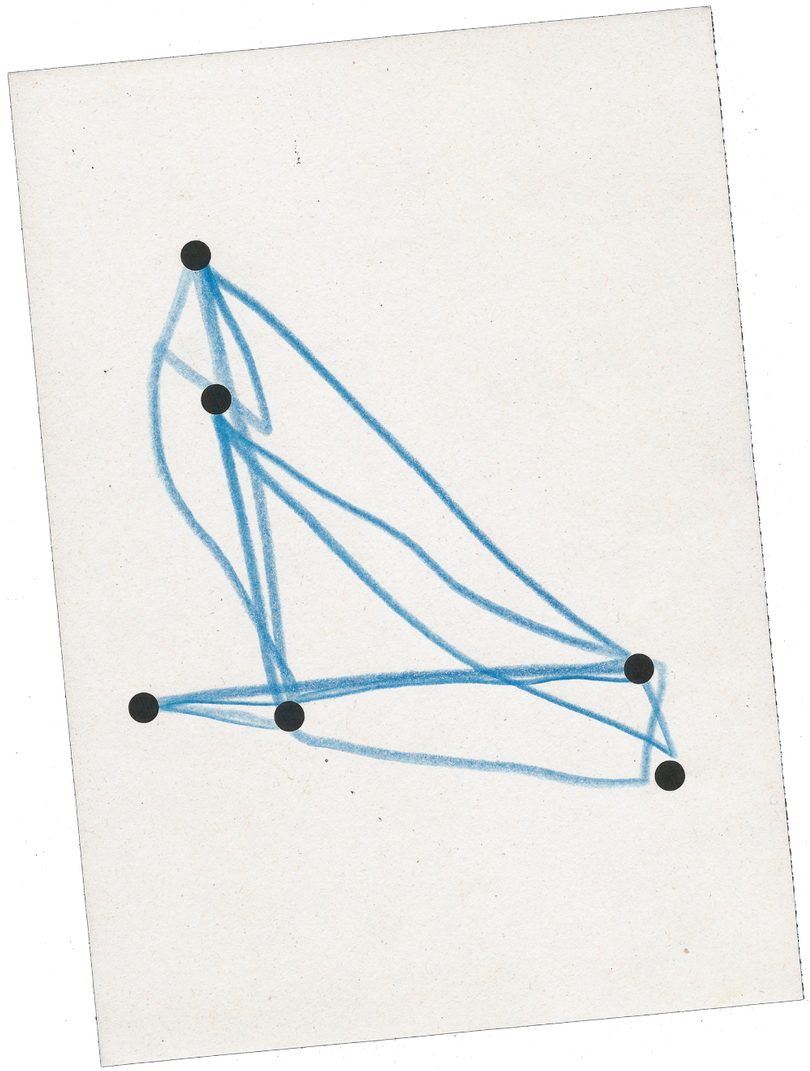




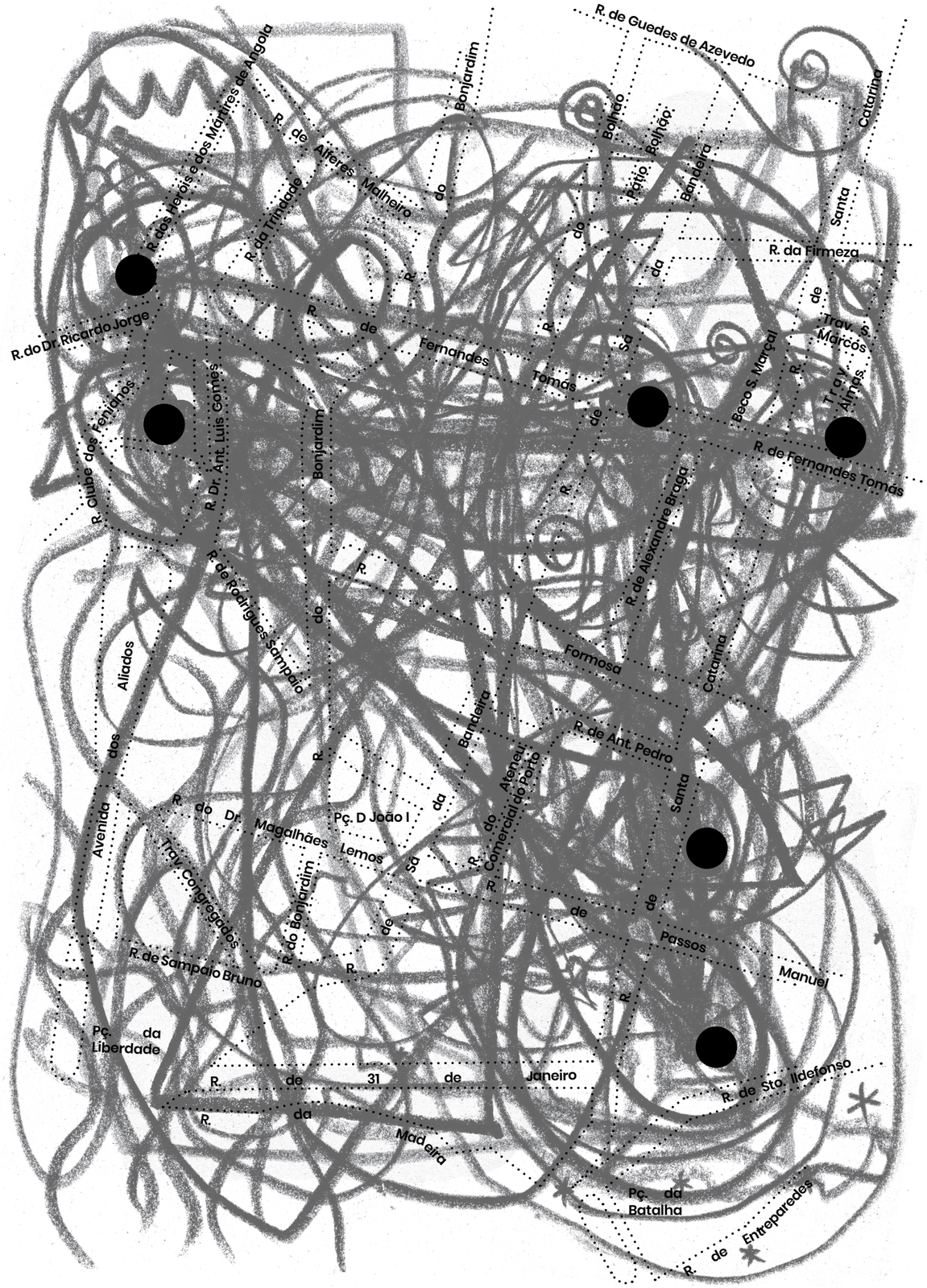












p. Igreja da Santíssima Trindade
N 41º9’3
W 8º36’23.9

o. Câmara Municipal do Porto
N 41º8’59.7
W 8º36’38.4

n. Mercado do Bolhão
N 41º8’55.3
W 8º36’26.6

s. Capela das Almas
N 41º8’59.5
W8º36’20.4

t. Café Majestic
N 41º8’50.1
W 8º36’20.4

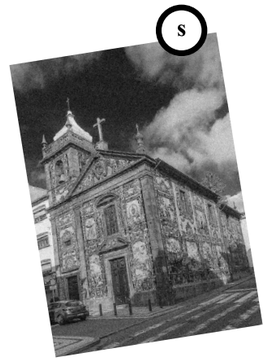
r. Igreja Paroquial de Santo Ildefonso
N 41º8’46.2
W 8º36’23.9

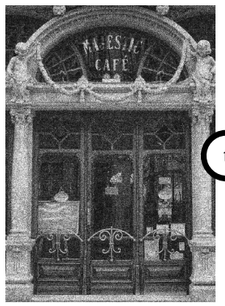
All pictures shown are for illustration purpose only.

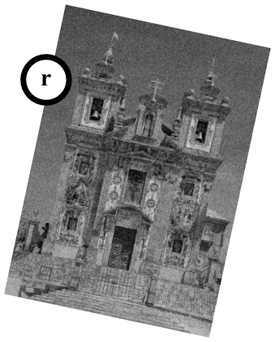




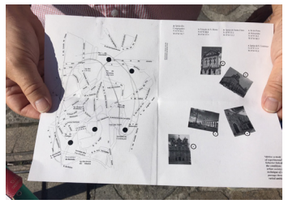


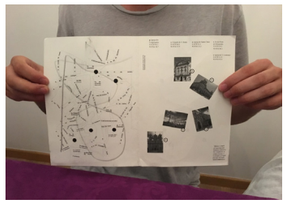


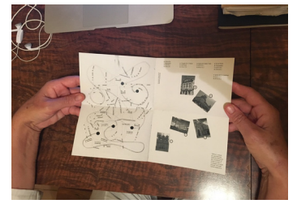


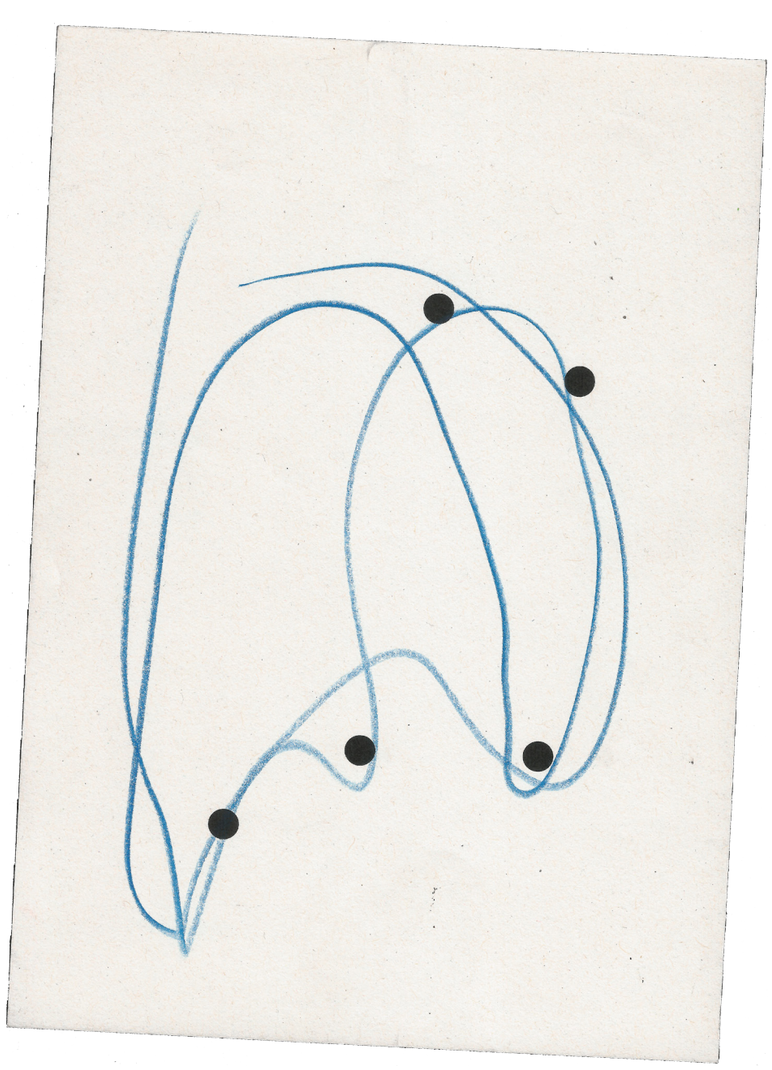


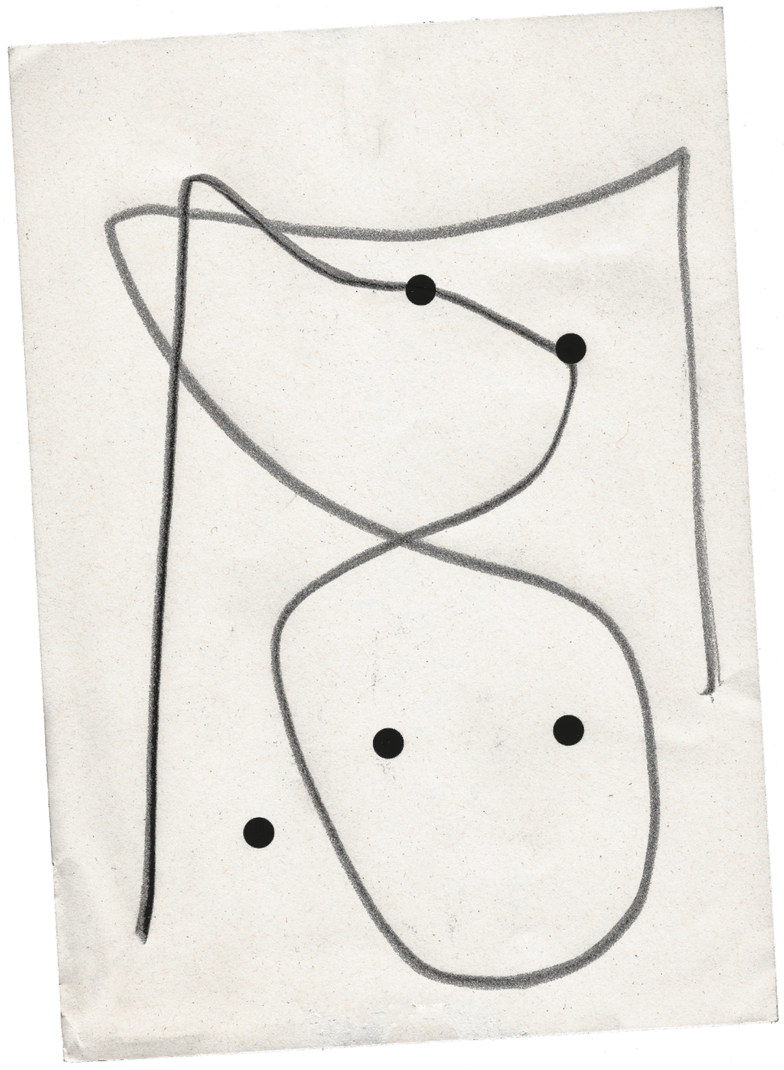
dérive: a mode of experimental behavior linked to the conditions of urban society; a technique of rapid passage through varied ambiences.

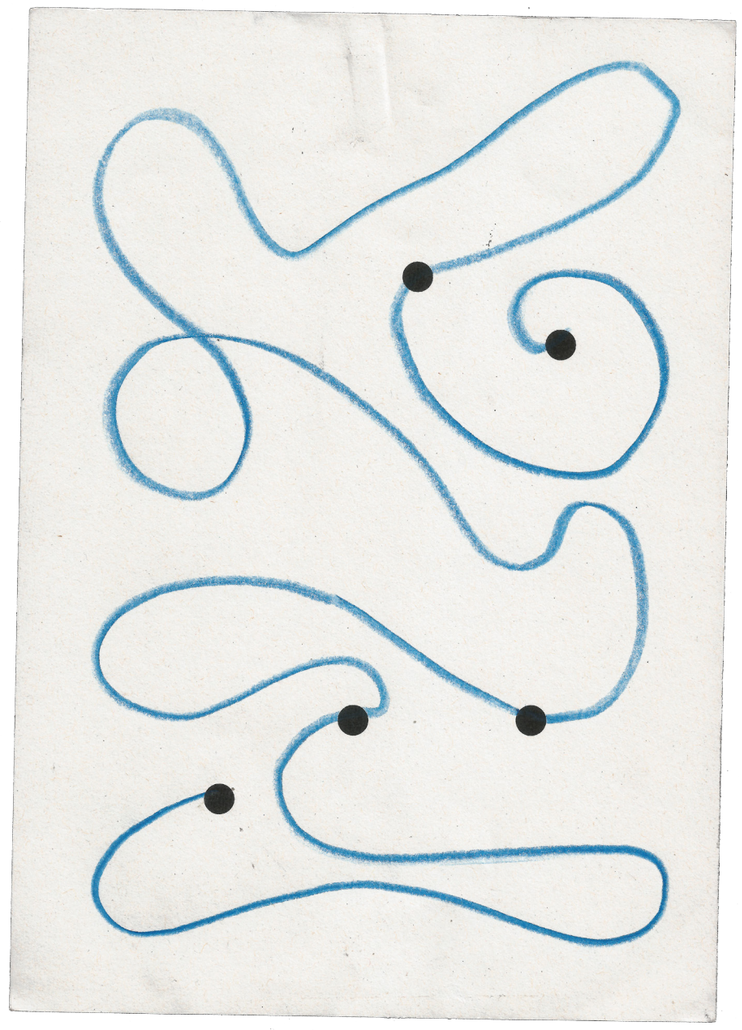


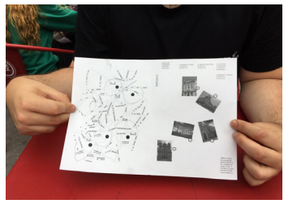


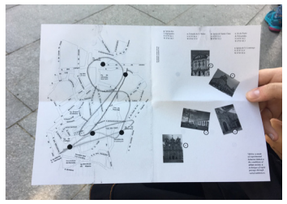


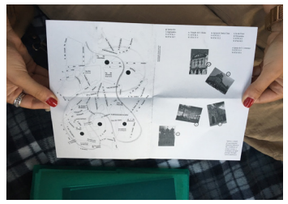


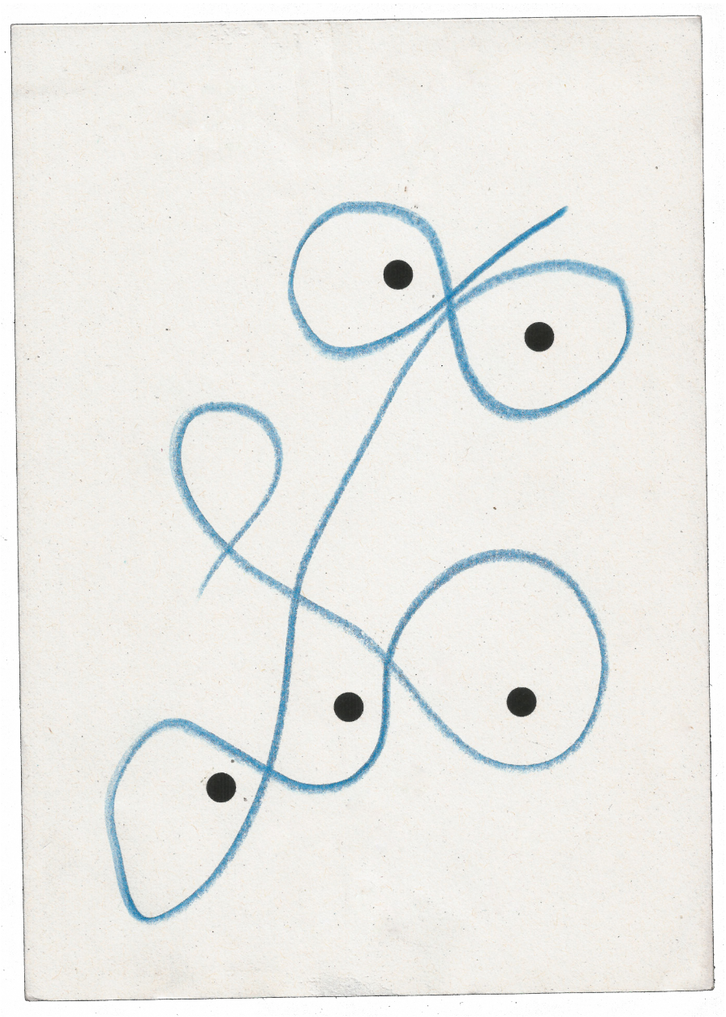


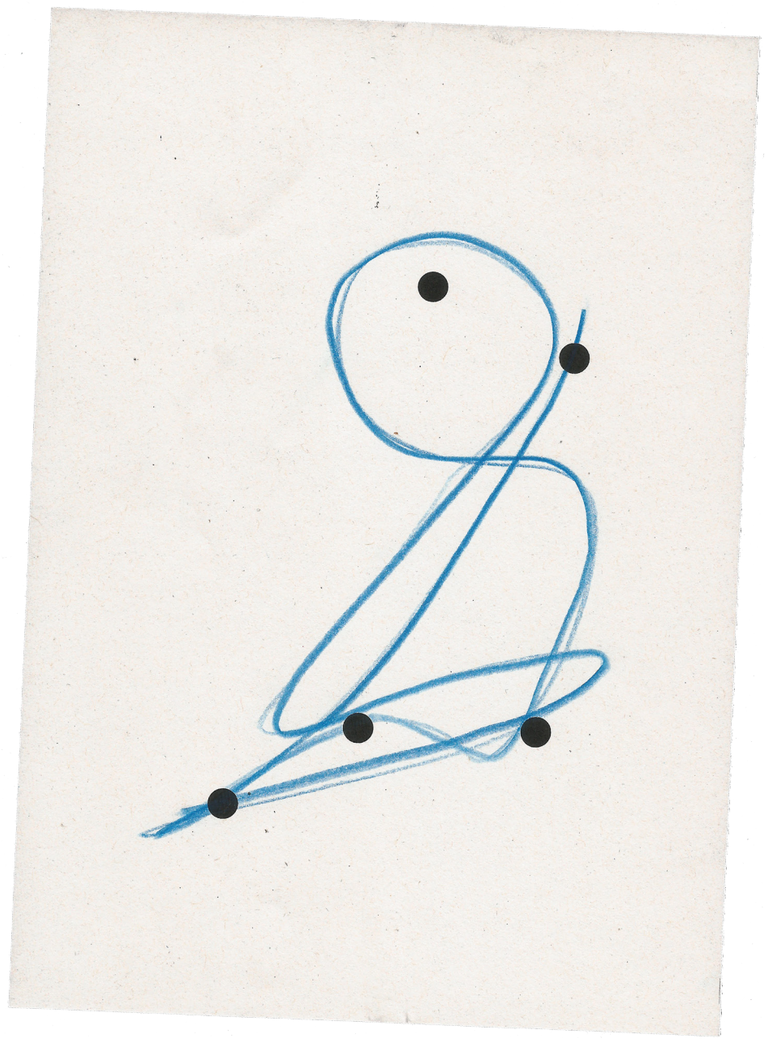


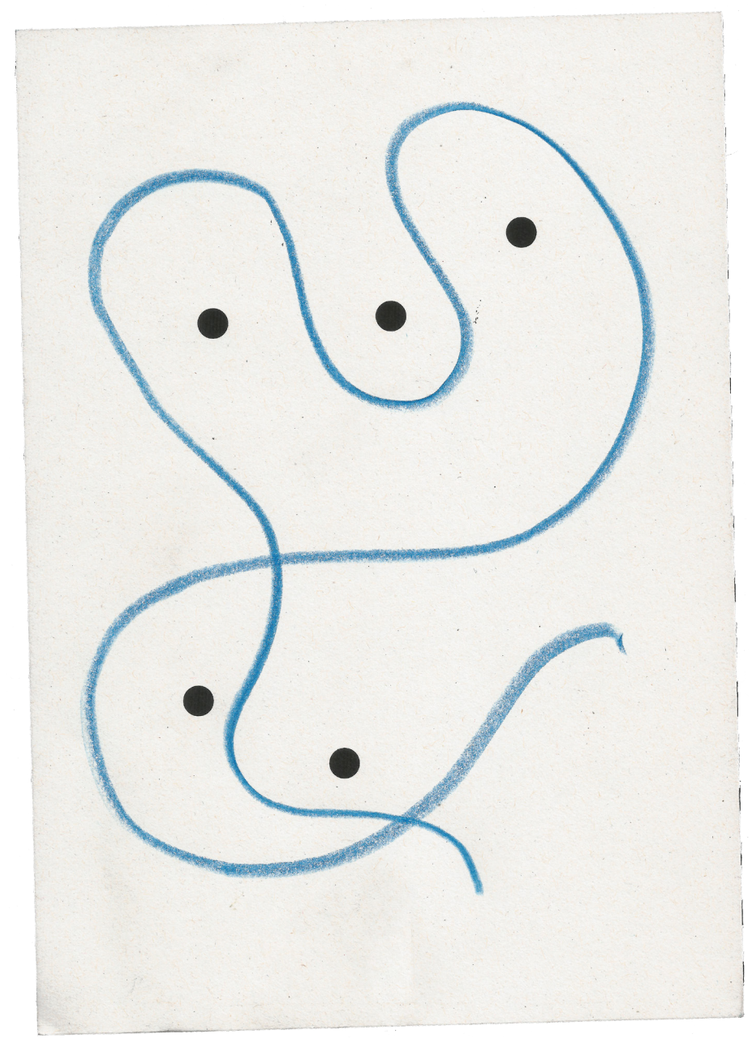


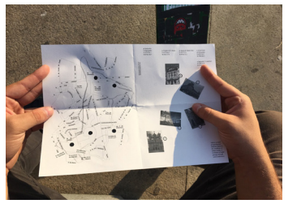


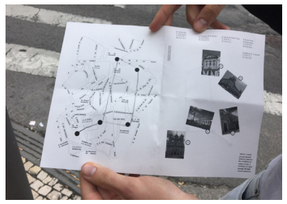


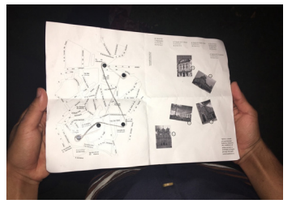


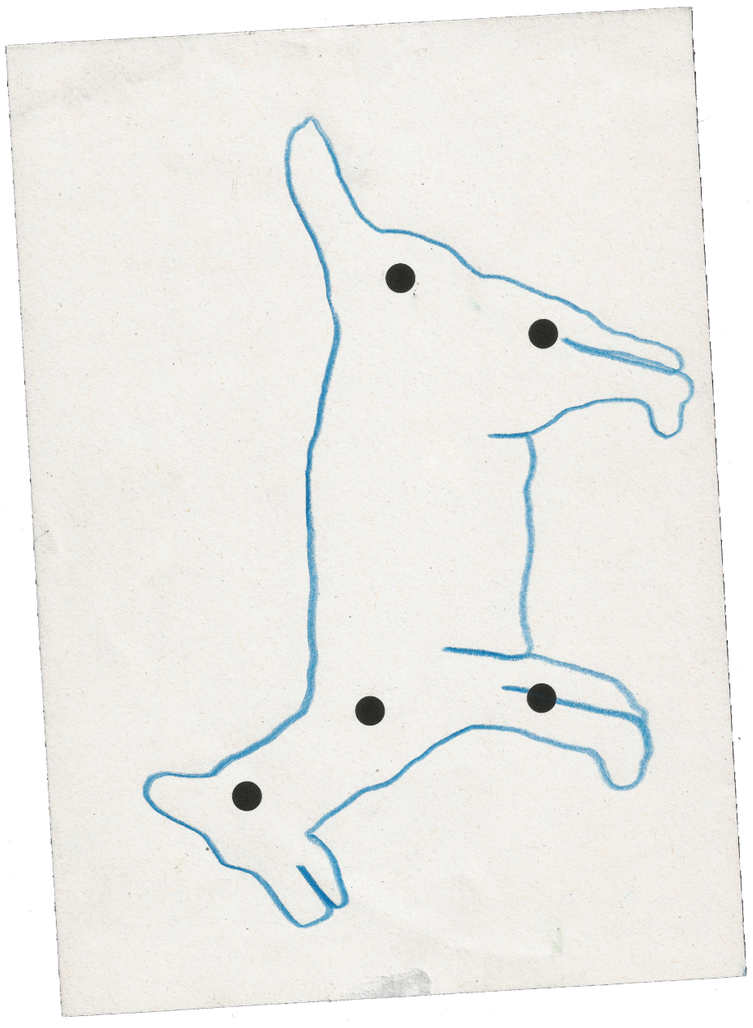


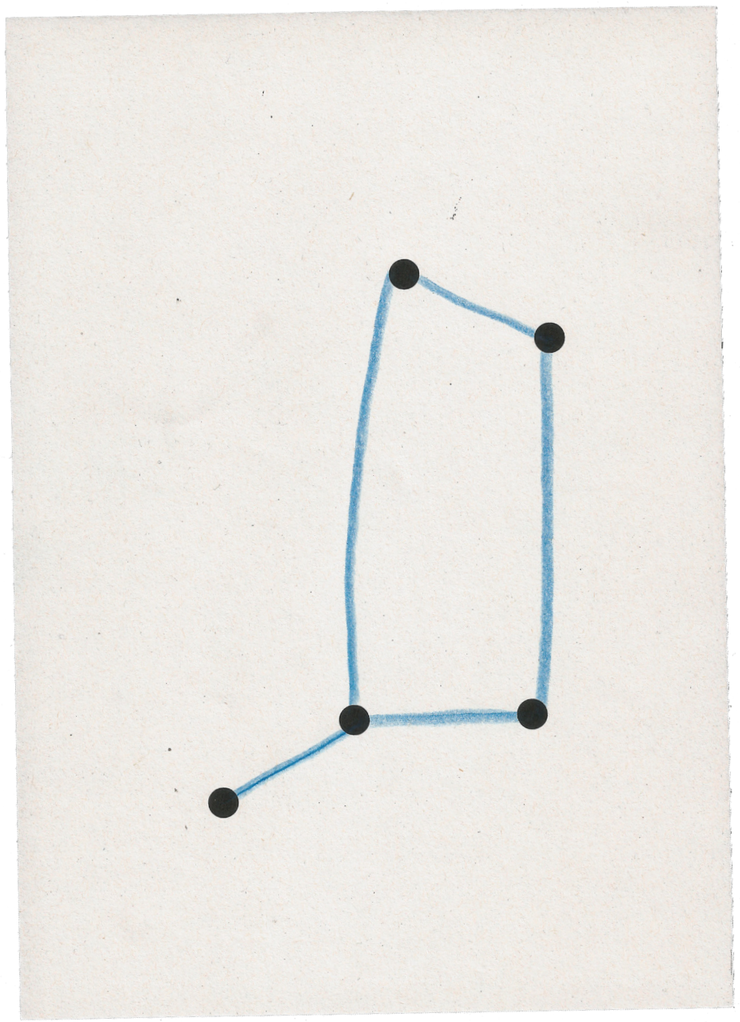


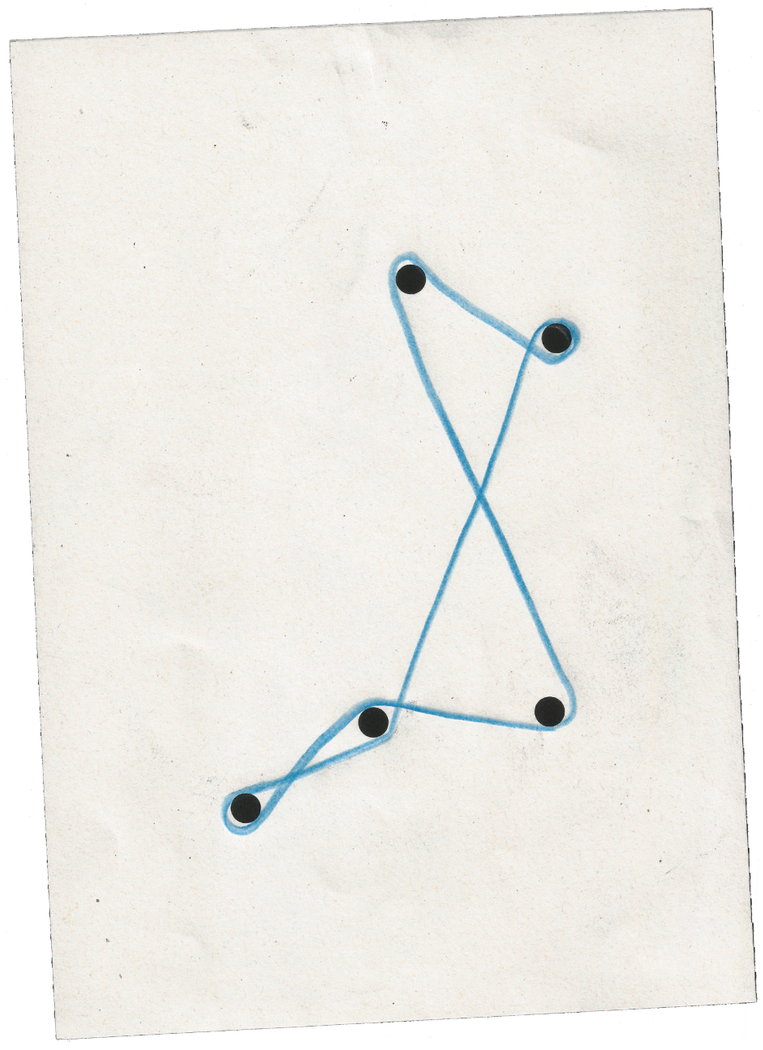


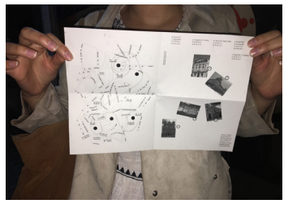






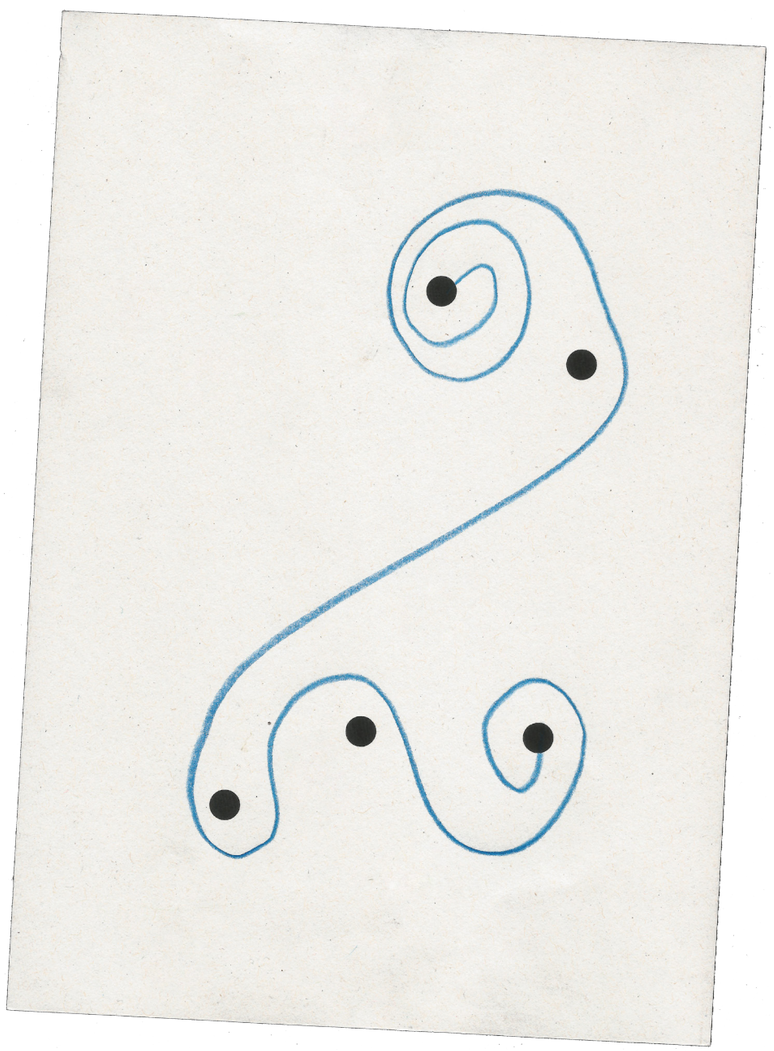


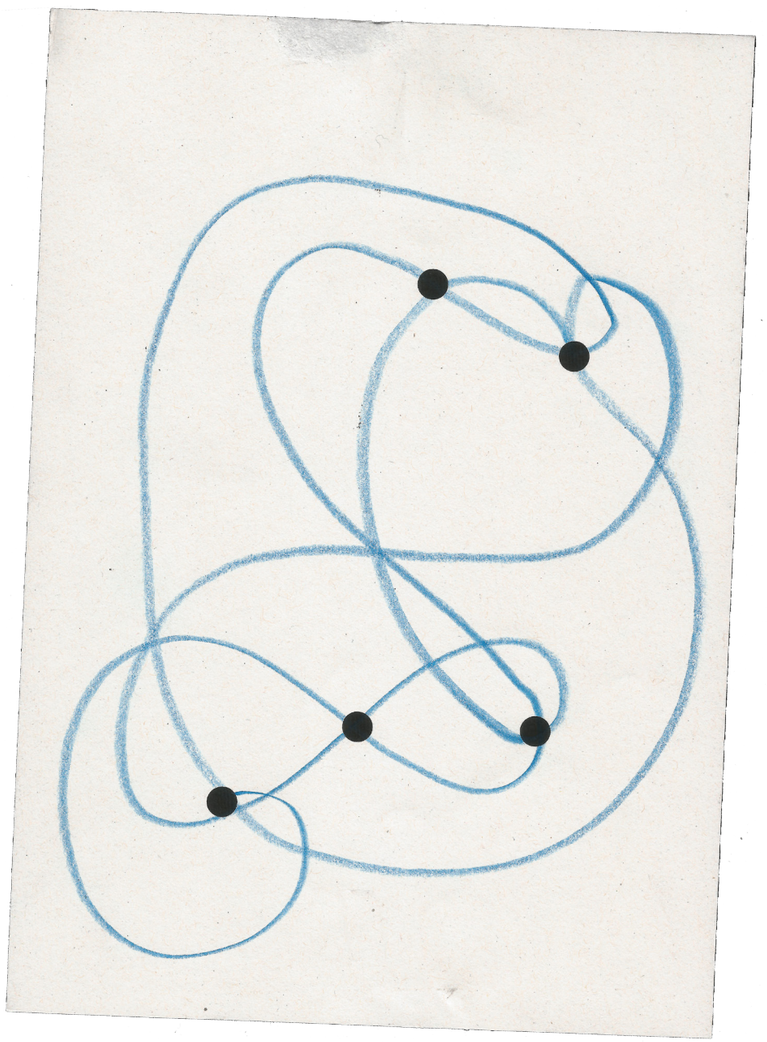


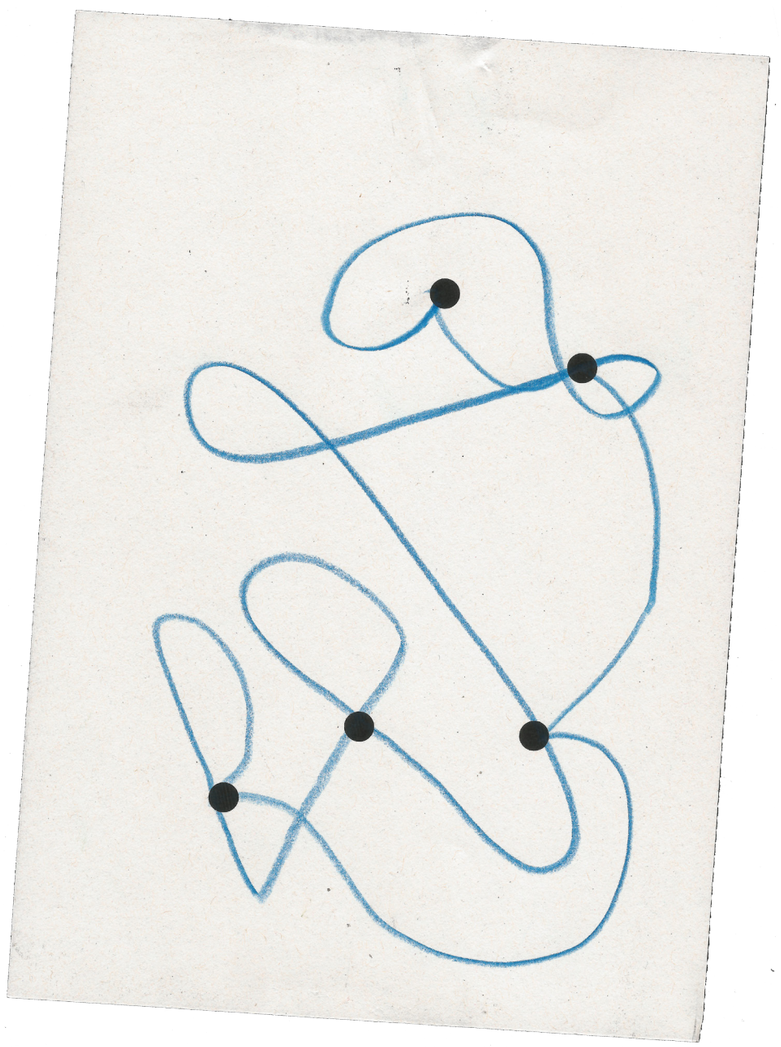


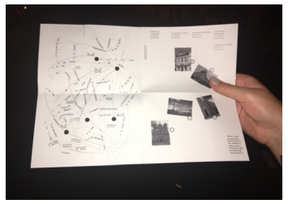


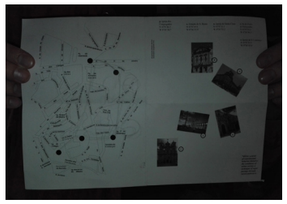


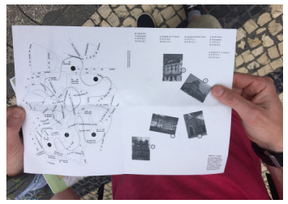


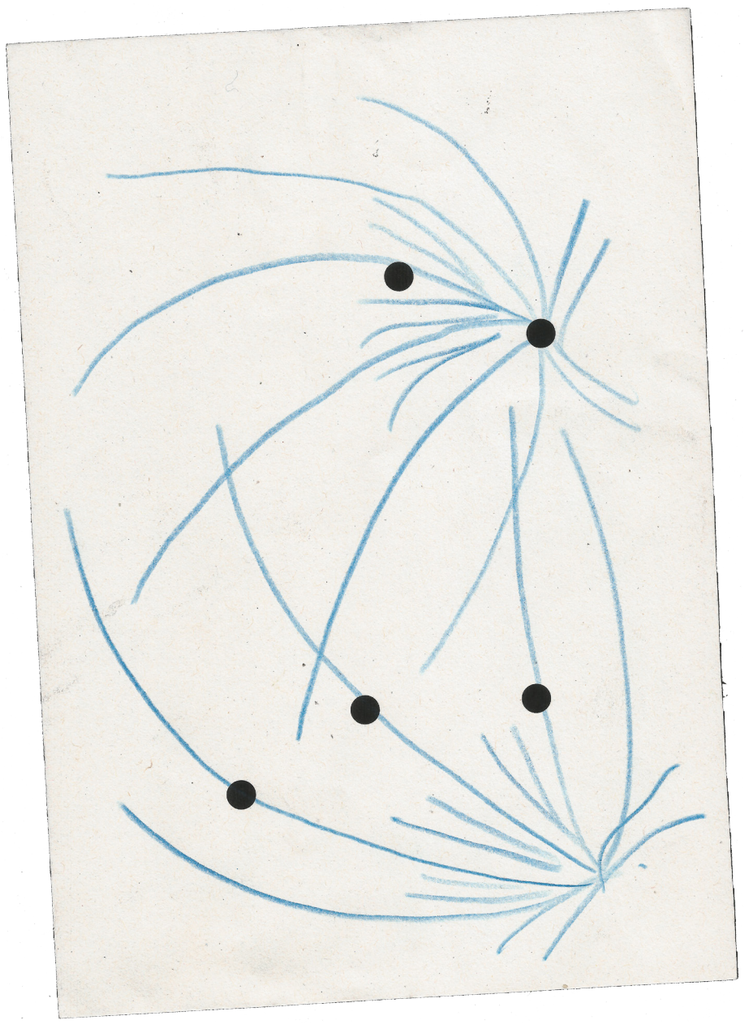


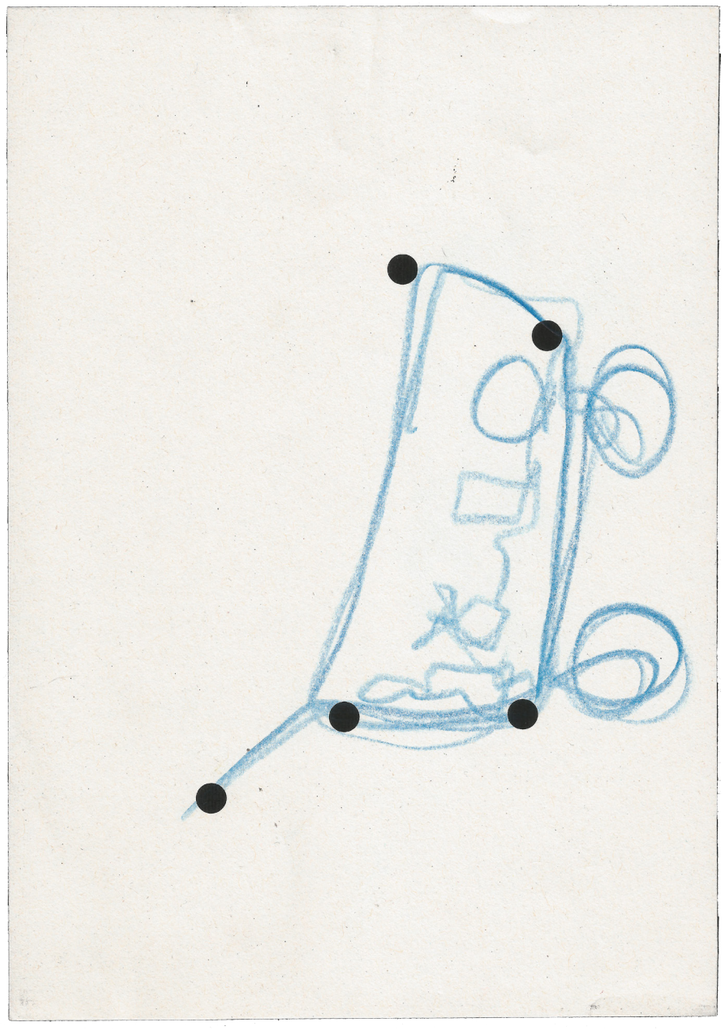


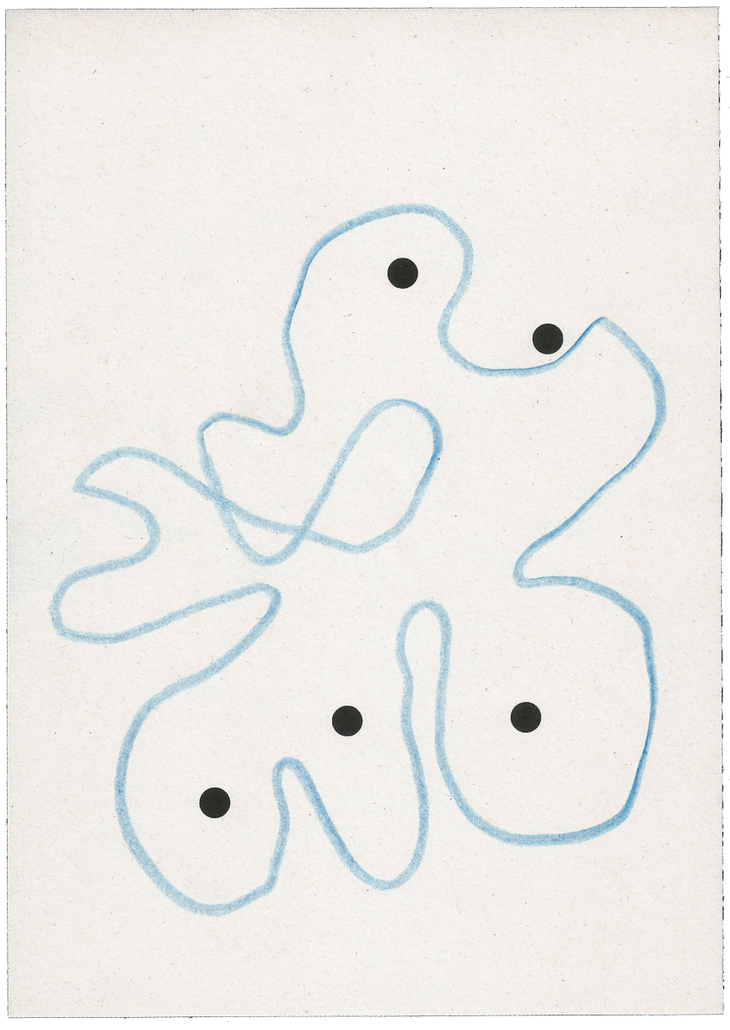


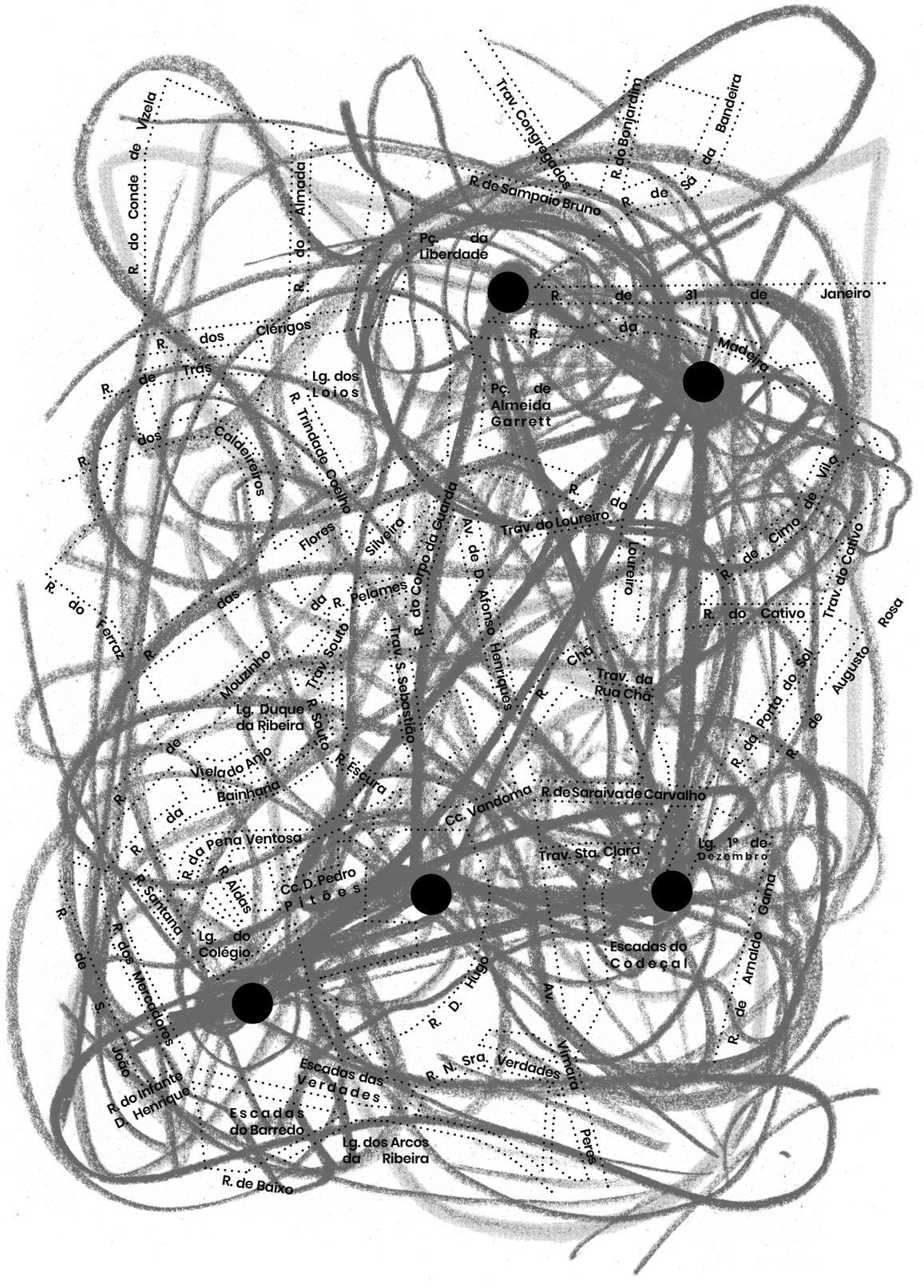












All pictures shown are for illustration purpose only.

p. Igreja dos Congregados
N 41º8’46.3
W 8º36’38.7

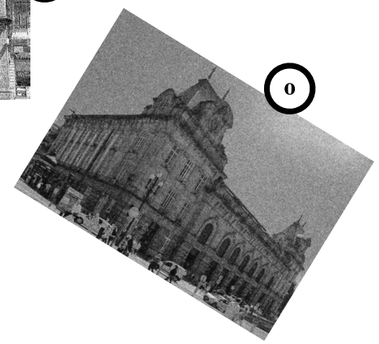
o. Estação de S. Bento
N 41º8’44.4
W 8º36’37.9

n. Igreja de Santa Clara
N 41º8’33.1
W 8º36’33.2

t. Sé do Porto & Pelourinho
N 41º8’34.2
W 8º36’40.3

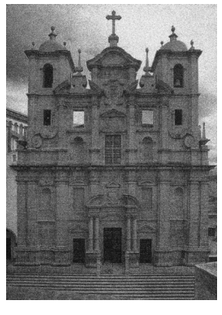
r. Igreja de S. Lourenço
N 41º8’31.9
W 8º36’45.6


p

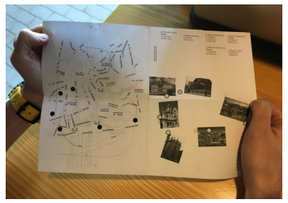

o

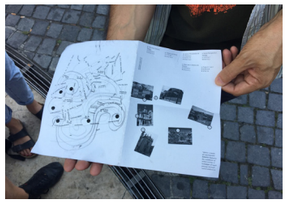

t

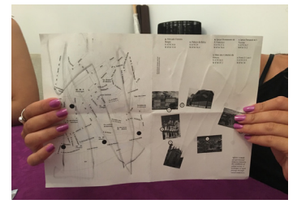

n

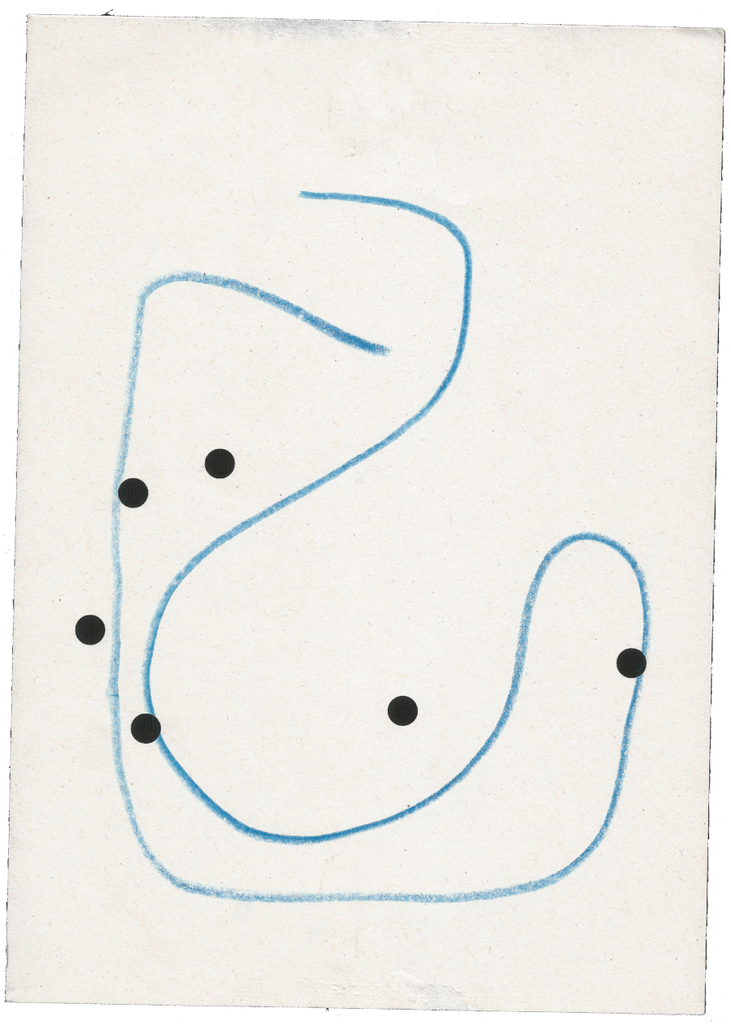

r

***dérive:** a mode of experimental behavior linked to the conditions of urban society; a technique of rapid passage through varied ambiences.*



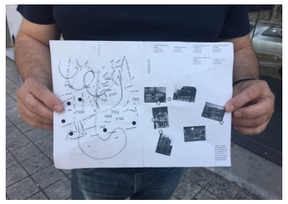


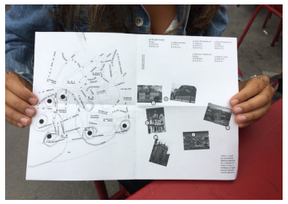


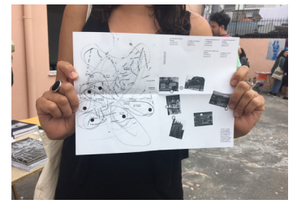




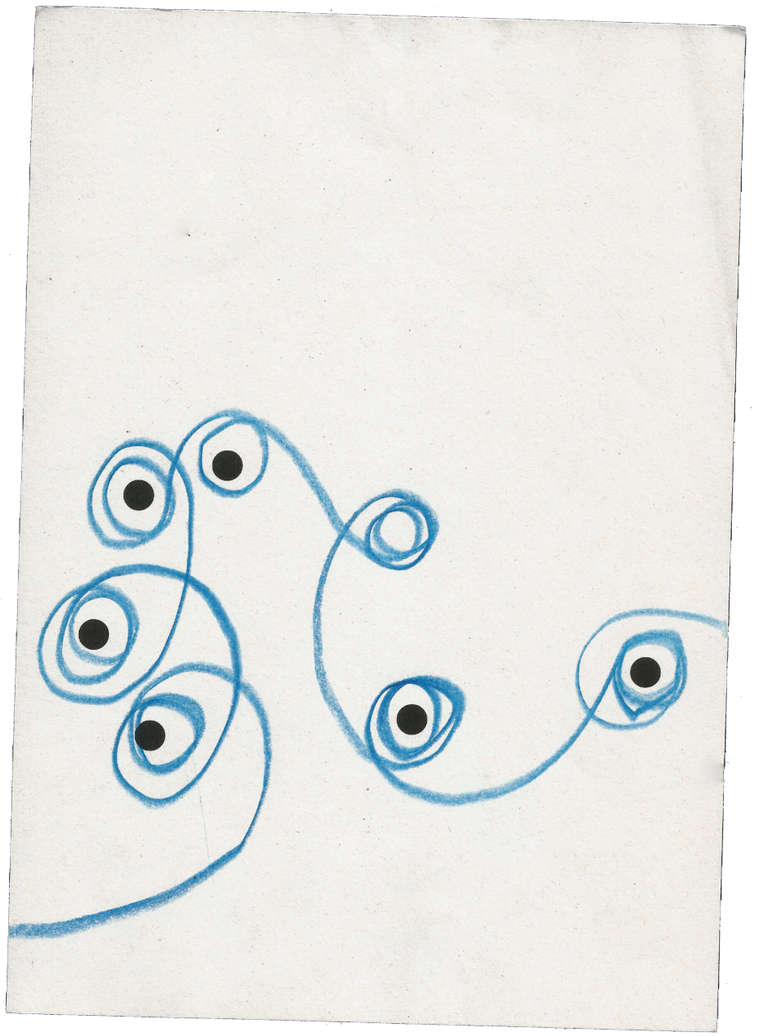


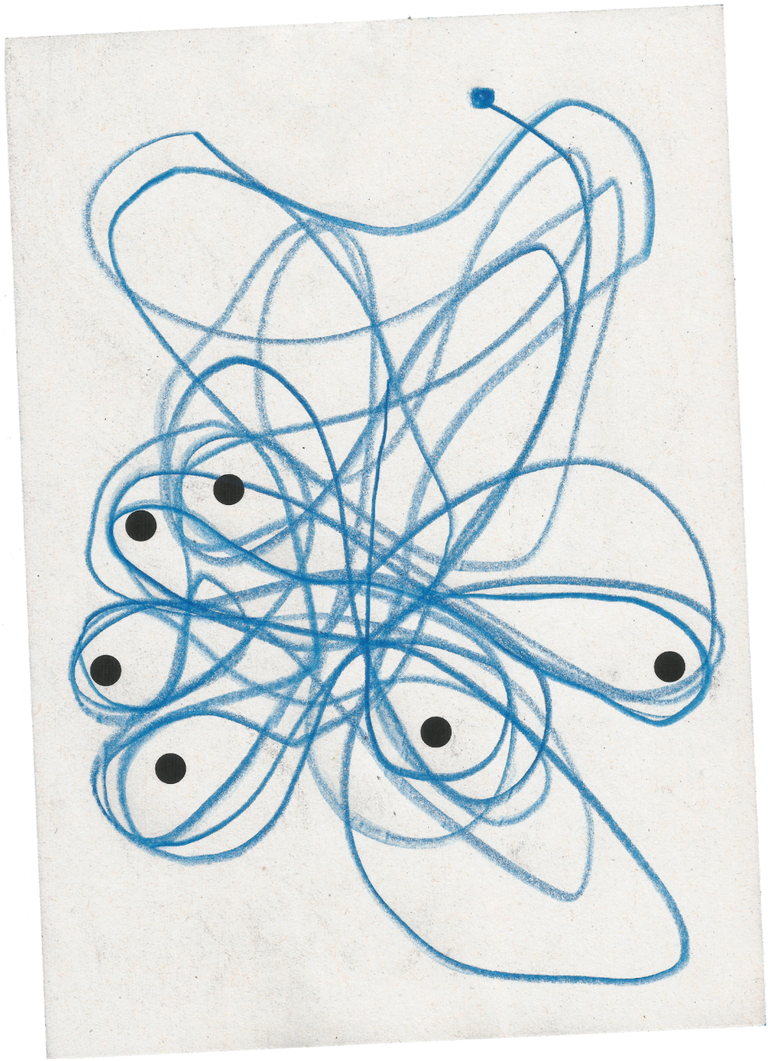


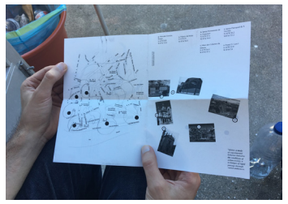


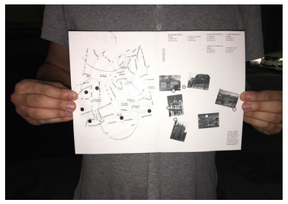


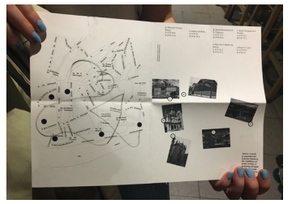


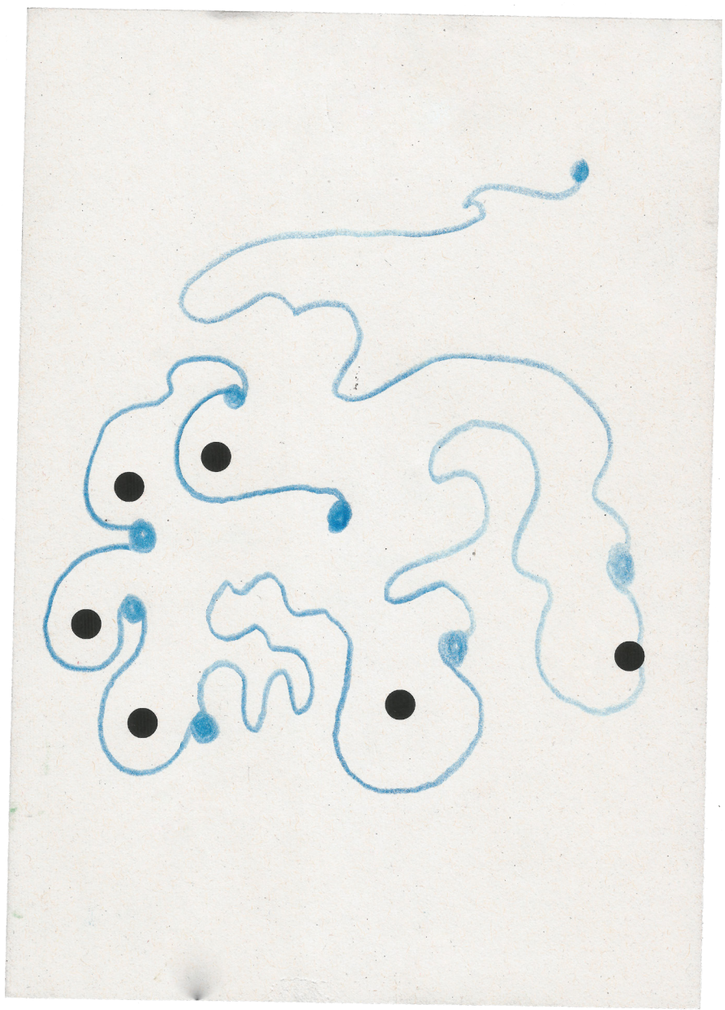


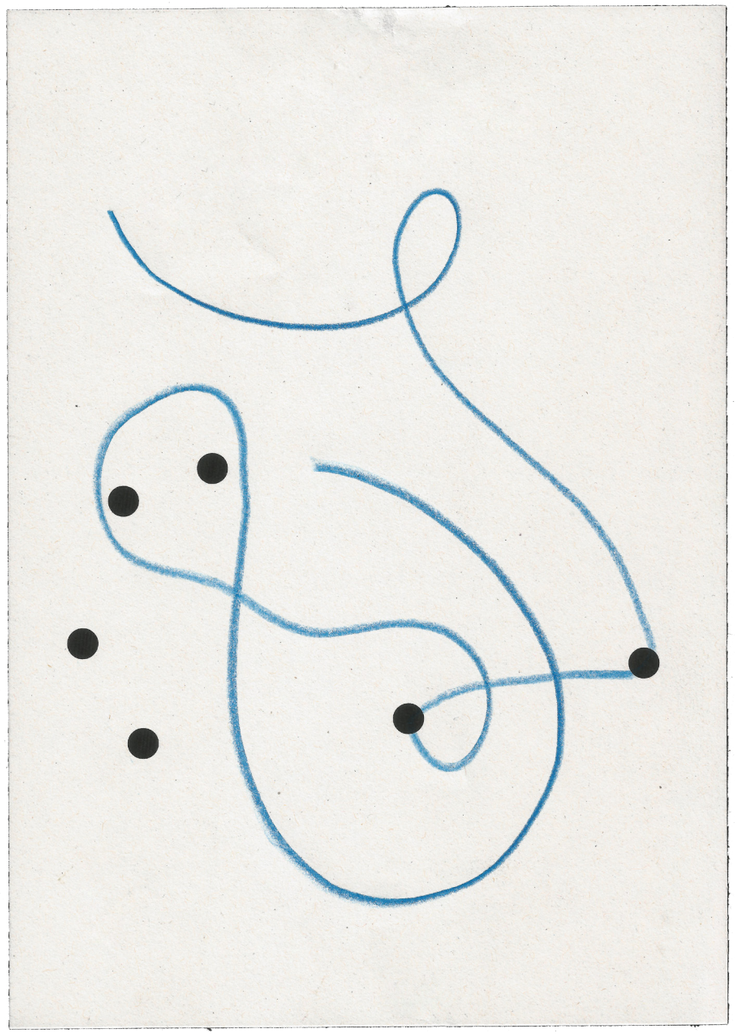


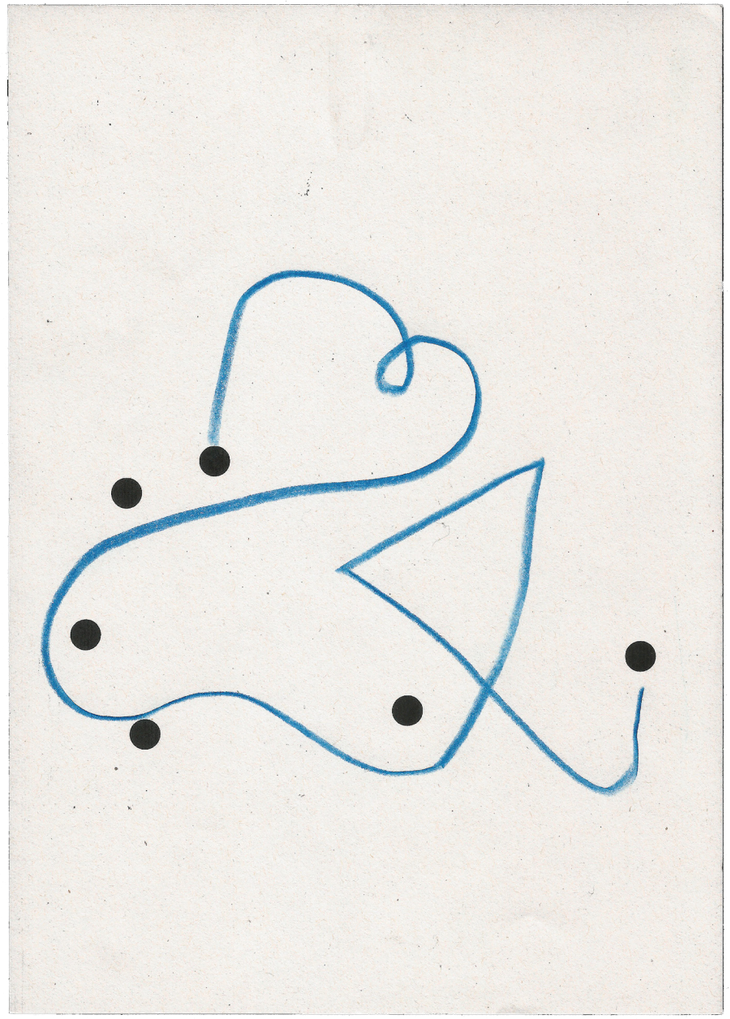


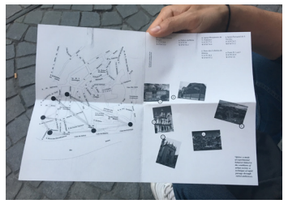


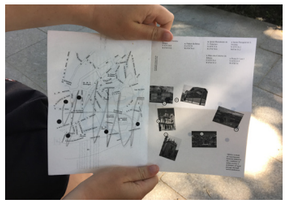


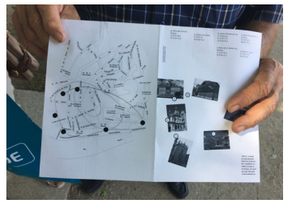


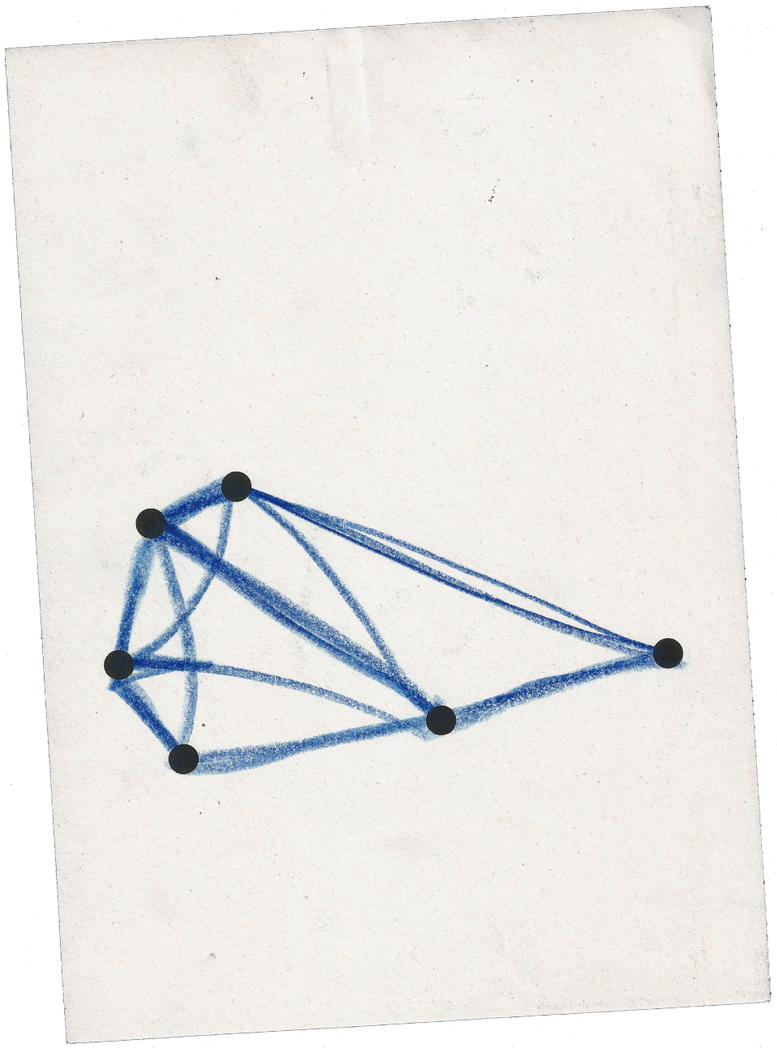




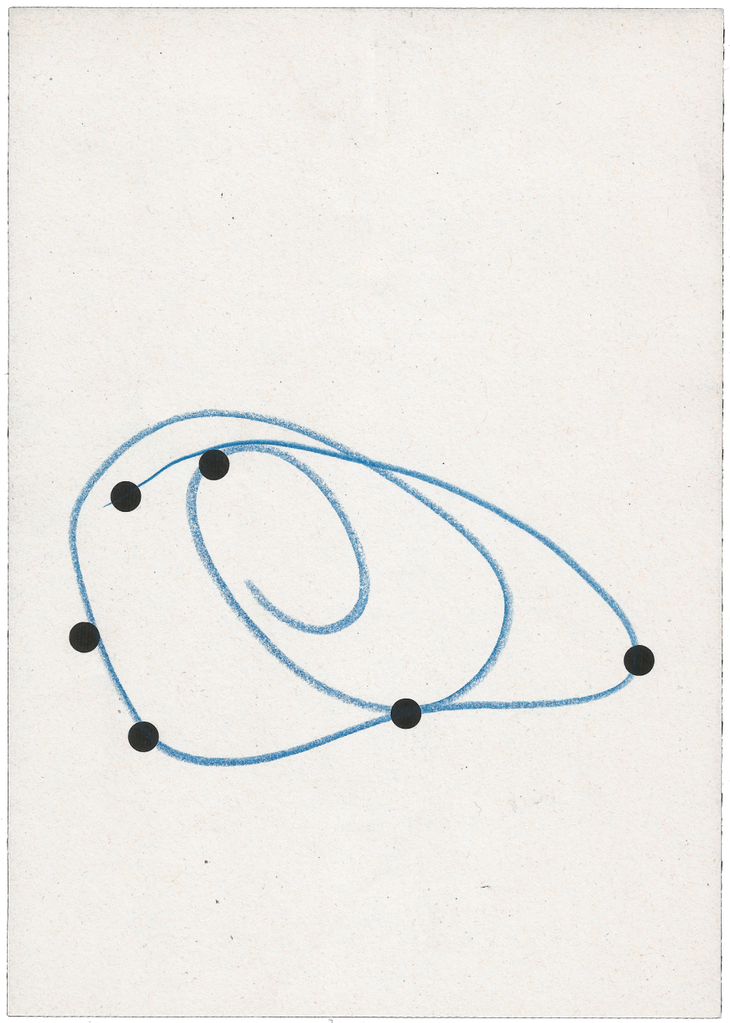


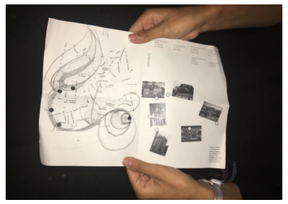




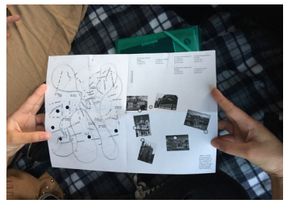


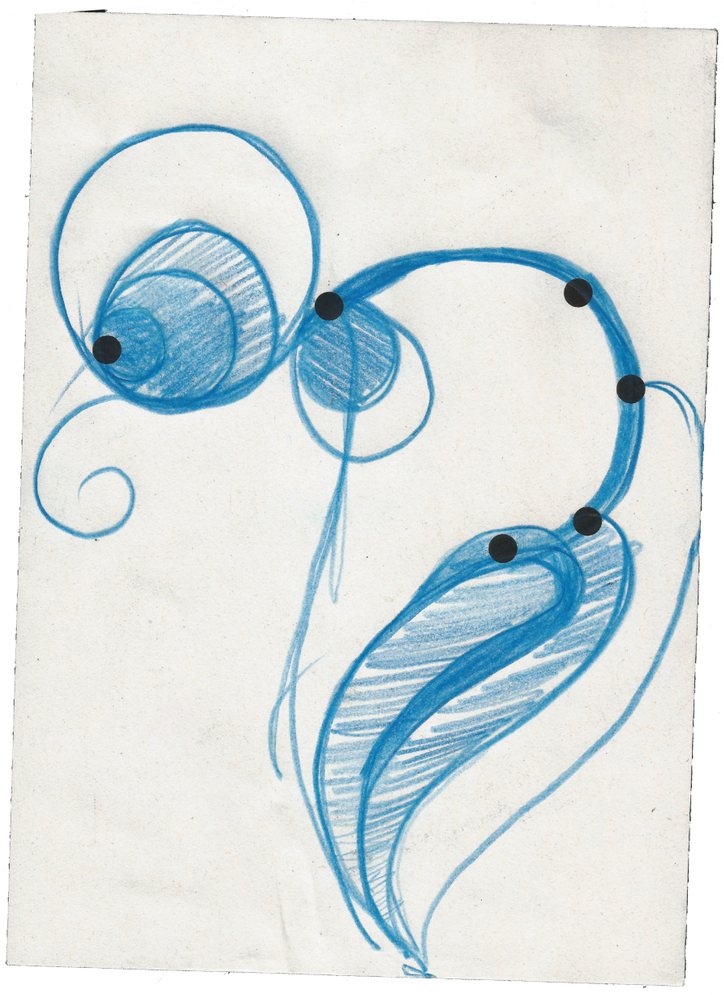


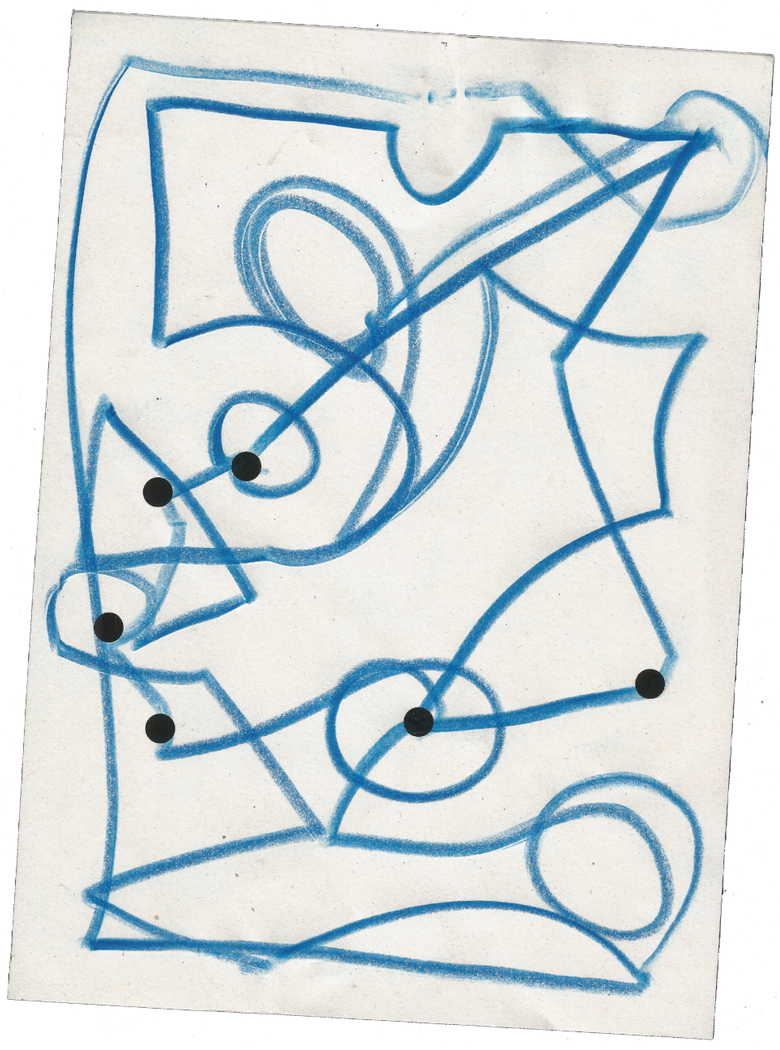


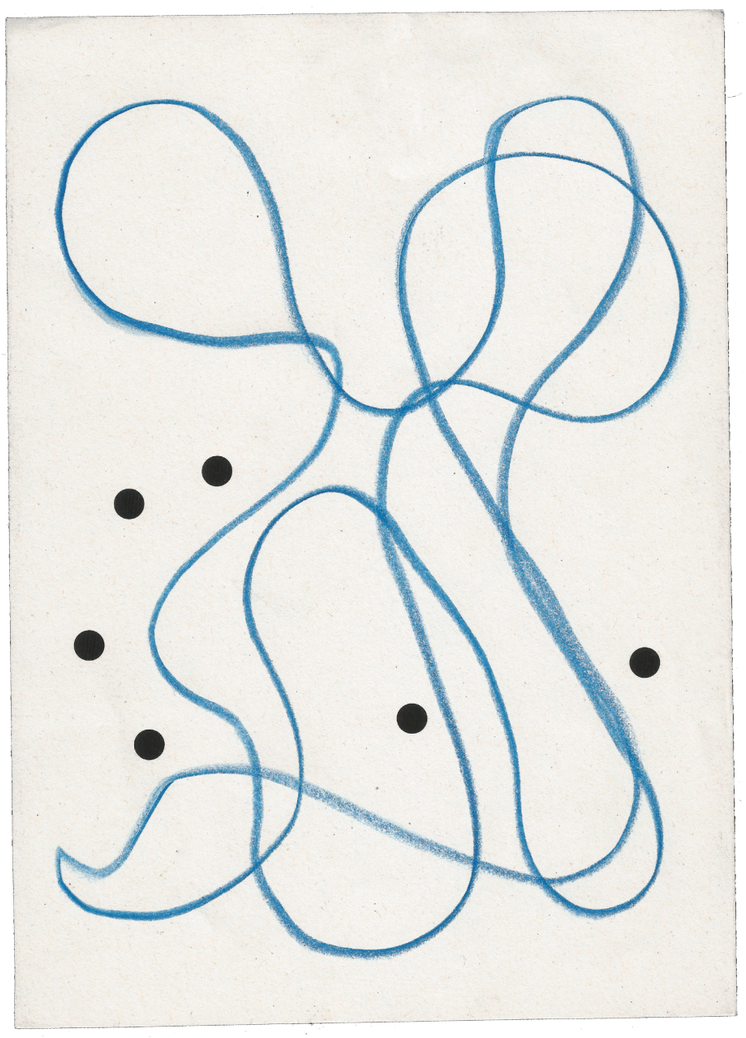


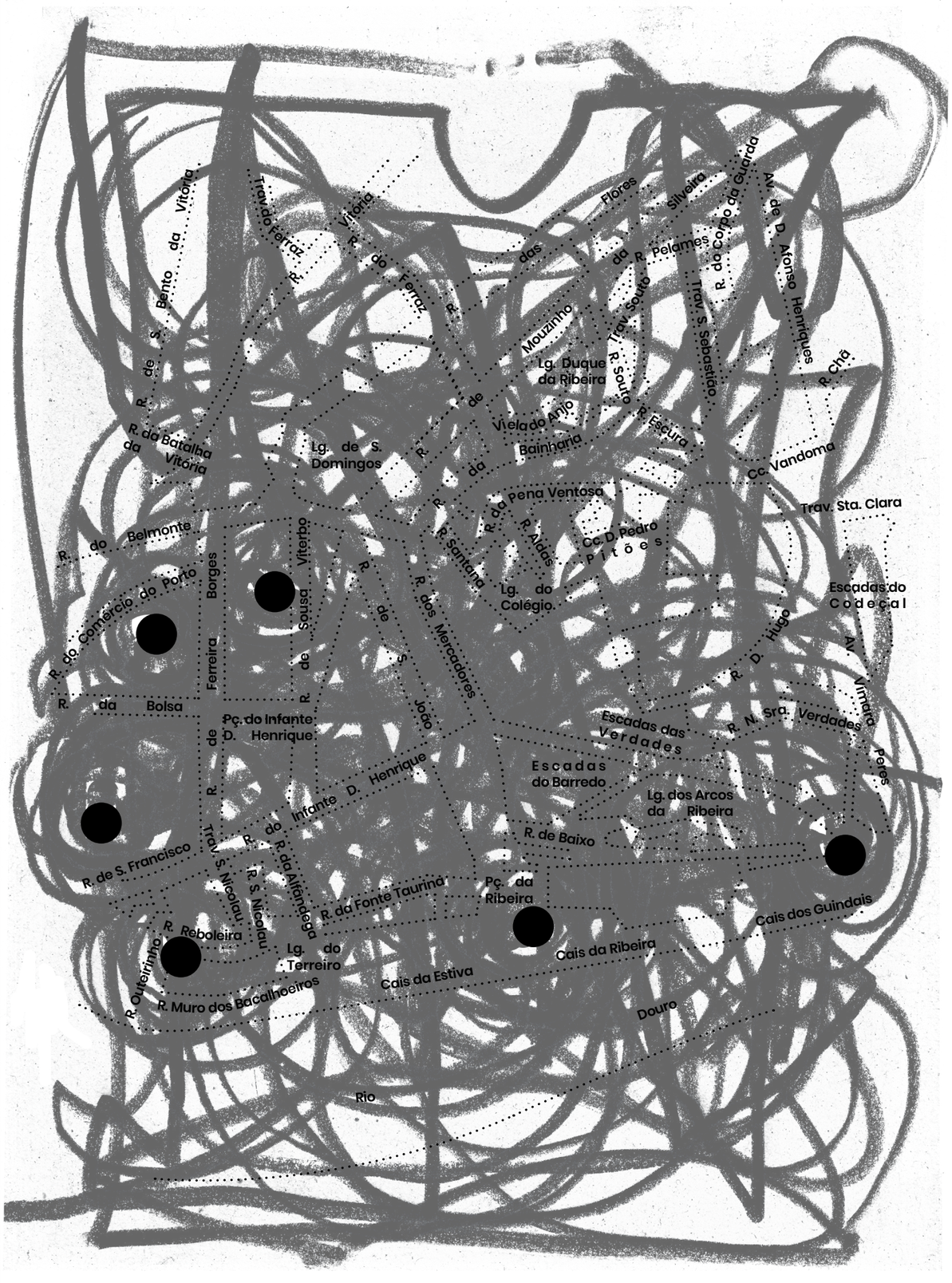












p. Mercado Ferreira Borges
N 41º8’30.8
W 8º36’53.8

o. Palácio da Bolsa
N 41º8’29
W 8º36’56.4

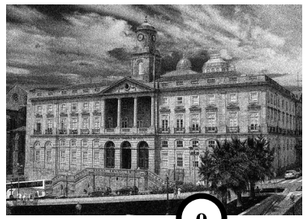
n. Igreja Monumento de S. Francisco
N 41º8’27.6
W 8º36’56.6

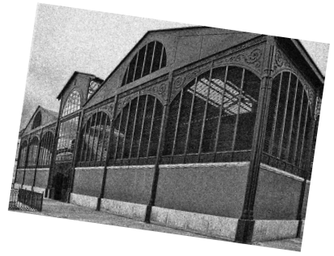
s. Igreja Paroquial de S. Nicolau
N 41º8’26.2
W8º36’55.2

t. Muro dos Cobertos da Ribeira
N 41º8’26.4
W 8º36’47.2

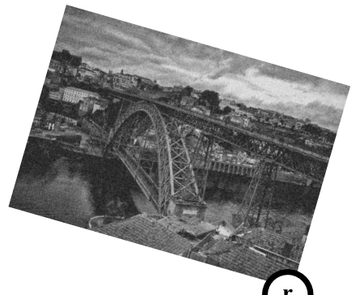
r. Ponte D. Luís I
N 41º8’23.9
W 8º36’34

All pictures shown are for illustration purpose only.

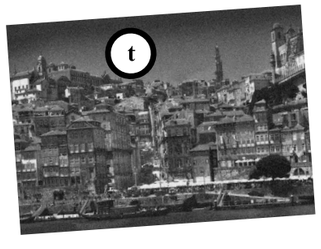

o


p


n


r


s


t

dérive: a mode of experimental behavior linked to the conditions of urban society; a technique of rapid passage through varied ambiences.


BURN BABY


Entrada
LIVRE
Caixa Geral de Depósitos










SILÊNCIO, AQUI MATA
Silver


PARAR O PETRÓLEO!
Clima
Emprego
Justiça


AMBULATÓRIO


Eu vivo ainda aqui.
Recebemos uma carta do senhorio, e a minha mãe diz que temos que ir vivir para outro sítio, mas que não sabe onde. Diz que foi o que aconteceu à dona Maria, que vivia aqui, ao senhor António que tinha a mercearia aqui, ao Manel, à Sofia e à Joana, com quem trabalhava, que viviam aqui e aqui, à dona Ana que vivia com o senhor José aqui, e ao (...)




PATRIMÓNIO




HOJE
DIZ O
QUE
PENSAS




676
672
ONTEM
HOJE
AMANHÃ


MÓVEIS E
TGV
OUTLET
Choose a drawing medium and explore the space between the dots, using them as reference or not.
Send me a pic after and I'll reply with a path :)












H37JE
DEAM
BU
LAIA
AFOGOU
HOJE
É UM
BOM
DIA!




TEM DE NEGOCIAR
DUINA TEM DE FICAR




Postcards



























Print-screens* e *still-videos
Os cartazes foram publicitados no perfil de instagram, juntamente com a sua localização, para incentivar à participação.









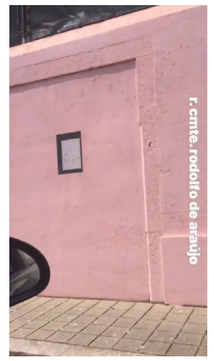
















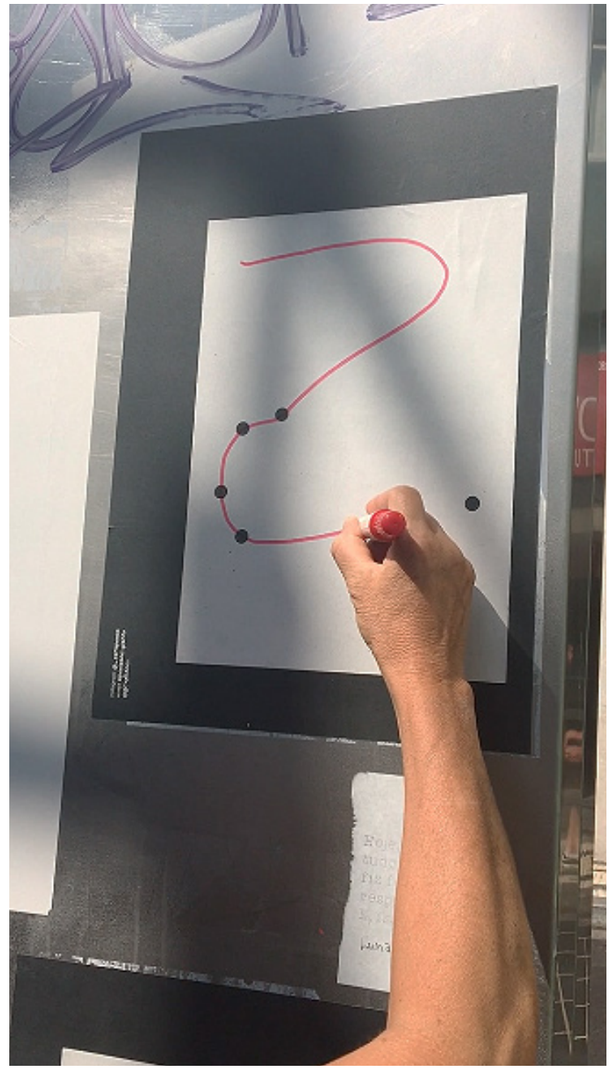




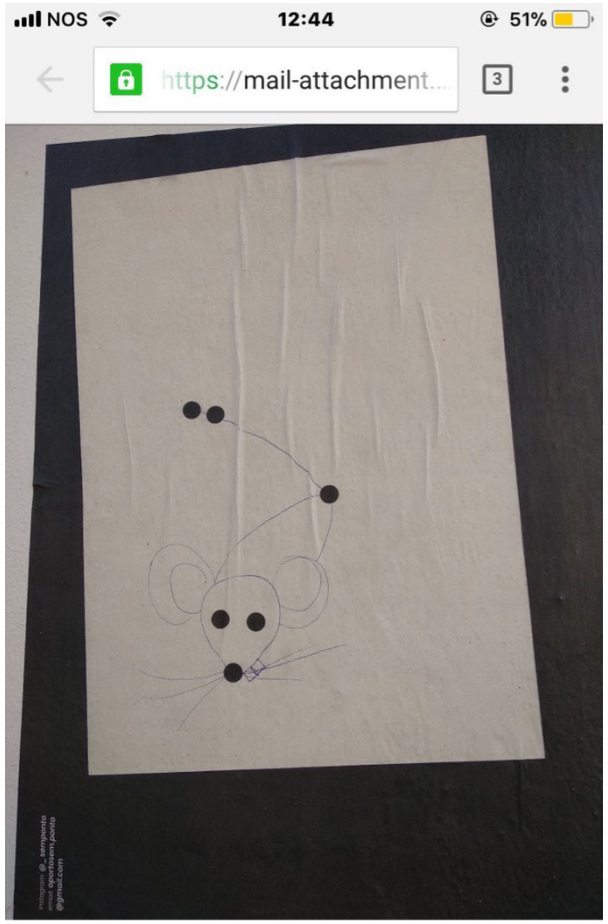
Participações DIY

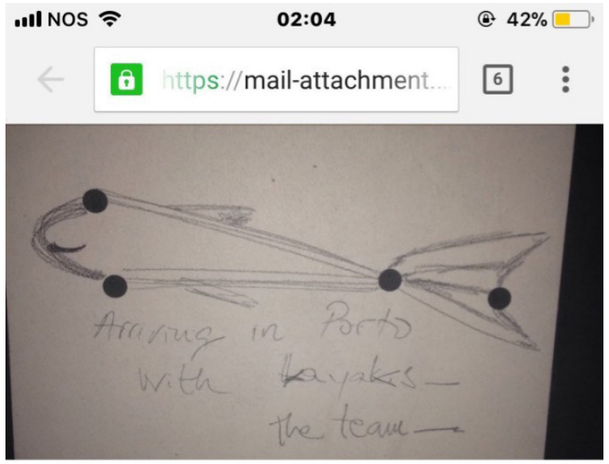



NOS
23:00
25%
anamuskaa
Ontem, 05:37
Responder
Vídeo
Escreve uma mensagem...

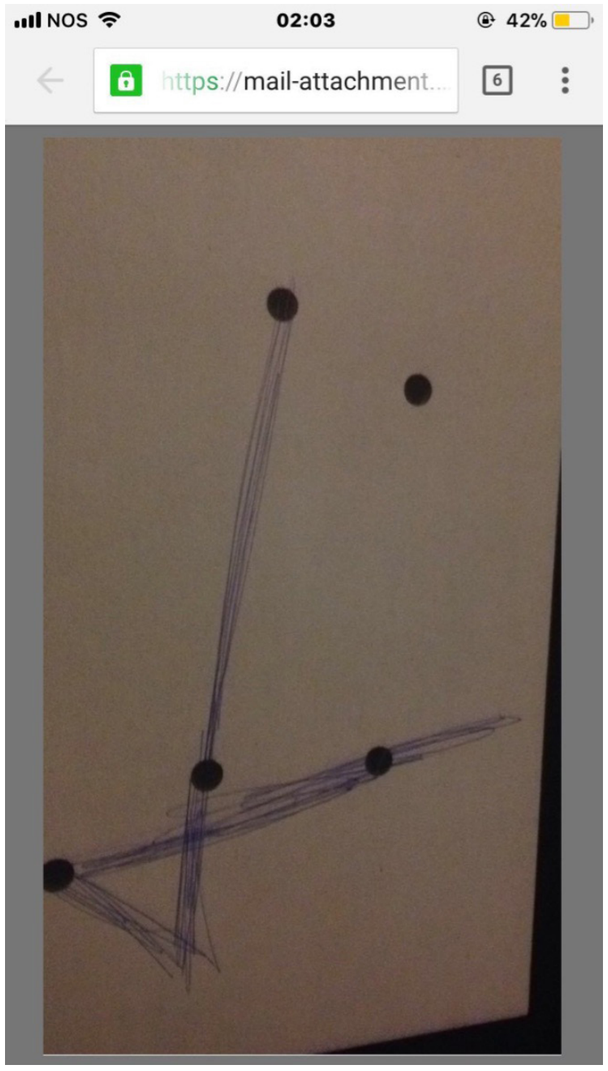





NOS
12:44
51%
https://mail-attachment...
3


NOS
02:04
42%
https://mail-attachment...
6
Arriving in Porto
with kayaks —
the team —

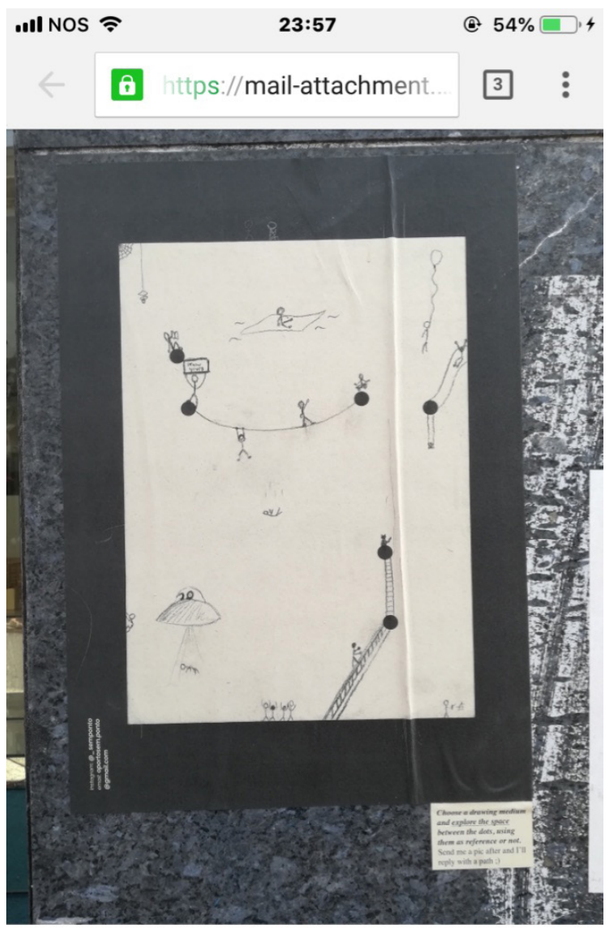

inwi
07:02
100%
guillefdezz
Hoje, 03:15
Responder
at rua do rosario i think, by esther and our group of friends, spain
Escreve uma mensagem...

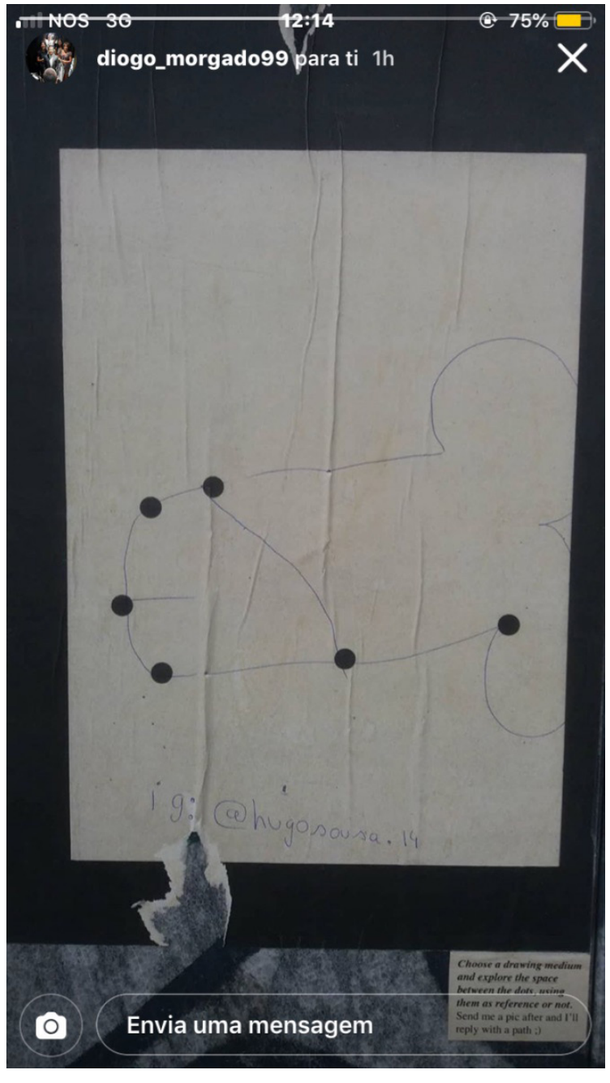

NOS
02:03
42%
https://mail-attachment...
6

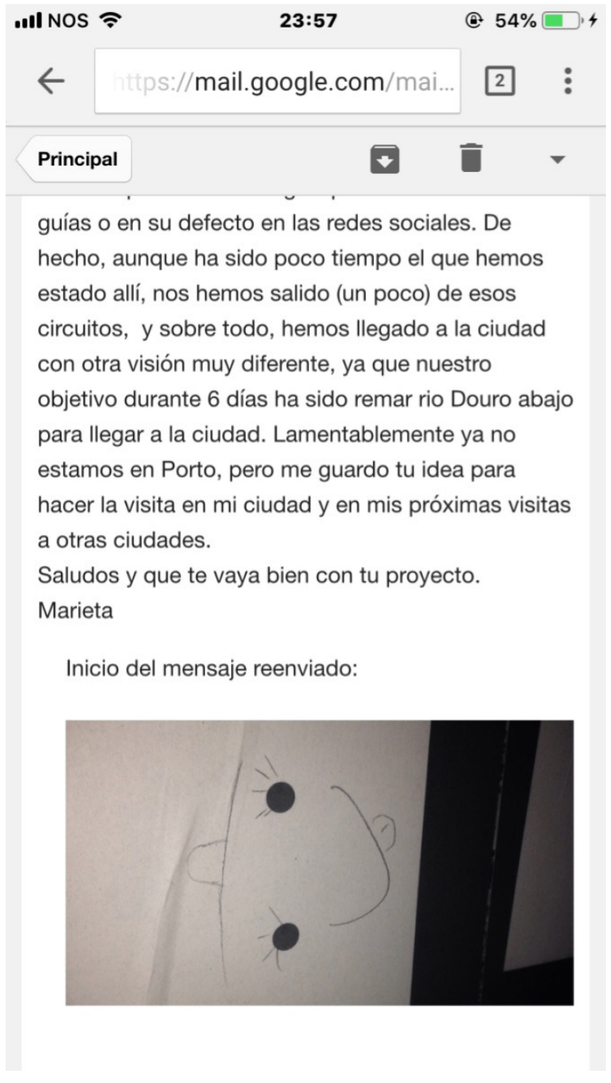

NOS
22:29
34%
https://mail-attachment...
5
Choose a drawing medium and explore the space between the dots, using them as reference or not. Send me a pic after and I'll reply with a path ;)

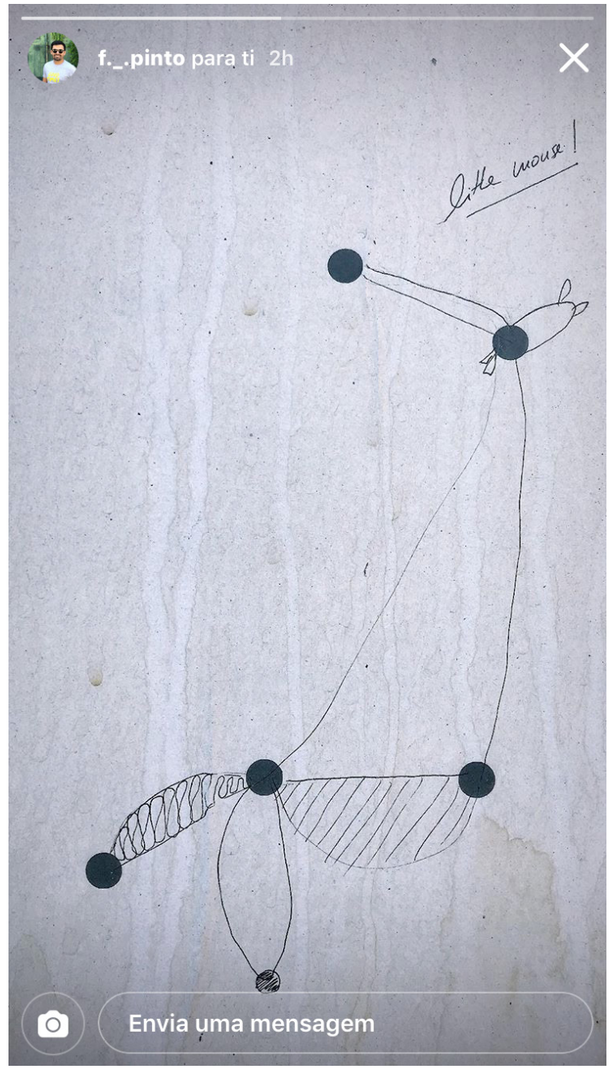

caprikka 20h
@_SEMPONTO


NOS 23:57 100%
https://mail-attachment...
2


NOS 23:57 54%
https://mail-attachment...
3


NOS 3G 12:14 75%
diogo_morgado99 para ti 1h
ig: @hugosousa.14
Choose a drawing medium and explore the space between the dots, using them as reference or not. Send me a pic after and I'll reply with a path ;)
Envia uma mensagem


NOS 23:57 54%
https://mail.google.com/mai...
Principal
guías o en su defecto en las redes sociales. De hecho, aunque ha sido poco tiempo el que hemos estado allí, nos hemos salido (un poco) de esos circuitos, y sobre todo, hemos llegado a la ciudad con otra visión muy diferente, ya que nuestro objetivo durante 6 días ha sido remar rio Douro abajo para llegar a la ciudad. Lamentablemente ya no estamos en Porto, pero me guardo tu idea para hacer la visita en mi ciudad y en mis próximas visitas a otras ciudades.
Saludos y que te vaya bien con tu proyecto.
Marieta
Inicio del mensaje reenviado:


f._.pinto para ti 2h
Envia uma mensagem

porto
→ sem
ponto
•